

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**EDUCAÇÃO POPULAR NO ASSENTAMENTO CACHOEIRA GRANDE-RJ**  
**“NARRATIVAS DE UM PERCURSO DE AUTO-FORMAÇÃO”**

**ALEXSANDRO SOARES DE PAULA**

**2013**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EDUCAÇÃO POPULAR NO ASSENTAMENTO CACHOEIRA  
GRANDE-RJ “NARRATIVAS DE UM PERCURSO DE AUTO-  
FORMAÇÃO”**

**ALEXSANDRO SOARES DE PAULA**

*Sob a Orientação da Professora*

**Marília Lopes de Campos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ  
Agosto de 2013

370.115098153

P324e

T

Paula, Alessandro Soares de, 1972-  
Educação popular no Assentamento  
Cachoeira Grande-RJ "narrativas de um  
percurso de auto-formação" / Alessandro  
Soares de Paula. - 2013.  
113 f.: il.

Orientador: Marília Lopes de Campos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de  
Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2013.  
Bibliografia: f. 38.

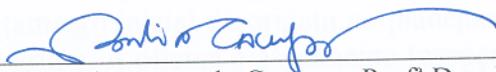
1. Educação popular - Assentamento  
Cachoeira Grande (Magé, RJ) - Teses. 2.  
Rede de Educação Cidadã - Teses. I.  
Campos, Marília Lopes de, 1964- II.  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em  
Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

ALEXSANDRO SOARES DE PAULA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/09/2013.



---

Marília Lopes de Campos, Prof<sup>a</sup>.Dra. UFRRJ



---

Lana Claudia de Souza Fonseca, Prof<sup>a</sup>.Dra. UFRRJ



---

Rafael dos Santos, Prof. Dr. UERJ

## RESUMO

PAULA, Alexsandro Soares de. **Educação popular no assentamento cachoeira grande-rj “narrativas de um percurso de auto-formação”**. 2013. p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2013.

Apresento neste trabalho meu percurso formativo, minha trajetória de vida, as experiências de educação popular e organicidade em rede que vivenciei no Assentamento Cachoeira Grande em Piabetá-RJ, enfocando as atividades da RECID-RJ durante o período de 2007 a 2010. Saliento que a educação popular não tem uma metodologia pronta, uma cartilha a ser seguida, partindo dos conhecimentos experienciados pelos sujeitos em seus contextos de vida. Buscou-se experimentar a identificação dos componentes da cultura e a produção cultural dos próprios segmentos populares; promover participação efetiva do educador como agente mediador do processo de transformação do sujeito popular em agente político; o empoderamento dos meios e canais dos conhecimentos/saberes populares; a construção de práticas e processos pedagógicos dialógicos entre educadores/educandos partindo das características dos sujeitos coletivos e individuais, destacando que compreendemos por “rede” uma articulação, um conjunto de várias organizações parceiras que possuem o mesmo objetivo. A relação se dá de forma horizontal, dialética nas decisões, relações e partilha das informações. O Núcleo trabalha identificando, inicialmente, o “tema gerador” que é o ponto de partida para a problematização e para a construção de conteúdos programáticos a partir de situação concreta diagnosticada pelo grupo, momento em que se define por onde o diálogo começará. Não se trata de improviso ou de espontaneísmo, mas sim de construir o conteúdo programático a partir de temas significativos para os sujeitos educandos em seus diversos contextos de vida cotidiana. Este levantamento inicial dá origem ao planejamento da sequência de oficinas que faz sentido para cada grupo. A oficina é o momento (espaço/tempo) de formação que envolve: (1) confraternização e acolhimento; (2) problematização; (3) aprofundamento teórico; e (4) encaminhamentos (tirada de tarefas e de ações práticas). Tal metodologia proposta pauta-se na ideia de que toda atividade formativa deve originar uma ação concreta de intervenção. Na atividade de educador popular pela RECID, através de oficinas com os núcleos de agricultores (as), jovens, crianças e mulheres, além de uma riquíssima oportunidade de vivência e aprendizado de minha parte, visto que o substancial deste trabalho e a forma pela qual me vi nesse processo de auto-formação. Pôde-se produzir um rico material de pesquisa e análise, de sistematização dos registros escritos e audiovisuais, bem como da discussão de como educadores, militantes sociais e agricultores ressignificam formas de sociabilidade, de conhecimentos, de partilha de informações e de poder em processos de formação numa perspectiva emancipatória.

Palavras-chave: Educação Popular, Rede, Tema Gerador.

## ABSTRACT

PAULA, Alexsandro Soares de. **Educação popular no assentamento cachoeira grande-rj “narrativas de um percurso de auto-formação”**. 2013. p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, seropédica, RJ. 2013.

I present my work in this training path, my journey of life, the experiences of popular education and organicity network that experienced in Waterfall Grande Settlement in Piabetá-RJ, focusing on the activities of recid-RJ during the period 2007 to 2010 emphasize that the popular education has no ready method, a primer to be followed, based on the knowledge experienced by the subjects in their life contexts. We attempted to try to identify the components of culture and the cultural production of own popular segments; promote effective participation of the educator as mediator agent of the transformation of the popular subject in political agent process; empowerment means and channels of knowledge / popular knowledge; building practices and dialogic between educators / students leaving the characteristics of the collective and individual subjects pedagogical processes, highlighting what we understand by "network" a joint, a set of several partner organizations have the same goal. The relation is in horizontal form, dialectic decisions, relationships and sharing of information. The Center works to identify, initially, the "theme generator" which is the starting point for inquiry and the construction of program from concrete situation diagnosed by the group, at which defines where to begin dialogue content. It is not improvisation or spontaneity, but to build the program content from significant for subjects students in its various contexts of everyday life themes. This initial survey gives rise to planning the sequence of workshops that make sense for each group. The workshop is the time (space / time) training that involves: (1) socializing and hosting; (2) questioning; (3) theoretical study; and (4) referrals (taken from practical tasks and actions). This proposed methodology is guided on the idea that all training activity should lead to concrete action to intervene. In the activity of the popular educator recId through workshops with the nuclei of farmers (as), youth, children and women, as well as a rich opportunity to experience and learning on my part, since the substantial work and the way I found myself in this self-training process. It was possible to produce a rich body of research and analysis, systematization of written and audiovisual records, as well as discussion of how educators, social activists and farmers resignify forms of sociability, knowledge, sharing of information and power in processes training an emancipatory perspective.

Keywords: Popular Education Network, Theme Generator.

## SUMÁRIO

<b>1 – MEU PERCURSO FORMATIVO COMO EDUCADOR POPULAR E O SURGIMENTO DO TEMA DESTA PESQUISA .....</b>	<b>1</b>
<b>2 – CONTEXTUALIZANDO CACHOEIRA GRANDE: BREVE HISTÓRICO, SUA INSERÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR.....</b>	<b>17</b>
2.2 – A chegada da RECID em Cachoeira Grande – Organização e consolidação de um trabalho em Rede. ....	20
<b>3–SISTEMATIZAÇÃO DAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>CONCLUSÕES:.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS: .....</b>	<b>39</b>

## **1 – MEU PERCURSO FORMATIVO COMO EDUCADOR POPULAR E O SURGIMENTO DO TEMA DESTA PESQUISA**

Ingressei no primeiro semestre do ano 2000 no Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica-RJ. O meu primeiro desafio na graduação foi viabilizar minha sobrevivência no dia a dia do Campus, já que tinha 26 anos à época, havia sido metalúrgico em Volta Redonda-RJ e sentira na pele todas as transformações de uma cidade tida como o marco da industrialização do país.



**Figura 1-Volta Redonda. Antes da Usina, havia os Laranjais. Fonte: PMVR**

Vivência de uma Volta Redonda que, de marco do projeto desenvolvimentista de Getúlio Vargas com foco na indústria de base se transformou, na década de 1990, numa outra cidade, transfigurada pelo processo de privatização de empresas e de serviços estatais no Governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC).

A cidade passou por intensas transformações, inclusive a que redefiniu a relação anteriormente “umbilical” com a empresa estatal – Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) - devido à mudança estratégica da ação do Estado em contraponto à histórica organização operária somada à atuação política da Diocese Local alinhada à chamada Teologia da Libertação.

**CSN: Construção.**



**Figura 2-Trabalhadores chegando ao canteiro de obras. Fonte: Acervo da Diocese: BP-VR**



**Figura 3-Visita de Getúlio Vargas. Fonte: PMVR**

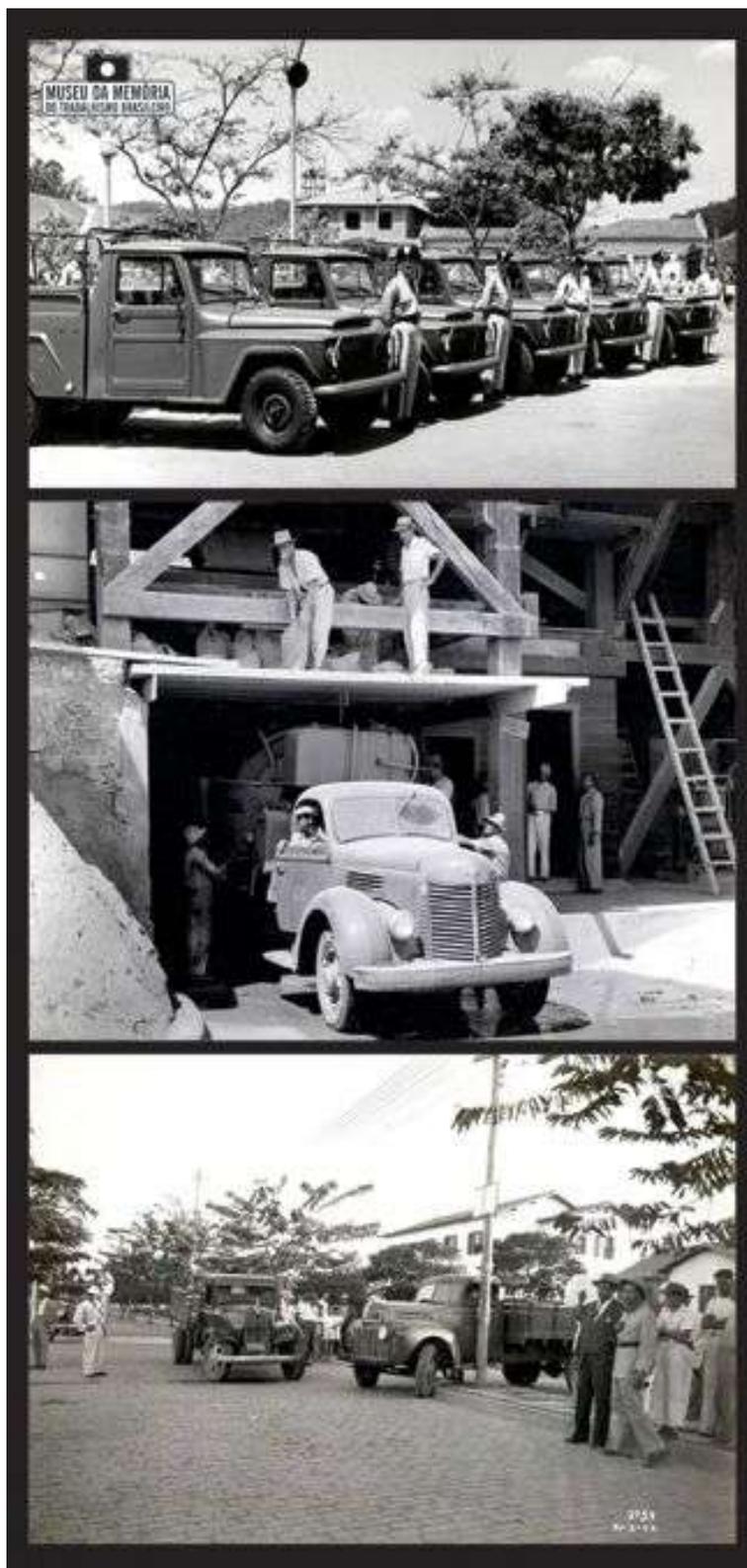


Figura 4- Construção da Usina. Fonte: Acervo da Diocese: BP-VR

Sou filho caçula de uma família de agricultores “meeiros”, vindos do estado do Espírito Santo na década de 1970. Vivi minha infância em Volta Redonda e embora tenha crescido numa cidade historicamente operária, sempre tive como referência, no seio familiar, toda uma cultura de vida camponesa, com hábitos, linguajar e costumes comuns ao dia a dia de uma família de agricultores, diga-se de passagem, cotidiano comum a muitas famílias na

época, fruto de uma migração numerosa de mineiros e capixabas para Volta Redonda, área de implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).



Figura 5-Estação Ferroviária da CSN. Fonte: Diocese: BP-VR

É importante nos lembrar da criação da CSN, em 1943, pelo governo de Getúlio Vargas, e sua política trabalhista, durante o Estado Novo. A idealização de Volta Redonda como marco da industrialização do País.



Figura 6-Trabalhadores recém-chegados e qualificados em ofícios. Fonte: Diocese: BP-VR

Além da Empresa, havia o Recreio do Trabalhador (Complexo socioesportivo), o Estádio Municipal, os Grêmios Recreativos e clubes sociais para o entretenimento dos trabalhadores, a presença de uma filial da Radio Nacional, e a criação do time de futebol profissional da cidade, por influência direta dos militares

Lembro-me de muitas histórias, aquelas que nos foram contadas tantas vezes por nossos pais e avós, como se sempre as contassem pela primeira vez... Mas a que mais me marca é a de meu pai, agricultor – e por vezes também mascate devido à necessidade – chegando a Volta Redonda, com mulher e sete filhos pequenos, na companhia de outros vizinhos meeiros, vindos de trem da cidade de Carangola – MG até a antiga estação em Barra Mansa-RJ, com a mudança – móveis velhos, sacos com mantimentos, latas de gordura contendo carne de porco conservada, lamparinas, retratos de tinta a óleo dos pais e avós,

maxambombas<sup>1</sup>, binóculos coloridos de “negativos” de fotos e fotografias de lambe-lambe... Também traziam algumas ferramentas de trabalho que pareciam não ter mais sentido para aquela nova realidade.

Não são raros os relatos de antigos moradores dos caminhões que iam buscar as famílias nas lavouras de café em Minas Gerais e Espírito Santo, para virem para Volta Redonda



Figura 7-Estação Ferroviária de Barra Mansa- Fonte: arquivo PMBM

Meu pai conta que, ao chegar à cidade e arranjar moradia, decidiu ir procurar trabalho. Quando chegavam, as famílias dos novos operários eram colocadas em barracões coletivos, precários e insalubres, com pouca água e comida e com banheiros improvisados. Meu pai logo cedo saiu, indo em direção à entrada da fábrica (chamada por todos de “usina”), sendo logo repreendido e indagado, com certa ironia pela segurança, para onde pretendia ir. Meu pai disse: “Vou arrumar serviço, pois tenho filhos pra dar de comer!”

‘Mas o senhor não pode entrar aqui na fábrica com essa enxada! Volte Amanhã!’- disseram para ele. Meu pai tinha 45 anos e viu que não mais seria lavrador e sim um operário, virando, a partir de então, um “arigó”, expressão usada para aqueles que faziam serviços braçais.



Figura 8-Meus irmãos: Cléusio, Paulo, Célia e Ceil. Fonte: Arquivos de família



**Figura 9-Vista Aérea da CSN em construção. Fonte: PMVR**



**Figura 10-CSN em construção. Fonte: Acervo CSN**



Figura 11- Construção do Alto Forno. Fonte: Diocese BP-VR



Figura 12-Fonte: Acervo CSN



Figura 13- Cidade nos dias de hoje. Fonte: PMVR

Lembro-me dos ônibus que circulavam na cidade, com os operários uniformizados,

sentados ou em pé, levando seus capacetes nas cabeças ou embaixo dos braços, pois só entravam na empresa com os mesmos. Por isso, levavam os capacetes para a casa, ou mesmo os escondiam ou guardavam nos bares ao redor da CSN. Respirava-se a fábrica continuamente.

E assim minha família se estabeleceu na cidade. Meus irmãos mais velhos, à medida que cresciam, foram logo também trabalhar: primeiro em serviços e afazeres mais simples e depois também na CSN.

Nasci em 1972 e, sendo em solo fluminense, tornei-me um “papa-goiaba”, expressão usada para os nascidos nas localidades do estado do Rio de Janeiro fora da capital. Lembro-me de minha irmã Sônia me levando no colo para comprar pão dormido a quilo, todos os dias na padaria “Estrela” para tomarmos café, pois minha mãe trabalhava lavando roupa o dia todo em um orfanato e minha irmã cuidava de mim. E assim, não mais havia em casa o café de garapa com cará, inhame e broa, que só pude conhecer quando comecei a passar as férias escolares na casa de minha avó no Espírito Santo.

No meu caminhar entre a 5ª e a 8ª série, lembro-me de me destacar muito nas disciplinas de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC). Nessas aulas, os colegas copiavam meus trabalhos e pediam para ficar em meu grupo devido minha particular afinidade sobre essas disciplinas. Só muito posteriormente no tempo pude compreender o processo político em que elas foram criadas e a sua utilização por parte de um Estado de regime não democrático, visando à formação política de futuros cidadãos.

Trabalhei 12 anos seguidos como metalúrgico em Volta Redonda, tendo minha formação de nível fundamental e aprendizagem industrial em uma escola profissionalizante – a Escola Técnica Pandiá Calógeras (ETPC) - parte integrante da própria empresa e responsável por fornecer a mão de obra de novos operários, oferecendo um ensino tecnicista para compor os futuros quadros da empresa.

Já o ensino médio, fiz em Barra Mansa, no Colégio Valdomero Barbará, utilizando as antigas apostilas do “Supletivo Madureza”, concluindo o antigo “segundo grau” em sete meses, ao mesmo tempo em que trabalhava em regime de turno de revezamento em uma empreiteira na CSN.

Em Volta Redonda, me inseri na oposição sindical metalúrgica. Assim procedi motivado pelas sucessivas greves dos metalúrgicos e a posterior tomada do sindicato local pela “Força Sindical”, central criada à época do Governo Fernando Collor.

Além de Volta Redonda, a oposição sindical metalúrgica se estruturava em vários outros municípios, dentre eles, Angra dos Reis, Barra Mansa, Volta Redonda e Barra do Piraí, na área do Médio Paraíba Fluminense, acompanhando um movimento que acontecia no Grande Rio e Niterói.

Nesse mesmo tempo, participava das ações das Pastorais Sociais da Diocese Barra do Piraí – Volta Redonda, visto que a ação política da diocese se notabilizava na figura de seu líder, Bispo Dom Valdir Calheiros, na luta por moradia dos trabalhadores que vieram para construir a CSN e por lá ficaram, não mais retornando aos seus locais de origem.

Já como metalúrgico recém-contratado como “menor aprendiz”, deparei-me com o trabalho de base dentro da fábrica numa relação muito estreitamente compartilhada entre a igreja e a organização operária. Essas posições eram muito criticadas por meus parentes, de formação protestante, ouvindo-se ecoar pelos quatro cantos a expressão: “A CSN é uma mãe”. Essa era fala comum a todas as famílias acostumadas à relação anterior entre empresa estatal e a cidade, cidade esta concebida e gerida de forma a servir aos propósitos da empresa.

É importante lembrar que Volta Redonda foi enquadrada como área de Segurança Nacional pelo regime militar até 1985. No entanto, desde décadas anteriores, a cidade possuía um forte movimento popular organizado, com registros e documentos sobre a presença e atividades de organizações de esquerda, dentre elas o Partido Comunista Brasileiro (PCB),

desde a década de 1920. Esses registros se encontram nos arquivos da Cúria Diocesana local. Essas organizações e movimentações políticas sempre foram alvo de atenção e ação dos órgãos de repressão estabelecidos, fazendo do então extinto 22º BINtz (Batalhão de Infantaria motorizada) em Barra Mansa-RJ, seu quintal de interrogatórios para operários, líderes religiosos e militantes de organizações de esquerda.

#### **A greve de 1988:**



**Figura 14-Ocupação da Tropa-22º BINtz. Fonte: Diocese: BP-VR**

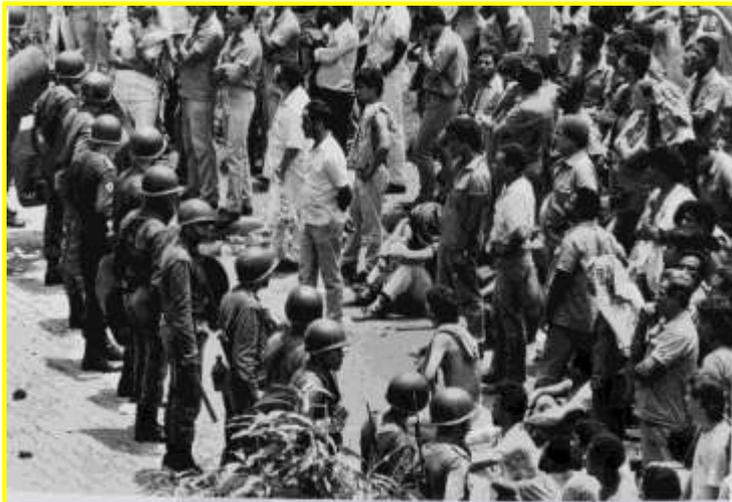


**Figura 15- Operários entrando e ocupando a CSN. Fonte: Diocese: BP-VR**

Dessa forma, Volta Redonda viu-se como palco de expressão de confrontos exemplarmente representados pelo episódio da greve de 1988, quando o exército ocupou a usina, resultando na morte de três operários, tornando-se sua organização popular e operária alvo de vigilância constante por parte dos organismos de inteligência e repressão.



**Figura 16-Assembleia no interior da Fábrica. Fonte: Diocese: BP-VR**



**Figura 17-Ocupação de fábrica fonte: Diocese: BP-VR**



Figura 18-operários e moradores em confronto com as tropas Fonte: Diocese: BP-VR



Figura 19-Corpos de William, Valmir e Barroso no IML. Fonte: Diocese: BP-VR



Figura 20. Passeata em direção a Assembleia Fonte: Diocese: BP-VR

Minha formação se deu no arcabouço de uma igreja militante que tinha como referência a Teologia da Libertação, liderando a luta por moradia e demais causas sociais, sobretudo a resistência popular no contexto de uma cidade operária nos anos 1980, no processo de redemocratização do País.



**Figura 21-Monumento aos três operários mortos (Oscar Niemeyer) Fonte: Diocese: BP-VR**



**Figura 22-Dia seguinte: explosão do monumento por grupo até hoje não identificado. Fonte: Diocese: BP-VR**



Figura 23-Passeata após assembleia que decidia pelo fim da greve Fonte: Diocese: BP-VR

Tempos depois, ao terminar o supletivo, passei a estudar sozinho para tentar o vestibular, sem ter idéia de que curso fazer... Havia ouvido falar de que a “Rural” tinha alojamento e “bandejão”, me animando a tentar algo que parecia impossível: fazer um curso de graduação.

Ao iniciar minha graduação em Licenciatura em Ciências Agrícolas na UFRRJ, tive a oportunidade de, como estagiário da Professora Edna Riemke de Souza, do Instituto de Agronomia, no Departamento de Solos, por quase quatro anos, desenvolver projetos de pesquisa e extensão em escolas e assentamentos, organizando hortas escolares e cozinhas comunitárias em vários municípios no entorno da universidade.

Nessas ações, conheci um trabalho desenvolvido em minha própria cidade, voltado para o Cooperativismo de base Agroecológica, ligado à Pastoral da Criança – a Cooperativa de Produção e Trabalho Alternativo (COOP-PROALT) - que tinha como atividade principal a produção de um suplemento nutricional, denominado Multimistura, usado no combate à desnutrição infantil.

Esse período em que estagiei sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Edna Riemke se constituiu numa oportunidade de grande crescimento e amadurecimento de novas questões.

Posteriormente, assumi, por três maravilhosos anos, a parte de produção de hortaliças, plantas medicinais e outras culturas, dentre elas, a condução do plantio de mandioca para a obtenção de folhas, componente principal na composição do citado suplemento. Todas essas ações foram experimentadas de forma agroecológica, acompanhadas do processo de formação dos cooperados/agricultores



Figura 24-Instalações da Coop-Proalt. Fonte: arquivo da Cooperativa



Figura 25-Cooperados da Coop-Proalt. Fonte: arquivo da Cooperativa

Hoje compreendo minha total identificação com a experiência nessa cooperativa em função da minha formação em curso na UFRRJ, aliada à experiência única de sentir, na prática, a expressão e a vivência das narrativas e costumes de minha família, possibilitando-me experiência ímpar e inesquecível.

Naquele contexto, surgiu, por ocasião, da vitória de Lula nas eleições presidenciais, a criação do Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar (MESA) e do projeto “FOME ZERO”, momento em que me deparei com a discussão sobre a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Em seguida, durante a graduação (2000), conheci a Rede de Educação Cidadã (RECID), articulação Nacional de Educadores Populares e Movimentos Sociais, liderada por Frei Betto no Talher Nacional – espaço de articulação com os Movimentos Sociais, vinculado à Secretaria Nacional da Presidência. Pude, então, vivenciar diversas experiências de educação popular em todo o País.

Por ser a RECID espaço de formação continuada em Educação Popular Freireana, conheci a obra de Paulo Freire, dialogando-a com minhas experiências vividas, passando a contribuir com a articulação da RECID no Rio de Janeiro, buscando melhor conhecer a Agricultura familiar no estado do Rio de Janeiro, me identificando com sua realidade e

contradições.

Envolvido com a discussão sobre Segurança Alimentar e Cooperativismo, inseri-me no Fórum de Cooperativismo Popular (FCP), Fórum Fluminense de Segurança Alimentar e Nutricional (FFSAN), tornando-me membro e conselheiro estadual nesses dois espaços.

Particpei de inúmeras formações como educador da RECID e contratado pelo Instituto Paulo Freire, num Convênio ao nível nacional; primeiro pelo Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar (MESA), depois Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) e, por fim, Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH).

Fui supervisor, em duas oportunidades, do Mapeamento dos Empreendimentos Econômicos Solidários junto à Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) /Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), na região Sul Fluminense, identificando experiências coletivas de trabalho e renda.

Particpei ainda da criação, no ano 2000, do Projeto Vestibular Cidadão, produto do Movimento pela Ética na Política (MEP): um pré-vestibular comunitário em Volta Redonda-RJ, que atende aos jovens carentes da periferia, cuja existência persiste por até hoje.<sup>2</sup>

Hoje, atuo junto à Comissão Político-pedagógica da Licenciatura em Educação do Campo-UFRRJ/PRONERA.<sup>3</sup>. (LEC).

Todas essas vivências foram para mim, aprendizado, formação e experiência inigualáveis.

Ao relembrar a minha inserção na Rede de Educação Cidadã (RECID), ressalto a diversidade de sua composição e a multiplicidade de sua atuação, na medida em que se constitui numa articulação de atores sociais, entidades e movimentos populares presentes em diversas realidades do território nacional, organizadas em rede.

Tem como missão realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização, educação e poder popular e que, desde sua idealização e criação liderada por frei Betto em 2003, optou pela metodologia de educação popular Freireana, ainda que não negue ou invalide outra metodologia neste campo.

Dessa forma, quer pelas demandas dos movimentos sociais e das formas associativas diversas, quer pelo anseio de ocupar a escola pública a partir de outra perspectiva, quer pelas experiências forjadas no modo de vida cotidiano, assim fazem-se práticas de Educação Popular no país. É neste âmbito múltiplo que a RECID vem trabalhando.



Figura 26-Atividade do Núcleo São Simão, Lote XV-B. Roxo. Fonte: Recid/RJ

2 Alguns estudantes da UFRRJ passaram pelo referido pré-vestibular.

3 Trata-se de curso de graduação constituído a partir de Edital PRONERA/INCRA/MDA de 2009.



Figura 27-Atividade do Núcleo São Simão, Lote XV-B. Roxo. Fonte: Recid/RJ

Identifico que foi esse o espaço em que me senti útil e capaz de melhor observar e compreender a importância da educação popular como proposta de difusão de novos e ressignificados saberes, ferramenta indispensável na observação, sistematização e partilha das experiências vividas pela RECID.

Darei destaque nesta reflexão sobre Educação Popular, especificamente às minhas experiências em Cachoeira Grande-Magé, vivências essas que pretendo nessa narrativa expor.

Dessa forma, busquei, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRRJ), a oportunidade para sistematizar e aprofundar reflexões e análises sobre as experiências de educação popular, vivenciadas no Assentamento Cachoeira Grande-Magé – RJ, durante os anos de 2007 a 2010, período em que atuei através da RECID-RJ neste território.

Estas experiências dialogarão com outros elementos de meu percurso formativo como educador popular.

## **2 – CONTEXTUALIZANDO CACHOEIRA GRANDE: BREVE HISTÓRICO, SUA INSERÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR.**

O município de Magé está situado no estado do Rio de Janeiro, na Serra dos Órgãos, próximo às cidades serranas de Petrópolis e Teresópolis. A hidrografia da cidade é constituída por uma microbacia formada por rios e cachoeiras que nascem e terminam seu curso dentro do próprio município. A riqueza de recursos naturais fez com que o local se tornasse alvo do processo caótico de urbanização que caracteriza a Baixada Fluminense.



**Figura 28-Estação antiga de Magé/RJ. Fonte: PMM**



**Figura 29-Porto de Mauá, Magé/RJ. Fonte: PMM**



Figura 30-Ruínas da chaminé da antiga fábrica têxtil. Fonte: PMM

O município possui importantes marcos dos ciclos da cana-de-açúcar, da mineração e do café, conservando ainda sedes de antigas fazendas coloniais, senzalas, engenhos e moinhos. Foi ponto de partida da exploração da Mata Atlântica. De Magé, partiram as primeiras expedições naturalistas, tal como o Barão de Langsdorff, responsável pela instalação do primeiro Engenho de mandioca moderno do País.

Magé também é considerado marco no processo de industrialização do Brasil, pois possuía – e ainda possui – obras de engenharia moderna de tecnologia Inglesa, como o Píer de Guia de Pacopaíba em Mauá.

O Porto Estrela também teve grande importância no tráfego do Ciclo do Ouro, pois fazia a ligação de Minas Gerais com Rio de Janeiro passando por Parati e atravessando Paty de Alferes, através da Serra dos Órgãos.

Após a instalação da primeira linha Férrea do Brasil, da abolição da escravatura e com a disseminação da malária, seguiu-se a decadência do Porto e, posteriormente, na metade do século XIX, foram construídas as primeiras fábricas de tecido da América Latina, assim como as primeiras vilas operárias do país, cenário histórico dos movimentos sindicais. (IBGE, 2008).

A história do Assentamento Cachoeira Grande iniciou-se a partir das lutas operárias, no Ciclo Têxtil na região. Os operários foram vanguarda: suas lutas eram tão intensas que determinados setores da repressão política – tais como Departamento de Ordem Político Social (DOPS), Polícia Militar, Polícia Civil e o próprio Exército – foram sediados na fábrica de pólvora de Raiz da Serra, onde mantinha-se constante e repressiva atividade contra os trabalhadores. Mesmo assim, memoráveis movimentos de greve ocorreram por melhores salários.

Os melhores tecelões ganhavam pouco mais que um salário-mínimo. Também lutavam por outras reivindicações, tal como o abono de natal, hoje chamado de 13º salário.

Com o declínio da indústria têxtil na região, Magé teve suas terras destinadas para fins de reforma agrária pela ação do Estado. Uma parte delas é ocupada pelos antigos operários e outra parte ocupada pelos camponeses em luta pela terra. (MALUF, R. 2002; MEDEIROS, LEITE, 1999).

Na década de 1980, se intensificaram as ações de novos sujeitos no campo do Rio de Janeiro, suas reivindicações e lutas. Suas ações ganharam visibilidade nacional e internacional e isso forçou o Estado a se pronunciar e a dialogar com os movimentos. Também gerou – por parte dos setores conservadores latifundiários e grandes empresas do Agronegócio – reações quase sempre violentas, tais como assassinatos de lideranças rurais e criação de frente

parlamentar para proteger os interesses do Agronegócio.

Já na década de 1990, esses movimentos começaram se fragmentar devido, em parte, às políticas assistencialistas para a grande massa de assentados, fomentando sua imobilidade devido à falta de políticas que assegurassem sua permanência na terra – crédito, estrada, escoamento, educação, cooptação das lideranças –, bem como seu atrelamento para cumprir a agenda governamental em detrimento das reivindicações da base dos movimentos.

Mais recentemente, nesse processo de descenso dos movimentos sociais e de aprofundamento das políticas neoliberais, entidades de apoio e fomento, organizações não governamentais (ONGs), órgãos de pesquisa e de extensão rural e associações de agricultores destacaram-se por se constituírem como principais vias na construção da legitimidade da representatividade e da tomada de decisões dos agricultores, servindo como base jurídica e legal para captação de recursos, acesso às novas tecnologias, linhas de crédito e financiamento, formação política e participação em fóruns e conselhos representativos.

Nesse processo que se desenvolveu na década de 1990 e nos anos 2000, foi se consagrando um modelo “participativo” e de co-gestão entre Estado-sociedade em que todos estes atores/representantes de sujeitos coletivos foram convocados como “parceiros” na elaboração das políticas públicas – ainda que muitos desses porta-vozes da sociedade civil exerçam sua voz sem uma consistência de real representatividade em termos de trabalho de base. (OLIVEIRA, 2007).

Não podemos nos esquecer de que esse modelo de co-gestão Estado-sociedade e políticas democrático-participativas, bem como da pedagogia da hegemonia (NEVES, L.M.W. 2011), estão diretamente ligados às políticas internacionais de financiamento (Banco Mundial). (BORGES, 2001; BORON, SADER, GENTILI, 1999)

Originando-se de terras devolutas da fábrica têxtil, a ocupação de Cachoeira Grande foi realizada por famílias de camponeses e trabalhadores da própria fábrica que se organizaram na luta pela terra, por volta de 1978, conforme já apontamos aqui anteriormente. Após algum tempo, devido ao grande território, o assentamento se separou em dois núcleos: Cachoeira Grande e Pau Grande. Mais tarde, os moradores se organizaram e, com a ajuda do Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ), conseguiram o título provisório de posse da terra e, dessa forma, a área do terceiro distrito rural.

Através da reativação da antiga cooperativa dos operários, a população se mobilizou, dando-lhe novo conteúdo, requerendo a extensão da rede elétrica, mas rejeitando a implantação do asfalto por achar que descaracterizaria a área rural. Dessa forma, temos uma grande ocupação, promovida por ex-operários e camponeses, de uma área rural. Foi aberta então uma estrada chamada Municipal, construindo ligação com a cidade, pois os assentamentos eram unidos por pequenas vielas.

O assentamento foi recentemente reconhecido pelo INCRA-RJ<sup>4</sup>. Tem, oficialmente, cerca de 300 famílias assentadas, embora esse número seja bem maior, devido aos filhos dos assentados terem feito novas construções nos lotes pela impossibilidade de se emanciparem e de terem suas próprias residências. Ocorre também a venda irregular de lotes destinados à reforma agrária, além de compra de lotes por terceiros para sítios de lazer.

A urbanização do espaço agrário da Baixada Fluminense, política intensificada desde os anos 1980, vem compondo um modelo de desenvolvimento que rompe e descaracteriza todo processo da luta por terra, fato que também influencia e aniquila a agricultura familiar, tirando do campo a possibilidade de produzir alimentos para a cidade. Tal política força os trabalhadores rurais, sem perspectiva, a abandonarem suas comunidades e o cultivo de suas terras para migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho, tornando-as “cidades dormitórios”. Tratam-se de áreas onde hoje se intensifica a construção de polos industriais,

---

4 A desapropriação por utilidade pública é feita pelo ITERJ em 1984, e o reconhecimento pelo INCRA em 2011.

conjuntos habitacionais e grandes vias de acesso como o Arco Metropolitano<sup>5</sup>, dando origem a enormes problemas, tais como: descaracterização das áreas e deslocamento desses trabalhadores impedidos de morar próximo aos grandes centros pela questão econômica.

A única escola que existe dentro do assentamento, Escola Municipal Marcílio Dias, reconhecida como “escola do campo”<sup>6</sup>, possui apenas as séries de primeiro segmento e sua direção sofre constantes mudanças pois, como as demais repartições públicas da cidade, tem seus cargos, em grande parte, utilizados para favorecimento de aliados políticos em detrimento do atendimento às necessidades reais da comunidade. Os alunos que concluem o primeiro segmento têm que se deslocar para os centros urbanos mais próximos, enfrentando diariamente conduções lotadas, geralmente irregulares, para continuar estudando. Este, como sabemos, é o retrato usual do estado das escolas nas áreas rurais e da precariedade ainda vigente – apesar das novas leis e políticas públicas – do atendimento educacional regular dos sujeitos que estão nas áreas rurais. Parte considerável dos alunos são filhos dos agricultores locais e os demais moram na mesma área.

Atualmente, há a construção de um empreendimento imobiliário de grandes dimensões para transformar o único espaço de entretenimento esportivo – o campo do “Vasquinho” – em um bairro planejado.

Enquanto isso, os produtores rurais sofrem com a falta de estrutura para escoar sua produção, não contando com incentivos suficientes para se manter em suas propriedades – apesar da ampliação, nos últimos anos, das políticas públicas e incentivos à agricultura familiar, orgânica e “auto-sustentável”.

## **2.2 – A chegada da RECID em Cachoeira Grande – Organização e consolidação de um trabalho em Rede.**

O processo de consolidação de uma rede nacional – tal como proposta pela RECID – num país com as dimensões do Brasil, com inúmeras e diferentes organizações, movimentos sociais e populares, acrescido com as diferenças regionais, se mostrou como algo bastante complexo e com limitações. Os diversos participantes se defrontaram com o desafio de aprender que trabalhar em rede supõe uma organização horizontal oposta à forma hierarquizada, na qual estão organizadas muitas instituições, dentre elas, o próprio Estado.

A organização em rede ampliou a possibilidade de diálogo, em via de mão dupla, entre os movimentos e as organizações sociais, com os órgãos governamentais, na constituição de conselhos dentre outras experiências. Conforme CASTELLS (*apud* DIAS, SILVEIRA, 2007, p. 18), “redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiências, poder e cultura.”

Diversos sujeitos descobriram, no âmbito da construção da RECID, a partir do processo vivido, que é importante e necessário quebrar os preconceitos e estigmas de diferentes naturezas: com relação aos movimentos sociais, entre os (as) educadores (as), na relação com órgãos e funcionários públicos, de gênero, de orientação sexual, religiosa, racial, etc. Compreenderam também tornar-se necessário assegurar e fortalecer mecanismos de comunicação popular.

---

5 . O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro é uma das principais obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Projetado para interligar as rodovias que cortam o RJ, tem extensão de 70,9 quilômetros e abrange oito municípios – Itaboraí, Magé, Guapimirim, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Japeri, Seropédica e Itaguaí.

6 A caracterização como “escola do campo” se dá em função da nova institucionalização das antigas escolas rurais como integrantes da nova modalidade da Educação Básica – Resolução n 4 – 2010/1CNE-CEB – a Educação do Campo.

Parte deste processo de construção de uma rede (WHITAKER, 2004) - a gestão compartilhada dos recursos – constitui-se em algo complexo que apresenta limites, avanços e também aprendizados. No âmbito dos limites, destacam-se: o formato de convênios públicos que constituem, em certa medida, por meio de suas rubricas, num engessamento das atividades pedagógicas, não se adequando, muitas vezes, às necessidades e especificidades do trabalho desenvolvido nos coletivos, às realidades específicas das regiões, etc. A rede acaba tendo que se adequar ao formato e às regras dos convênios.

Todos esses elementos expressam a difícil convivência com o tempo demarcado pelo processo burocrático do Estado e o tempo desenvolvido nos processos de educação popular, no sentido de desenvolver uma gestão compartilhada dos recursos, de forma dialógica e transparente. A descontinuidade e as incertezas sobre as ações provocadas pelo atraso da liberação dos recursos dos convênios dificultam a execução do planejamento partilhado com os núcleos de famílias e organizações populares. Apesar destes limites, o convênio permitiu estruturar uma rede com capilaridade nacional, avançar na co-responsabilidade na execução das ações, na apropriação da metodologia de prestação de contas e no intercâmbio de experiências entre regiões, movimentos e grupos. Permitiu avançar em processos formativos, discutir problemáticas regionais, retomar e aprofundar a educação popular.

A organização e consolidação da RECID possibilitaram que lideranças e educadores (as) populares conhecessem melhor o Brasil, as problemáticas e questões específicas de cada região brasileira, como os quilombolas e a relação com a Aracruz Celulose, no Espírito Santo, ou ainda problemas relacionados à Amazônia brasileira, entre outros. Em muitos casos, tornou possível aos educadores mergulhar na realidade de seu próprio estado e cidade, conhecendo as problemáticas locais e articulações entre os municípios. A mobilidade das entidades e educadores (as), por conta do convênio, possibilitou avançar na construção de lutas coletivas, tais como, por exemplo, a busca da garantia do direito humano à alimentação que perpassa todas as ações, como um eixo integrador.

Essa rede consolidada com limites conseguiu avançar na contribuição efetiva na segurança alimentar e nutricional, no fortalecimento de fóruns de economia solidária; no estímulo à criação de Conseas e Consads<sup>7</sup>, na organização de associações e cooperativas de produção (MALUF, 2002); em iniciativas de monitoramento e controle social do programa “Bolsa Família” e de outras políticas públicas, na criação de núcleos de educação popular com as famílias beneficiadas pelo programa “Fome Zero” e em condições de vulnerabilidade social, em iniciativas de trabalho com indígenas, quilombolas, catadores de material reciclável e movimento hip-hop, em comunicação alternativa e rádios comunitárias, em projetos de geração de trabalho e renda, em alfabetização e formação profissional, bem como no investimento em processos de formação sistemática.

Contribuiu na divulgação das políticas públicas, facilitando e promovendo o acesso de grupos historicamente excluídos desses recursos e direitos. Ajudou na criação coletiva de projetos de diversos segmentos da sociedade, como nas áreas da cultura e da economia solidária (por meio de feiras e clubes de trocas, Consads, padarias, cozinhas, hortas, pomares e roças solidárias, grupos de artesanatos, etc.).

Um dos obstáculos do processo de consolidação dessa rede foram as constantes mudanças na composição da própria equipe do Talher Nacional, que passou por várias configurações distintas.

Outro limite do processo foi a não-explicitação e a falta de reflexão sobre as divergências que brotam na compreensão da realidade, nas visões de práticas metodológicas e na relação com o Estado, na avaliação das políticas e do governo Lula, bem como nos seus desdobramentos quanto às estratégias para a construção de um projeto popular. Essas

divergências ocorreram tanto na equipe nacional como nas equipes estaduais em razão das diferentes origens, vinculações orgânicas, experiências e processos pessoais e da pluralidade inerente à forma de organização em rede. Fez parte deste processo interno à rede o não-enfrentamento do debate sobre o que estava em disputa em relação ao projeto, à sua estruturação e à sua organização. A serviço de quem ele deveria estar?

Não se conseguiu também produzir, em todos os níveis, conteúdos e linguagens que considerassem as realidades sócio-culturais específicas (povos indígenas, centros urbanos, quilombolas, jovens). Os conteúdos limitaram-se, muitas vezes, às experiências rurais do sertão nordestino, dos trabalhadores e operários dos grandes centros urbanos.

Esses elementos aqui narrados ajudam a compreender o esforço da rede para construir outra relação dos movimentos e das organizações entre si, bem como dessas com o governo, partindo de uma perspectiva participativa e popular. Neste processo, fez-se necessário olhar para um grande elemento: a força do trabalho coletivo, intercalado entre o diálogo e a luta. Baseando-se numa perspectiva emancipatória, a rede se alimentou da utopia Freireana de forma “que todos se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1974). Esta aprendizagem explicitou para os integrantes dessa construção a necessidade de articular espaços e de integrar diferentes forças.

Foi preciso também compreender as diversidades, mediar conflitos, respeitar os processos organizativos existentes, buscando uma integração das lutas e das práticas com a constante auto-avaliação.

Nos diversos trabalhos desenvolvidos, foi importante identificar forças sociais que historicamente se colocaram a serviço da construção do Brasil em outras bases: movimentos sociais e populares, igrejas, associações e sindicatos, partidos políticos e administrações populares, universidades e ONGs.

As organizações e os movimentos sociais e populares que aderiram à RECID mantêm-se críticos sobre a falta de um projeto claro que tenha como horizonte repensar o modelo de “Nação” em direção a um projeto popular<sup>8</sup>.

Para um conjunto de organizações sociais e populares no Brasil e na América Latina tem sido um imenso desafio manter o trabalho de base e processos de formação que possibilitem o surgimento de novas lideranças, especialmente neste contexto de profundas mudanças do mundo do trabalho alterado pelo neoliberalismo (ANTUNES, 2004). A fragmentação das lutas e a falta de respaldo de alguns movimentos sociais neste trabalho não permitiram um investimento na reflexão política, ideológica e crítica. Isso acaba desencadeando uma fragilidade no enfrentamento do projeto neoliberal e de construção de um projeto popular. Torna-se uma aposta no sentido de construir ações que contribuam para o acúmulo das forças populares para um projeto amplo e democrático.

Mesmo com seus limites, a Rede conseguiu – de forma ainda incipiente em alguns casos e com maior força em outros – fortalecer parte dos movimentos sociais e populares que aderiram à rede e, conseqüentemente, às suas lutas. Esta construção envolveu a aprendizagem da mobilização com vistas à cidadania e ao empoderamento das pessoas no acesso às políticas públicas e aos seus direitos, possibilitando-lhes perceber-se como sujeitos e protagonistas no processo de construção de lutas e da história. Compreendeu-se que as conquistas só ocorrem por meio da organização popular e, para que essa se realize, é necessário valorizar e interpretar os saberes populares e fortalecer a autoestima dos(as) excluídos(as).

Fazendo um balanço autocrítico desse contexto em que vivemos marcado pela dificuldade do trabalho de base e da formação de lideranças, constatamos que, apesar da boa vontade, nossas práticas pedagógicas ainda se aproximam mais da educação bancária do que

de uma educação radical e intrinsecamente libertadora, o que configura um distanciamento entre a teoria que afirmamos e a prática vivenciada.

Uma dificuldade encontrada neste processo foi o entendimento do próprio método da educação popular como caminho para transformação e para as mudanças sociais. Existe, neste sentido, uma cultura imediatista, contrária à perspectiva de educação popular, que destaca mais o resultado do que o processo, muitas vezes vivenciado de forma paternalista e assistencialista. Em certos casos, os próprios integrantes dos movimentos se reconhecem como militantes, mas não como educadores populares. Frente a esta lacuna, a capacitação dos (as) educadores (as) da Rede, nos diversos âmbitos (local, regional e nacional), tem permitido, embora ainda de forma frágil, um (re) encontro com as ideias e proposições de diversos pensadores brasileiros (Paulo Freire, Josué de Castro, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr. Milton Santos, dentre outros). O reencontro com a tradição do pensamento popular permitiu apostar na educação Freireana como instrumento para fomentar a consciência crítica, fundamental para a construção de um projeto popular que exige uma mudança cultural profunda.

Apreendeu-se que o método de educação popular precisou e precisa ser revisto, tendo em vista novos sujeitos, novas realidades e novos desafios que emergiram a partir das décadas de 1980 e 1990. (GADOTTI, 2000; BRANDÃO, 1981) Foi preciso investir novamente na metodologia de ação-reflexão-ação, fundamentada na pedagogia de Paulo Freire, que se pudesse atender às novas realidades, principalmente das periferias urbanas e das populações específicas.

Uma das grandes aprendizagens, com o trabalho da Rede, foi a formação, discussão e apropriação dessa metodologia como prática de libertação. Compreendeu-se que esta se constitui num caminho longo e processual, mas sólido para a construção de uma sociedade melhor, mais humana e solidária, pautada no respeito e no encontro com o (a) outro (a).

Do ponto de vista de sua organicidade, a RECID é composta por Núcleos, que são grupos que se reúnem sistematicamente, atuando a partir da metodologia de Educação Popular Freireana e da intencionalidade de transformação/emancipação, constituindo-se como sua base.

O Núcleo trabalha identificando, inicialmente, o “tema gerador” que é o ponto de partida para a construção de conteúdos programáticos a partir de situação concreta diagnosticada pelo grupo, momento em que se define por onde o diálogo começará.

Não se trata de improviso ou de espontaneísmo, mas sim de construir o conteúdo programático a partir de temas significativos.

Este levantamento inicial dá origem ao planejamento da sequência de oficinas que faz sentido para cada grupo. A oficina é o momento (espaço/tempo) de formação que envolve: (1) confraternização e acolhimento; (2) problematização; (3) aprofundamento teórico; e (4) encaminhamentos (tirada de tarefas e de ações práticas).

Tal metodologia proposta pauta-se na ideia de que toda atividade formativa deve originar uma ação concreta de intervenção. Conforme (FREIRE, 1970, p.13): “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar.”

Voltando ao processo vivenciado na RECID, visitando sua caminhada mais recente (2007-2008), presenciamos mudanças no trabalho de formação/educação popular da RECID, fruto do processo de construção do Projeto político Pedagógico (PPP) e do Plano Nacional de Formação da Rede ao nível nacional. Internamente e nos trabalhos de base (núcleos) da RECID, intensificaram-se as reflexões sobre as práticas de formação.

Produziu-se, então, uma nova análise do papel do (a) educador (a) popular, buscando uma metodologia para o trabalho de base que fosse a mais coletiva possível, referenciada na horizontalidade. ([www.recid.org.br](http://www.recid.org.br))

Foi nessa conjuntura que chegamos a Magé. Nossa chegada se deu por convite de José Marques, coordenador da CISV-Brasile<sup>9</sup>, entidade de apoio e fomento Italiana, que desde 2006, vinha desenvolvendo trabalhos de acompanhamento de projetos na região de Magé.

Iniciamos um reconhecimento territorial e, por meio de parceira estabelecida, elegemos, eu e Juliana Casemiro, educadora também da RECID, em acordo com a comunidade, por meio de seus espaços de representação/deliberação (COOPAGÉ e Associação de Pequenos Agricultores de Cachoeira Grande), a experiência a ser observada.



**Figura 31-Atividade de Formação Conjunta Recid/RJ e Cisyv-Brasile na Associação de agricultores. Fonte: arquivo pessoal**

É óbvio que não se constitui um núcleo por deliberação ou vontade própria: é necessário, para isso, sobretudo, a disposição dos sujeitos envolvidos em constituí-lo, bem como condições objetivas e subjetivas que podem, de forma subliminar, serem vistas através do levantamento da realidade a partir das falas significativas



**Figura 32-Atividade do núcleo Cachoeira Grande- Problematização. Fonte: arquivo pessoal**

---

9 O CISV, sigla (adotada até 2007) de Children's International Summer Villages, é uma organização internacional independente, voluntária, apolítica e não religiosa que promove educação para a paz e amizade intercultural. Tem como objetivo formar lideranças comprometidas com a cooperação, integração intercultural e solução pacífica de conflitos.

Tivemos a oportunidade de acompanhar o surgimento de núcleos que se formaram na comunidade dialogando sobre diversos temas que relatavam a realidade vivida por esses sujeitos, seja nas discussões sobre produção e escoamento dos pequenos produtores, seja na difusão de novas tecnologias, na transição para a Agroecologia, nas questões pertinentes à juventude no campo, gênero, participação nos espaços de decisão local, etc.



**Figura 33- Coleta de dados - Aplicação de Questionário Sócio Econômico. Fonte: arquivo pessoal**



**Figura 34- Coleta de dados - Aplicação de Questionário Sócio Econômico. Fonte: arquivo pessoal**



Figura 35-Entrevista em Residência local. Fonte: arquivo pessoal

Dessa forma, elaboramos e realizamos coletivamente uma análise mais detalhada da realidade por intermédio de um questionário sócio econômico, aplicado na comunidade, com vistas a utilizá-lo mais para auto análise da comunidade do que mero levantamento de dados para estudo e intervenção local. Identificamos a importância de relatar essas experiências de forma sistematizada, com metodologia, análise e reflexão próprias da educação popular, por entender que esses espaços/ momentos/contextos são, em sua essência, processos de ensino-aprendizagem, de diálogo e de expressão/produção cultural dos sujeitos, bem como formas de organização e resistência popular do campo no estado do Rio de Janeiro.

Tendo em vista as questões apontadas até aqui, na ocasião descrita, vimos a oportunidade para sistematizar e aprofundar reflexões e análises sobre as experiências de educação popular, vivenciadas no Assentamento Cachoeira Grande-Magé – RJ, durante os anos de 2007 a 2010, período em que atuei como educador popular da RECID-RJ neste território.

### 3-SISTEMATIZAÇÃO DAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS EM EDUCAÇÃO POPULAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca da **Educação Popular**, revisitando a trajetória de seu desenvolvimento no Brasil – arcabouço do qual a RECID é herdeira – vemos que, segundo BRANDÃO (1980), o termo é polissêmico, tendo adquirido vários significados conforme diferentes experiências e contextos históricos.

Num primeiro sentido, “Educação Popular”, segundo Brandão, pode significar a educação oferecida pelo Estado para as classes populares, ou seja, Educação Popular enquanto Educação Escolar Pública, fruto de mobilizações e lutas históricas por parte dos populares para obter acesso a este direito. Foi com os movimentos populares que nasceu a discussão de uma educação que atendesse às necessidades do povo e que ampliasse a relação entre Estado, sociedade e educação das classes populares.

Um segundo significado do termo “Educação Popular” relaciona-se às experiências constituídas pelos movimentos sociais, por partidos e organizações, nos seus diversos matizes e contextos históricos: das criações das escolas proletárias pelos anarquistas e anarcossindicalistas do início do século XX às propostas formadoras do Partido Comunista, das experiências de cultura e educação popular (anos 1950 e 60: Movimento de Educação de Base – MEB, Movimento de Cultura Popular – Recife/MCP, Centros Populares de Cultura/CPCs da União Nacional dos Estudantes/UNE, De Pé no Chão também se Aprende a Ler/Natal-RN, dentre outras – conforme CUNHA, DE GÓES, 1987; FÁVERO, 1983; PAIVA, 2003). “Educação Popular”, neste segundo sentido, significa educação como pertencimento de classe, como proposta político-ideológica.

O terceiro e último significado de “Educação Popular” está relacionado às práticas educativas (não-formais) que os próprios segmentos populares realizam entre si em seu cotidiano, a partir seu “que fazer” (FREIRE).

No sentido da atuação da RECID, o segundo e o terceiro significados da Educação Popular, indicados por Brandão compõem o sentido das ações de formação a que se propõe a Rede.

Além disso, é importante apontar – referendando FREIRE (1976, 1979, 1983, 1988, 1989) - que os diversos saberes produzidos pelos segmentos populares, denominados como “senso comum”, foram historicamente desqualificados e despotencializados, sendo desconsiderados no âmbito das práticas escolares e na sociedade de forma mais ampla.

Como bem sabemos os primeiros escritos que trouxeram uma nova forma de ver a Educação Popular e as formas de auto-expressão das classes populares vieram de Paulo Freire. Em “Educação como Prática da Liberdade” (1976), Freire apresentou uma nova responsabilidade para a educação, não só visando o atendimento das demandas populares, mas da humanização e da emancipação dos indivíduos. “A conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa” (FREIRE, 2002, p. 45). Segundo ele, a educação deveria contribuir para que os sujeitos “oprimidos” (FREIRE, 1970) pudessem reler seu contexto de vida, construindo um processo de auto-emancipação.

Para Freire, ninguém liberta ninguém: os homens, educando-se entre si, assumem seus riscos de se enxergarem em seu contexto e de tirarem de dentro de si as perspectivas ou visões de mundo e valores dos opressores – a ideia de que o oprimido é “hospedeiro” do opressor – fazendo uma releitura crítica dessas visões e valores.

Apenas através de um profundo trabalho de (auto) crítica dessas leituras de mundo do opressor, poderá se arriscar a romper com os valores dos opressores que estão dentro de si mesmos.

Este processo exige, do ponto de vista educativo e dos “educadores”, construir novas práticas de reescrever a atuação “docente”, repensando o sentido político da educação, de forma que esses educadores possam se reinscrever no processo histórico a partir de suas atuações. Mas esse processo de transformação necessita ocorrer no coletivo, pois pessoa nenhuma transforma a sociedade sozinha. Pela primeira vez, construiu-se uma perspectiva que realmente objetivava a transformação dos sujeitos a partir de sua auto-emancipação.

Com a possibilidade de “educação do povo”, o saber popular se fortaleceria e resultaria em uma tentativa de transformação da ordem social vigente. Dessa forma, segundo BRANDÃO (1984, p.103), a Educação Popular se constitui numa “educação através da qual ele, o sujeito, não se veja apenas como um anônimo sujeito da cultura brasileira, mas como um sujeito coletivo da transformação da história e da cultura do país.”

A Educação Popular não tem uma “metodologia” pronta, uma “cartilha” a ser seguida; ela possui princípios filosóficos. Um desses princípios é o de partir dos conhecimentos experienciados pelos sujeitos em seus contextos de vida, buscando seus “temas”, procurando “problematizá-los”.

Porém, há alguns pontos de partida, fruto do acúmulo das diversas experiências ao longo das décadas, que merecem ser aqui apontadas: trabalhar com a identificação dos componentes da cultura e a produção cultural dos próprios segmentos populares; promover participação efetiva do educador como agente mediador do processo de transformação do sujeito popular em agente político; o empoderamento dos meios e canais dos conhecimentos/saberes populares; a construção de práticas e processos pedagógicos dialógicos entre educadores-educandos partindo das características dos sujeitos coletivos e individuais.

Brandão (1982, p. 72) aponta ainda que a educação popular é mais um modo de presença assessora e participante do educador comprometido do que um projeto próprio de educadores a ser realizado sobre pessoas e comunidades populares. Ela se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares, as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. A educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado.

Dessa forma, dentro do bojo das ferramentas que compõem as práticas da Educação Popular, emerge o conceito de **REDE**. Reavaliando e ressignificando o sentido de “rede” (CASTELLS, 1999; WHITAKER, s.d.), optou-se, na RECID, por uma forma de organização baseada na horizontalidade e na formação política continuada dos educadores populares.

Produziu-se uma nova concepção de rede e de núcleo, permitindo a efetiva criação do Núcleo Estadual da RECID-RJ que passou a ser o espaço de discussão e construção diária da rede no estado. Compreendemos por “rede” uma articulação, um conjunto de várias organizações parceiras que possuem o mesmo objetivo. A relação se dá de forma horizontal, dialética nas decisões, relações e partilha das informações (WHITAKER, s.d).

Segundo Amaral (2002), as redes questionam frontalmente as relações interpessoais e interinstitucionais de poder. Para ela, “participar verdadeiramente de uma rede implica em aceitar o desafio de rever as formas autoritárias de comportamento as quais estamos acostumados e que reproduzimos (...) apesar dos discursos e intenções democratizantes” (AMARAL, 2002, p. 02).

O poder na rede resulta da iniciativa, o que faz com que mude constantemente: “esse fenômeno causa certo atordoamento, já que estamos acostumados a obedecer ou mandar, a partir de funções fixas, determinadas hierarquicamente”. (id. *ibid*).

As dificuldades estariam na falta de uma cultura de decisão compartilhada: “não temos o hábito de conviver com diversos focos de poder atuando simultaneamente e de forma

independente, compartilhando objetivos comuns, numa só estrutura”. (id. ibid). Haveria uma cultura do “conforto” ao se ter uma instância central ou outro que tome as iniciativas, decida e assuma as responsabilidades.

Nas redes, temos que ir além da prática da consulta democrática e precisamos de vários focos de iniciativas, de multi-lideranças. Autonomia e insubordinação são conceitos chaves, nesse sentido, participar de uma rede com radicalidade, assumindo seus fundamentos, representa uma revolução política individual, uma nova forma de organizar e vivenciar espaços de poder. (AMARAL, 2002)

Conforme nos indica Freire (1989):

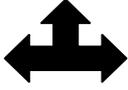
Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (...) este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente

Para enriquecer a narrativa de auto-formação nesta experiência em Educação Popular, utilizei registros escritos e visuais das formações e de depoimentos individuais e coletivos, além de lançar mão também das narrativas e relatos informais que mantivemos com os diversos sujeitos.

Devemos lembrar ainda que, no que diz respeito aos registros escritos e visuais, eles se constituem em sistematizações de processos de educação popular, fruto de engajamentos e de discussões embutidas nas próprias vivências. Constituem o conjunto dos documentos escritos e audiovisuais: relatórios pedagógicos dos encontros e das oficinas, fotografias, depoimentos gravados, depoimentos escritos e questionário socioeconômico trabalhado no Assentamento.

A síntese de todo esse conjunto de dados e experiências abordadas, mais sua relação com o cotidiano desses sujeitos, se constituirá, numa rica narrativa de experiências em Educação Popular, como também em um material para análise e consulta a toda comunidade e a pesquisadores/educadores que queiram ser partícipes desse processo.

A seguir, apresentamos uma breve síntese de momentos e falas colhidas ao longo de formações no assentamento, como forma de **exemplificar** os registros com os quais trabalhei e que representam um importante instrumento e momento da metodologia da Educação Popular – aquele que diz respeito à sistematização:

<p><u>Quadro Síntese de uma atividade realizada em 21 de abril de 2009</u></p> <p><b>Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande</b></p> <p><b>CISV RECID</b> </p>	<p><b>Contexto:</b> Esta parceria iniciou-se três meses após a posse da atual diretoria da Associação. O diagnóstico de realidade (chamado de censo ou pesquisa pelos diretores) foi uma necessidade apresentada pelo grupo. Antes do início mais sistemático do trabalho (em 17 de maio de 2008), foram realizados contatos prévios através de visitas ao local e da presença de Sr. Bráulio (presidente da Associação e militante antigo pela Reforma Agrária na Baixada), José Marques e Gabriele (ambos da CISV) em nosso Encontro Estadual (colaborando como assessores). Trata-se de uma área de assentamento do ITERJ, que até a década de 1980 estava dividida em 156 lotes. Atualmente a Associação estima que mais de 400 famílias vivam no local e afirma como grande preocupação o processo de “favelização” e de abandono das práticas de agricultura, principalmente pelos mais jovens.</p>		
	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; text-align: center;"><b>Descrição das demandas</b></td> <td style="width: 50%; text-align: center;"><b>Encaminhamentos</b></td> </tr> </table>	<b>Descrição das demandas</b>	<b>Encaminhamentos</b>
<b>Descrição das demandas</b>	<b>Encaminhamentos</b>		

<p><b><u>ASSOCIAÇÃO</u></b></p> <p>A Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande – Piabetá – Magé/RJ atua desde a década de 1980 nesta área. O processo de intensa migração e urbanização, aliado ao afastamento dos jovens das atividades agrícolas, desemprego e precariedade de serviços públicos trouxe novos desafios que começarão a ser sistematizados com esta pesquisa.</p>	<p><b><u>Pesquisa Participativa</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de questionário junto com a Associação tendo como base as principais preocupações dos diretores.</li> <li>➔ O questionário reúne questões sobre dados socioeconômicos, de produção, consumo alimentar e da EBIA – Escala Brasileira de Insegurança Alimentar.</li> <li>➔ O objetivo é realizar um levantamento de realidade a partir da identificação de quem são e como vivem os moradores de Cachoeira Grande, mapeando as dificuldades e potencialidades relacionadas à produção agrícola e qualidade de vida para melhor orientar as ações da Associação.</li> <li>• Treinamento, teste e aplicação do questionário. Para a aplicação deste questionário formamos duplas: sempre uma pessoa da Associação e um (a) educador (a).</li> <li>• Tabulação de dados.</li> <li>• Oficina para análise de dados junto com os (as) diretores (as).</li> <li>• A região está dividida em 5 subáreas e a nossa intenção é realizar oficinas para aprofundamento do diagnóstico nesta localidade, identificando os núcleos a serem formados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Neste período foram visitadas cerca de 200 famílias.</li> <li>• Os questionários preenchidos estão sendo tabulados.</li> <li>• O exercício de visitação às famílias e os debates realizados já deram origem a dois encaminhamentos principais: nucleação de jovens e nucleação de mulheres.</li> <li>• Esta ação tem despertado o interesse dos (as) moradores (as) pelo diagnóstico e pela associação, o que, sem dúvida, é mais importante. A avaliação foi bastante positiva e há uma certeza de que o trabalho está apenas começando.</li> <li>• Uma oficina de análise de dados precisa ser proposta.</li> </ul>
<p><b><u>JOVENS</u></b></p> <p>A definição de quem são os (as) jovens foi dada pelo grupo, ou seja, no convite não se pré estabeleceu uma faixa etária. O grupo é formado por crianças e adolescentes com idades entre 8 e 17 anos, com participação equilibrada entre ambos os sexos. Não foi feito um levantamento mais preciso do perfil, mas algumas observações puderam ser feitas: alguns nasceram no assentamento e outros chegaram recentemente; uma grande parte está</p>	<p><b><u>Nucleação</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Convite aos jovens</li> <li>• Auto-retrato da juventude</li> <li>• Organizar grupo incentivando o protagonismo dos jovens.</li> <li>• Problematizar faixa etária e debater o conteúdo programático.</li> </ul>	<p><b>FALA SIGNIFICATIVA:</b> “... esporte e lazer porque aqui a gente não tem nada o que fazer só cachoeira.”</p> <p><b>CONTRA-TEMA:</b> Existe uma extensa e rica área verde em Cachoeira Grande, região conquistada através da organização e da luta popular, história pouco conhecida pelos jovens. Há uma desvalorização das potencialidades locais tanto no que se refere à questão do lazer e esporte quanto à geração de renda e trabalho no local. Tal desvalorização é compatível com</p>

<p>matriculada na escola, mas os alunos mais adiantados têm dificuldades em frequentar a escola que é longe de casa (precisam pagar passagem); alguns destes jovens são casados e/ou têm filhos; os jovens pouco conhecem a história do assentamento.</p>		<p>o processo de homogeneização de modos de vida a partir de um conceito de “vida moderna”. <b>TEMA GERADOR:</b> desvalorização / degradação histórica e ambiental</p>
<p><b><u>MULHERES</u></b> Uma crise interna de participação da diretoria está incentivando uma reformulação do quadro de diretores. Alguns dos diretores são extremamente dedicados e outros aparecem apenas em períodos eleitorais. As mulheres reivindicaram maior participação e estão pressionando a diretoria. A <b>Associação</b> acaba de criar um cargo de direção para ser ocupado por uma mulher e um departamento de mulheres. Esta iniciativa foi desencadeada pela pesquisa sobre produção agrícola e Segurança Alimentar.</p>	<p><u>Nucleação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Convite às mulheres</li> <li>• Apresentação da <b>RECID</b></li> <li>• Organizar grupo incentivando o protagonismo das mulheres.</li> <li>• Desencadear um processo de nucleação tendo como eixo a Economia Popular Solidária.</li> </ul>	<p><b>TEMAS EM DEBATE:</b> Economia Popular Solidária, Condições de vida e trabalho, relações de gênero.</p>
<p><b><u>AGRICULTORES</u></b></p>	<p><u>Nucleação</u>= uma possibilidade, não é realidade. Ver dados do planejamento realizado em janeiro (buscar com Alex). Cursos e atividades (citados de forma genérica) como grandes demandas.</p>	<p><b><u>Uma grande síntese:</u></b> <b>Sustentabilidade –“Como manter a terra ainda produtiva?”</b></p>
<p><b><u>CISV – RECID:</u></b> “<b>liquidificador social</b>”. Trabalhar numa perspectiva de estreitamento de relações, aprofundando o debate sobre a sustentabilidade desta parceria e a continuidade dos trabalhos. Identificar de que forma a Coopagé se integra nesta parceria. Articular forças para realizar um debate local (Cachoeira Grande) que encontre vínculo com os debates regionais (Baixada Fluminense) e macro-sociais.</p>		

A experiência em Cachoeira Grande teve grande impacto nas mais diversas percepções de e sobre educação popular que detinha. Havíamos eu e Juliana, decidido trabalhar em dupla após amplo debate na Recid/RJ, em que decidimos experimentar como espaço e não mais instância de deliberações e decisões, a criação do Núcleo Estadual de educadores (as), onde educadores em sua totalidade e diversidade tentariam, propor e gerir formas de organicidade e gestão nos núcleos diversos que compunham a rede no estado.

Enxergo, hoje que esses espaços e/ou instâncias, não foram garantias ou blindagens criadas por nós, nos elitizando, separando-nos sutilmente de uma chamada massa de educadores mais voltados para a própria sobrevivência e educação popular na prática, que não detinham as informações ou contatos, ou potencialidades mais fáceis de serem cooptadas e redirecionadas de seu percurso e intento primordial para a real intencionalidade de quem gere a coisa pública, afinal, mesmo sendo educadores, estávamos enquanto gestores de recursos, ações e políticas públicas.

Foram reproduções das mais diversas formas de organização social que fizemos e fazemos parte! A igreja, o trabalho, o movimento, a escola, e principalmente a família.

Pude experienciar, na prática, o acompanhamento de núcleos, ao mesmo tempo que desempenhava o papel de gestor financeiro do convênio no estado do RJ.

Vimos em Cachoeira Grande, várias possibilidades: trabalhar em dupla, pois as narrativas dos educadores do Núcleo Estadual sempre eram permeadas de críticas no tocante a dificuldade de se realizar sozinho uma oficina (assim chamávamos os encontros comunitários), passar uma lista de presença, tirar fotos, anotar as falas, fomentar debates, preparar o lanche! Ufa!

Realidade vivida intensamente na baixada fluminense, onde nosso trabalho (eu e Juliana) se assemelhava, por trabalhar em conjunto com a Pastoral da Criança, ou seja, crianças e mulheres era o público comum em nossas atividades.

A nossa insistência em rever-nos, não era só no conjunto de práticas orientadoras no trabalho de base, mas na partilha das informações, recursos e condições para garantir a realização das atividades.

A enorme contrariedade por parte dos educadores e organizações que compunham a rede no estado se explicitava na personificação das dificuldades e contradições do trabalho de base, baseando-se na hierarquização entre educadores “liberados” e os voluntários.

Melhor contextualizando, entendia-se por liberados, os educadores que recebiam salário, como contratados por parte do IPF (instituto Paulo Freire), durante a execução de convênio entre a Recid e Governo Federal, iniciada na primeira gestão do governo Lula, liderados por Frei Betto, por ocasião da Criação do Talher Nacional, e geridos inicialmente no MESA (Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar), depois MDS (Ministério de Desenvolvimento Social) e à frente SEDH (Secretaria Especial de Direitos Humanos), tendo o IPF o papel de entidade jurídica, ou como chamávamos entidade âncora.

Entendia-se a contrariedade de quem enquanto educador (a), que sempre realizou atividades denominadas de base, ou formação, oriundos principalmente das CEB's (Comunidades Eclesiais De Base), Pastorais Sociais, Movimentos Sociais de ação predominantemente urbana, como luta por Moradia, Catadores, HIP-HOP, etc., além do MST, onde se alegava que, individualmente todos se notabilizavam em suas trajetórias por fazer a chamada educação popular de forma voluntária, em suas organizações ou estruturas.

– Que tempo difícil!

Indagava comigo mesmo: mas, não éramos e estávamos na mesma condição dos demais anteriormente? Apenas momentaneamente amparados por um recurso com duração já determinada ao fim de um governo ou gestão? E as questões que nos norteiam, ou suleiam, (citando Freire)? Perderiam sentido nessa relação?

Como podia priorizar as ações, tarefas e propósitos de um movimento ou organização, que é a razão dela ser e existir, sem dedicar boa parte do próprio tempo disponível para tal?

Como garantir que a ampliação de nossas ações em conjunto pudesse avançar os limites de nossa própria comunidade ou organização, através da relação com o Estado, que nos proporcionava ou impunha, por meio do convênio, sem geri-lo?

Contradições como essa sempre surgiram, quando por uma condição ou outra, historicamente nos aproximamos da chamada relação entre estado e sociedade, refiro-me as experiências de educação popular na escola pública!

Na experiência de Angicos/R.N, do MEB (Movimento de Educação de Base), do MOBREAL, do movimento de cultura popular o Recife, da Gestão de Luíza Erundina em São Paulo, da própria RECID e seus contemporâneos, Cáritas Brasileira, ASA (Articulação do Semi Árido) e os principais movimentos sociais deste país desde os anos 1980, MST, MAB, MTST, etc., por meio de suas entidades jurídicas desde a eleição de Lula e a gestão do PT no poder.

Nossas andanças viraram números, estimativas, tabelas e contribuíram para elevação de vários índices ainda que minimamente, em muitos lugares em que pisamos, mas inevitavelmente pudemos experienciar algo mais...

Não acredito em Educação Popular “Pura”, como alguns defendiam no Núcleo Estadual, longe da escola pública, que é nossa e ainda que tenha um currículo voltado para garantir a sua condição de fábrica de mão de obra excedente, e perpetuação da elite dominante, não seja espaço possível de diálogo, de construção e experimentação do novo, de memória viva e pulsante dos saberes populares e sua acessibilidade a todo (as), ainda que isso implique em enfrentamento, resistência e um pouco de utopia! Por que não?

E lá fomos nós para Piabetá!

Nós do RJ, diferente das demais, digamos, equipes estaduais de educadores de outros estados do Brasil, tínhamos na bagagem, além de nossas próprias experiências do chamado: trabalho de base, seja da vivência ou militância, uma proposta a mais a experimentar nos núcleos onde atuávamos.

Confesso, hoje, que era muito confuso pra mim, aquela tal rede temática e um tal de “tema gerador”, que Antônio Fernando Gouvêa nos apresentou, por duas vezes em Juiz de Fora – MG, junto com educadores de Minas Gerais e Espírito Santo. Posteriormente, em Canoas-RS, estivemos juntos novamente, desta vez, com educadores da RECID de todo o Brasil, também estava Conceição Paludo, que falava muito de sistematização.

Sobre Freire, havia lido pouco confesso, e ele falava muito dele. Sendo de formação política sindical metalúrgica Cutista, em tempos de tomada de sindicatos por parte da Força Sindical e natural de uma Volta Redonda de intensa atuação por parte das pastorais Sociais, sobretudo, pós-greve dos metalúrgicos de 1988, aquela proposta de se trabalhar com comunidades a partir da leitura da realidade me provocou por demais, era muito diferente do que eu fazia.

Provocou tanto a mim, quanto a Juliana, cuja facilidade em sistematizar tudo que fazia me encantava.

Antes de Piabetá-RJ, havíamos ido juntos experimentar a ideia de trabalhar em dupla, em São Sebastião do Alto-RJ, onde havia agricultores que viviam do cultivo de tomate e tinham muitas dificuldades de comercialização e outras questões muito comuns aos pequenos agricultores de qualquer lugar que seja. Fomos a convite de uma educadora local, ainda recém-chegada a RECIDR-RJ e depois de muito insistir conosco, acabou nos convencendo de ir.

– Experiência frustrante!

Aplicamos o que o professor Gouvêa no passou, metodicamente eu diria, ficamos três dias lá, passamos a noite de sexta para sábado e de sábado para domingo preparando tudo, dividindo tarefas de gestão, anotando tudo, e ao longo do dia ninguém falava nada!

Não se expressavam, não contavam suas histórias, não relatavam as dificuldades, tudo o que a educadora local havia dito que acontecia, sequer foi citado, inclusive afastamentos do cultivo, por intoxicação pelo uso de agrotóxicos, mortes de agricultores etc.

Voltamos intrigados e pelo desafio de Piabetá à frente indagamos? Ou não sabemos fazer ou a proposta não serve! Dissemos! Tentamos repetir a experiência em Piabetá ou não?

Tempos depois, soubemos!

A educadora local antes de nossa chegada na comunidade reuniu os moradores na igreja, e promovendo os encontros que teríamos a frente, disse assim a aquelas pessoas:

– Queria dizer pra vocês que no próximo fim de semana, virão aqui, um agrônomo (identificaram-me assim), e uma nutricionista, para falar com vocês sobre seus problemas e propor soluções para a comunidade!

Depois desta experiência, entendemos o porquê das dificuldades não só daquele fim de semana, mas de inúmeras tentativas que fizemos em iniciar anteriormente outros trabalhos em comunidades sem sequer perguntar se aquelas pessoas nos queriam lá.

Estava posto! Vamos tentar de novo em Piabetá.

Fomos a convite de José Marques, representante de uma organização não governamental internacional da Itália, a CISV, amigo meu, dos tempos de UFRRJ, também licenciado em Ciências Agrícolas, apresentado pelo Professor Tarci Parajara e que por aquelas bandas de Magé-RJ desenvolvia um trabalho voltado ao Microcrédito com a Associação dos Agricultores e a Coopagé, cooperativa local dos agricultores.

A figura de Bráulio Rodrigues é marcante, conhecer pessoalmente aquele ilustre morador, apresentado por José Marques, foi muito prazeroso, líder conhecido do PCB, de inúmeras lutas por terra e moradia na Baixada Fluminense, e embora já avançado em idade, estava sempre disposto em ajudar e se fazer presente nas nossas rodas de conversa era prazeroso vê-lo ali conosco.

Ao chegar à comunidade, fomos apresentados aos moradores na Associação, e o fato de parceiros como a CISV já estivessem presentes muito nos ajudou.

Pra chegar a Piabetá-RJ, eu saía de Paulo de Frontin, quase todos os sábados, de 2007 à 2010, no primeiro ônibus, as 4h30min, descendo até Paracambi, tomando o trem até Japeri, baldeando até a Estação de São Cristóvão, no RJ, onde voltava no trem do ramal Gramacho em Duque de Caxias, tomando outro trem até Saracuruna, e depois outro pra Inhomirim (esse era a diesel), em Raiz da Serra, onde fica a antiga estrada para Petrópolis, chegando em Piabetá e aí sim, podia pegar um mototáxi, que me levava até Cachoeira Grande, onde ficava a Associação.

A grana era curta na época, agradeço a professora Edna Riemke de Souza, pelas Bolsas de extensão durante a minha Graduação, pois viabilizaram minhas andanças.

Se eu achava difícil o meu trajeto de fim de semana, fiquei pasmado ao saber que centenas de trabalhadores faziam o trajeto inverso ao meu, de Piabetá até a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, de segunda a sábado, onde trabalhavam como domésticas, babás, porteiros, pedreiros e ajudantes nos mesmos trens, iniciando sua jornada às vezes as 03h45min, fazendo do lugar outrora de produção de alimentos, apenas de dormitório.

Dava pra começar a atividade antes das 10 horas, pois as “Tobatinhas” (pequenos tratores), muito comuns por lá, chegavam fazendo barulho e estacionavam em frente à Associação, pois já haviam entregue as verduras e podíamos começar a atividade, com um café e broa é claro, pois ninguém é de ferro.

Fizemos inúmeros encontros, rodas de conversa, reuniões, e atividades com os moradores e parceiros, como a própria Cisv, a Emater-RJ, o FCP (Fórum de Cooperativismo Popular), o FSA (Fórum de Segurança Alimentar), a Pastoral da Criança, dentre outros, tecendo uma rede de relações e parcerias que possibilitaram trocas de saberes e experiências conectando diversas pontes e elos e tentando entender e superar os nós.

De forma planejada e com objetivos discutidos coletivamente realizamos um processo muito bonito de levantamento da realidade através de um Questionário Sócio-Econômico aplicado a 300 famílias da comunidade, discutido, elaborado e aplicado na comunidade pelos próprios jovens e algumas lideranças da localidade, universitários ligados a área de Nutrição e educadores da RECID, e seu Bráulio junto, é claro!

Realizamos um total de 17 oficinas viabilizadas pelo convênio, além de 01 Encontro Estadual onde partilhamos com os outros educadores da equipe a experiência local.

O questionário e as oficinas registradas e sistematizadas fazem parte dos anexos desse trabalho, mas me atenho a narrar o processo em si.

A experiência: munidos da proposta do Prof. Gouvêa, realizávamos as atividades.

Bom ouvir mais do que falar!

O trabalho em dupla fluía, dávamos conta da parte digamos, burocrática, mas também bebíamos de uma fonte prazerosa e inesgotável, as narrativas daqueles sujeitos.

Dos mais velhos, as histórias de como lá eles chegaram e de como era ser agricultor depois de ter sido operário têxtil, por exemplo.

Das crianças, a narrativa de que o lugar era chato, pois não tinha shopping, e nos fins de semana o “pessoal de fora” vinha, bebia muito e fazia muita bagunça nas cachoeiras e deixava muito lixo.

Dos adolescentes, o desejo de ir logo embora dali, pois de roça eles não gostavam.

Dos avôs e avós, a queixa e constatação de que o lugar onde moravam e plantavam, tinha que ser dividido com os filhos à medida que cresciam e logo se casavam, tornando a área de plantio cada vez menor, e a renda da aposentadoria sendo dividida por todos da família, pois ninguém arrumava serviço “fichado”.

Das mulheres, a vontade de fazer algo junto pra gerar renda, já que por meio dos “sacolés” feitos em casa, dos crochês e panos de prato que faziam individualmente, viram que poderiam tentar fazer e vender junto.

Dos que eram mais ligados e dependiam diretamente da produção agrícola de suas pequenas propriedades, as dificuldades de sempre: acesso ao crédito, escoamento, assistência técnica, etc., além da urbanização forçada da Região, personificada nas grandes obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) com viadutos e estradas passando por cima das propriedades, sem discussão com a comunidade e indenizações ridículas, também havia venda irregular de lotes em áreas de reforma agrária, tanto do ITERJ (Instituto de Terras do Rio de Janeiro) ou do INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) por aqueles desiludidos com a agricultura, e principalmente a construção de condomínios residenciais nas áreas rurais do distrito agrícola.

Mas havia uma fala comum! – Ainda gosto do meu lugar!

Aí vimos que era possível nos fazer compreender de forma clara e simples como alguém de fora que chega, ouve, indaga, ouve novamente e sugere, apenas sugere discutir os problemas mais simples ali vividos e relacioná-los com a realidade sócio-econômica vigente. Aí lembrávamos alguém! Do micro ao macro! Lembrem-se sempre do micro ao macro!

As falas que cito certamente se fizeram presentes, desta ou doutra forma nas reuniões e oficinas, foram um tanto mais comedidas ou silenciadas às vezes, na presença do marido, do pai e da mãe, do pastor, do vereador ou liderança local, da Emater, da minha presença, inclusive, pois é difícil desmistificar a figura dos que vem de “fora”. Mas mesmo o silêncio nos diz algo!

Assim, procuramos organizar a realização das atividades nas comunidades, da forma que nos foi sugerida em nossa formação continuada por Antônio Gouvêa, eu, me perdia no saborear de ver a metodologia andar, e ao mesmo tempo ver-me nas falas que colhia, na semelhança das narrativas, que ouvia desde criança e das formações pela RECID.

Assim fazíamos:



Fonte: Metodologia e sistematização de Experiências Coletivas Populares-CEFURIA

Conforme Gouvêa, 2007, p.14:

*“Propostas educacionais fundamentadas em diálogos problematizadores desencadeiam processos analíticos que exigem sucessivas contextualizações da realidade local, demandando tanto a construção de totalizações que respondam aos porquês das condições socioculturais e econômicas vivenciadas, quanto o resgate crítico e seletivo de corpus teóricos da ciência que possibilitam o aprofundamento das análises realizadas.*

*Assim, é necessária uma decomposição pertinente do conhecimento implicado na “reconstrução articulada” da temática em análise.*

*Procura-se, assim, colocar o acervo de conhecimentos sistematizados das áreas à disposição dos sujeitos, e não estes subordinados a conhecimentos preestabelecidos e idealizados por especialistas socioculturais orgânicos aos interesses das elites econômicas.*

*É nesse sentido que se enfatiza a necessidade de selecionar conhecimentos requeridos pela problematização em curso e de priorizar não apenas produtos do empreendimento científico, mas seus processos de construção.*

*O processo de educação popular crítica demanda registrar concepções de mundo e sistematizar discussões em seus diferentes momentos de análise da realidade problematizada.*

*Tais discussões e análises necessitam de uma representação que, de forma sintética e concreta, apresente o conhecimento relacional apreendido em construção. Essa representação é feita pela rede temática, que procura explicitar, de forma relacional, o diálogo entre as diferentes concepções dos sujeitos envolvidos na construção da prática educativa popular como prática social, caracterizando-se como um processo que busca compreender historicamente as imbricações entre as práticas socioculturais e econômicas observadas em uma realidade concreta, a partir de uma análise balizada por sucessivas totalizações.*

*Sem esse registro, a construção e planejamento das atividades de formação da comunidade corre o risco de se tornar bancária e pragmática, distanciando o processo de discussão vivido da realidade que foi a referência inicial, dissociando e descontextualizando realidade e conhecimento, processo e produto, sujeito do conhecimento e prática participativa comunitária.*

### CONCLUSÕES:

Nossa presença na comunidade, por muitos nem foi notada, alguns sempre nos viram com desconfiança. Em certas ocasiões, na aplicação do questionário, por exemplo, muitos não nos receberam, por temer que fôssemos fiscais querendo tomar sua casa irregular.

Nos espaços de representação local, havia uma naturalização da troca de lugares na presidência que ficou explicitada, ao deparar-se com nossa insistente forma de discutir cada ponto e proposta, ouvindo a todos, sempre buscando esmerar-se na organicidade em rede, seja com outros atores locais e até mesmo na seleção do cardápio do café.

Na ocasião em que fizemos reuniões de núcleo apenas com as mulheres, por solicitação delas, e partindo das problematizações que surgiram, houve reivindicação de mais espaço de participação e decisão na Associação local, como encaminhamento do núcleo, assim também incomodamos.

De fato, avalio que foi essa a primeira experiência de Educação Popular que pude participar, experimentando a metodologia proposta e não imposta, errando, propondo, sistematizando, e voltando sempre aos materiais que tinha. Tentando vivenciar, mais do que insistir na organicidade em rede, sem instâncias, sem personificação do líder, desmistificando os superdotados de saber, referenciando-me no saber coletivo, soma dos saberes de todos.

Recorri sempre as minhas fontes, exercendo sempre o registro, tentando captar o máximo possível, me fiz rude às vezes, pelo próprio temperamento, ou pela pressa do convênio, esquecendo de que devemos sempre atentar ao tempo do outro. Outras experiências como essa, a RECID propiciou a outros sujeitos, em outros lugares e circunstâncias, não mais lá estou organicamente, mas não menos educador popular.

É preciso ocupar a escola pública, e pra mim, talvez o maior desafio, seja dialogar o tempo da educação popular e o tempo do semestre letivo, das diretrizes, do diário, da nota e da avaliação.

Hoje, depois da vivência na LEC (Licenciatura em Educação do Campo), na UFRRJ, possibilidade que me foi dada por tão amadas companheiras e camaradas, Lia, Marília e Roberta, as quais muito sou grato, a experiência do PPGA, que pela proposta pedagógica, me possibilitou estudar, pesquisar e refletir sobre a experiência vivida em Piabetá, meu muito obrigado.

A minha amiga Juliana Casemiro, boa companhia, em muitas horas de trem e de ônibus por essa Baixada, obrigado também.

Obrigado Piabetá, terra bonita, que aprendi a amar! A ela, e as pessoas que dela nasceram! Pelo meu reencontro com o campo, obrigado!

## REFERÊNCIAS:

### I – BIBLIOGRÁFICA:

- SILVA**, Antônio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular**. Org: Ana Inês Souza. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. **Da educação fundamental ao fundamental da Educação**. Caderno Cedes nº 1, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa-participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CASTELLS**, Manuel. **A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura**. (vol1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUNHA**, Luiz Antônio; **DE GÓES**, Moacyr (org.). **O golpe na Educação**. 4ª Ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- FÁVERO**, Osmar (org.). **Cultura Popular, Educação Popular** – memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- FREIRE**, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **A pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- \_\_\_\_\_. **A importância do Ato de Ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação?** 8ªed, .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- PAIVA**, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil**. 6ªed, São Paulo: Loyola, 2003
- WHITAKER**, Francisco. **Rede: uma estrutura alternativa de organização**. (Suplemento do vídeo Redes). São Paulo: Paulinas, sd.
- II – CONSULTAS NA INTERNET:
- [www.rts.org.br/biblioteca/desafios-do-trabalho-em-rede](http://www.rts.org.br/biblioteca/desafios-do-trabalho-em-rede). [Redes\\_Vamaral.desafios.pdf](#).
- [www.recid.org.br](http://www.recid.org.br)

ANEXOS:

ANEXO 1 – Relatórios Pedagógicos.

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	29/06/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

Diagnóstico de Realidade: ***Debate com a direção da entidade.***

**8. Metodologia Utilizada**

Pesquisa Participativa. Discussão sobre como aplicar um questionário participativo.

**9. Material Utilizado**

pastas, papel, envelopes, canetas.

**10. Encaminhamentos**

Nova reunião para construir o questionário.

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela diretoria.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Desconfiança por parte das pessoas da comunidade, devido ao histórico de pessoas e entidades junto a comunidade.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nova etapa do Diagnóstico Local de Realidade.

**12. Comentários Gerais**

O objetivo é realizar um levantamento de realidade a partir da identificação de quem são e como vivem os moradores de Cachoeira Grande, mapeando as dificuldades e potencialidades relacionadas à produção agrícola e qualidade de vida para melhor orientar as ações da Associação.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	15/01/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educatora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

- Aprofundamento da avaliação da parceria Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande, CISV e RECID-RJ
- Planejamento 2009.

**8. Metodologia Utilizada**

Problematização inicial (cochicho e apresentação em tarjetas): em torno de que se organiza (ou deve se organizar) a associação?  
Roda de Conversa: Apresentação do cochicho e nova problematização.

- Quais nossos principais avanços? Quais dificuldades e desafios?
- O que a pesquisa (levantamento de realidade) nos mostrou até agora? Reafirmamos a prioridades identificadas antes do diagnóstico?

Sistematização coletiva dos consensos, definição de prioridades, prazos e encaminhamentos.

**9. Material Utilizado**

Cópias de texto, caneta, papel, material de ciranda, papel pardo.

**10. Encaminhamentos**

- Visitas para a pesquisa em fevereiro e março.
- Apresentação da RECID para a Diretoria (através do vídeo Vamos lá fazer o que será).
- Divisão em dois grupos para a fotografia da realidade. Questões prioritárias: produção de alimentos e juventude.
- Oficina com juventude em fevereiro ou março (a depender das fotografias).

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande**, por isso o grupo está bastante motivado. Uma parte da diretoria (a que participa da pesquisa) está cada vez mais motivada. Os jovens estão sendo envolvidos ativamente no processo.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Foram convocados(as) apenas os(as) colaboradores(as) da pesquisa. A diretoria completa da associação não compareceu o que prejudicou o levantamento de contradições e conflitos internos.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Continuidade da parceria e do Diagnóstico Local de Realidade.  
Nucleação de jovens.

**12. Comentários Gerais**

A LASAN (Liga Acadêmica em Segurança Alimentar) retornará em março. Esta interação entre estudantes universitários e juventude local será registrada. Esta foi uma das questões apresentada positivamente.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E  
EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS  
RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	07/02/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

- Relações de poder e de gênero na Associação e na Comunidade

**8. Metodologia Utilizada**

- Roda de Conversa: Como tem sido a participação da diretoria da associação na construção do diagnóstico de realidade? Qual o papel das mulheres nesta associação? Como incentivar participação mais ativa da comunidade na associação?  
- As falas foram recolhidas pela equipe de educadores(as) para identificação de falas significativas.  
- Aprofundamento Teórico: ainda em roda de conversa foi feita uma fala a partir dos debates do Fórum Social Mundial procurando refletir qual a conjuntura de participação em que vivemos, quais dificuldades. As crises: financeira, ambiental, alimentar e as subjetividades. O papel da mulher no mundo e na vida.  
- Encaminhamentos.

**9. Material Utilizado**

Cópias de texto, caneta, papel.

**10. Encaminhamentos**

- divisão em grupos para mapeamento de áreas pendentes e preenchimento dos questionários de levantamento da realidade pelos membros da associação;
- refletir sobre a recomposição da diretoria da associação, incluindo as mulheres;
- preparar uma apresentação da parceria Associação – RECID – CISV para a assembléia da associação que ocorrerá em março.
- Iniciar um núcleo de mulheres na associação.

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

Uma crise interna de participação da diretoria está incentivando uma reformulação do quadro de diretores. Alguns dos diretores são extremamente dedicados e outros aparecem apenas em períodos eleitorais. As mulheres querem maior participação e estão pressionando a diretoria.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Idem - Uma crise interna de participação da diretoria está incentivando uma reformulação do quadro de diretores. Alguns dos diretores são extremamente dedicados e outros aparecem apenas em períodos eleitorais. As mulheres querem maior participação e estão pressionando a diretoria.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Continuidade da parceria e do Diagnóstico Local de Realidade.  
Nucleação de jovens e de mulheres.

**12. Comentários Gerais**

Este dia seria destinado à conclusão do preenchimento dos questionários. A associação teve dificuldade de organizar duplas e isto desencadeou os questionamentos acerca do perfil de participação na associação e o papel das mulheres. Citando Leonardo Boff: "crise, oportunidade de crescimento."

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>		<b>5. Data</b>	06/02/2009		
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alessandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

**Levantamento de Realidade: Auto-retrato da juventude de Cachoeira Grande**

Objetivo: Através de fotografias produzidas por jovens de Cachoeira Grande estimular o debate e a identificação de temas, contradições e preocupações do grupo a fim de desencadear um processo de mobilização e nucleação a partir da Associação.

**8. Metodologia Utilizada**

- Apresentação dos participantes
- Auto-retrato:
  - Uma maquina fotográfica foi deixada com jovens da comunidade para que durante um mês eles retratassem sua realidade.
  - Na oficina, os(as) jovens localizar as fotos que fizeram ou fotos com as quais se identificaram. Foram divididos aleatoriamente em 3 grupos.
  - Os grupos partilharam suas impressões e sentimentos sobre as fotografias. Procurando responder as questões: Como é ser jovem em Cachoeira Grande? O que nos alegra e nos entristece? O que gostaríamos de transformarem nossa realidade?
  - Em seguida cada grupo confeccionou um painel para traduzir o que foi conversado - usando as fotos, cola, tinta, giz de cera, recortes de papel e revista, etc.
- Partilha dos trabalhos: durante a apresentações dos grupos foram feitas duas questões: O que observamos em comum? O que consideramos mais importante?
- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)  
Gostaríamos de um novo encontro? Quem ajuda a preparar?

**9. Material Utilizado**

Máquina fotográfica, tinta, cola, caneta, papel colorido, revistas, papel pardo.

**10. Encaminhamentos**

- Iniciar o processo de nucleação de jovens de Cachoeira Grande.
- Coletivo de comunicação – responsável pela divulgação da próxima oficina.
- Coletivo de animação – responsáveis por providenciar músicas.

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

Grande motivação dos(as) jovens.  
Apoio da **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande.**

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Ainda não foi possível identificar.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nucleação de jovens.

**12. Comentários Gerais**

A definição de que são os(as) jovens foi dada pelo grupo, ou seja, no convite não se estabeleceu uma faixa etária. O grupo é formado por crianças e adolescentes com idades entre 8 e 17 anos, com participação equilibrada entre ambos os sexos. Não foi feito um levantamento mais preciso do perfil, mas algumas observações puderam ser feitas: alguns

nasceram no assentamento e outros chegaram recentemente; uma grande parte está matriculada na escola, mas os alunos mais adiantados têm dificuldades em freqüentar a escola que é longe de casa (precisam pagar passagem); alguns destes jovens são casados e/ou têm filhos; os jovens pouco conhecem a história do assentamento.

**Falas Significativas:**

"... esporte e lazer porque aqui a gente não tem nada o que fazer, só cachoeira."

"Aqui só tem mato, (...) a droga é serviço do mal."

"Cachoeira só dia de semana, no final de semana eles (os visitantes) sujaram ... Também tem o esgoto das casas."

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO  
E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	21/03/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexsandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

**Levantamento de Realidade: Auto-retrato da juventude de Cachoeira Grande**

Objetivo: Aprofundar o diagnóstico de realidade, debater valores comunitários, fortalecer o processo de mobilização e nucleação a partir da Associação.

**8. Metodologia Utilizada**

- Café de boas vindas
- Dinâmica de integração
- Vídeo: Vamos lá fazer o que será
- Trabalho em pequenos grupos (de 3 a 5 pessoas)
- Partilha dos trabalhos
- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)

**9. Material Utilizado**

DVD, caneta, papel colorido, papel pardo.

**10. Encaminhamentos**

- Entrar em contato com o grupo que não compareceu

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

Grande motivação dos(as) jovens.  
Apoio da **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande.**

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Faixa etária muito diversa. Será necessário repensar a dinâmica do grupo para não infantilizar os debates.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nucleação de jovens.

## 12. Comentários Gerais

**FALA SIGNIFICATIVA:** "... esporte e lazer porque aqui a gente não tem nada o que fazer, só cachoeira."

**CONTRA-TEMA:** Existe uma extensa e rica área verde em Cachoeira Grande, região conquistada através da organização e da luta popular, história pouco conhecida pelos jovens. Há uma desvalorização das potencialidades locais tanto no que se refere a questão do lazer e esporte quanto à geração de renda e trabalho no local. Tal desvalorização é compatível com o processo de homogeneização de modos de vida a partir de um conceito de "vida moderna".

**TEMA GERADOR:** desvalorização / degradação histórica e ambiental

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

## PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS

### RELATÓRIO PEDAGÓGICO

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	04/04/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alessandro de Paula Educatória Local: Gabriele e José Marques				

## 7. Conteúdos Trabalhados

### Levantamento de Realidade: Auto-retrato da juventude de Cachoeira Grande

Objetivo: Aprofundar o debate e a identificação de temas, contradições e preocupações do grupo a fim de desencadear um processo de mobilização e nucleação.

## 8. Metodologia Utilizada

- Dinâmica de integração
- Roda de Conversa: quais as possibilidades de montar um grupo de produção em Cachoeira Grande? Quais são as nossas intenções, sonhos e idéias relacionados a este grupo? O que queremos produzir?
- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)

## 9. Material Utilizado

Canetas coloridas e papel pardo.

## 10. Encaminhamentos

- Listar que materiais são necessários para iniciar oficinas de artesanato e culinária na associação e realizar levantamento de custos. Estes dados serão subsidio para o início de exercícios sobre viabilidade econômica.
- Aprofundar o Diagnóstico de Realidade, debatendo as condições de vida e de trabalho das mulheres de Cachoeira Grande.

## 11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe

### a) Quais os aspectos facilitadores?

A Associação de Agricultores de Cachoeira Grande acaba de criar um cargo de direção para ser ocupado por uma mulher e um departamento de mulheres. Esta iniciativa foi

desencadeada pela pesquisa sobre produção agrícola e Segurança Alimentar que vem sendo realizada através da parceria Associação – RECID – CISV.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Ainda não foi possível identificar. Contudo, muitas posturas machistas foram identificadas (tanto por parte dos homens como de mulheres), o que representará um desafio.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nucleação de mulheres.

**12. Comentários Gerais**

TEMAS EM DEBATE: Economia Popular Solidária, Condições de vida e trabalho, relações de gênero.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	02/05/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alessandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

**Levantamento de Realidade:**

Objetivo: Aprofundar o diagnóstico de realidade com mulheres de Cachoeira Grande estimulando o debate e a identificação de temas, contradições e preocupações do grupo a fim de desencadear um processo de mobilização e nucleação.

**8. Metodologia Utilizada**

- Café de boas vindas
- Dinâmica de apresentação
- Roda de Conversa: Desafios, dificuldades e possibilidades de constituir um grupo de produção de mulheres.
- Avaliação da oficina/ encaminhamentos práticos

**9. Material Utilizado**

DVD, caneta, papel colorido, papel pardo.

**10. Encaminhamentos**

- Foi selecionado um tema para oficinas de artesanato para ser organizado pelas mulheres durante o mês de maio.
- Retomar o debate acerca dos laços que unem as mulheres como forma de dar continuidade ao processo de nucleação tendo como eixo a Economia Popular Solidária.

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

A **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande** acaba de criar um cargo de direção para ser ocupado por uma mulher e um departamento de mulheres. Esta iniciativa foi desencadeada pela pesquisa sobre produção agrícola e Segurança Alimentar que vem sendo realizada através da parceria Associação – RECID – CISV.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Contradições ainda não totalmente explícitas. Posturas machistas foram identificadas (tanto por parte dos homens como de mulheres), o que representará um desafio.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nucleação de mulheres.

**12. Comentários Gerais**

**Não foi possível tirar fotos porque a pilha da maquina estava com defeito. No local não houve possibilidade de encontrar pilha compatível.**

Há visões diferenciadas sobre a questão dos objetivos da nucleação. Uma grande parte das mulheres pensa que o ideal seria este trabalho dar origem a uma "empresa", devendo por isso desde o inicio trabalhar com lógicas desta natureza. Um outro grupo acredita que esta seja uma forma de ampliar o espaço de convivência comunitário, de reunir as mulheres e também gerar renda.

A reformulação da diretoria da Associação de Pequenos Produtores ainda está em andamento. Nesta reordenação, muitos conflitos internos estão sendo revelados. Ao mesmo tempo que nos proporciona a oportunidade de melhor conhecermos as contradições, nos sinalizam a necessidade de agir de forma mais cautelosa.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	05/05/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alessandro de Paula Educatora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

**Levantamento de Realidade:**

Objetivo: Aprofundar o diagnóstico de realidade, debater valores comunitários, fortalecer o processo de mobilização e nucleação a partir da Associação.

**8. Metodologia Utilizada**

- Café de boas vindas
- Dinâmica de integração
- Debate em Roda: "O que nos deixa indignados(as)?"
- Construção coletiva de cartaz.
- Aprofundamento teórico: a partir da música "Indignação"

- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)

### 9. Material Utilizado

Cópias, caneta, papel colorido, papel pardo.

### 10. Encaminhamentos

- Reavaliar as possibilidades de nucleação de jovens no local
- Entrar em contato com o grupo que não compareceu

### 11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe

#### a) Quais os aspectos facilitadores?

#### b) Quais as dificuldades encontradas?

Desinteresse da diretoria da Associação. Faixa etária muito diversa. Será necessário repensar a dinâmica do grupo para não infantilizar os debates.

#### c) Quais os resultados alcançados?

Nucleação de jovens.

### 12. Comentários Gerais

**Não foi possível tirar fotos porque a pilha da maquina estava com defeito. No local não houve possibilidade de encontrar pilha compatível.**

A reformulação da diretoria da Associação de Pequenos Produtores ainda está em andamento. Nesta reordenação, muitos conflitos internos estão sendo revelados. Ao mesmo tempo que nos proporciona a oportunidade de melhor conhecermos as contradições, nos sinalizam a necessidade de agir de forma mais cautelosa.

A direção da Associação está priorizando (por razões óbvias) a participação em um Fórum Local criado para discutir a questão da agricultura no município de Magé. Somado a questão dos conflitos internos, isto parece ter desencadeado o desinteresse pelo processo de nucleação de jovens (mudança de prioridade).

Nesta reunião este fato mostrou-se como um grande complicador. Houve uma presença muito marcante das crianças e adolescentes e ausência dos jovens. Foi possível perceber que isto tem ligação com a forma de convite e quem convida. Como esta atividade está sendo "apoiada" por uma das diretoras, a presença está restrita a crianças e adolescente da mesma faixa etária que suas filhas. Uma avaliação será proposta para a próxima atividade a fim de identificar a viabilidade de continuidade deste núcleo.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

### RELATÓRIO PEDAGÓGICO

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
------------------	----	---------------------	------	------------------	----------------------------

<b>4. Número de Participantes</b>		<b>5. Data</b>	06/06/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Biana e José Marques		
<b>7. Conteúdos Trabalhados</b>			
CONTINUIDADE DE OFICINA PRÁTICA: A fim de dar continuidade ao processo de nucleação de mulheres e incentivar reflexões acerca da produção coletiva, foi desenvolvida uma oficina prática de confecção de toalhas decoradas. Neste encontro, foi estratégico retirar observações sobre comportamentos e falas que possam ilustrar as próximas oficinas com propósito de formação política.			
<b>8. Metodologia Utilizada</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Café de boas vindas</li> <li>- Dinâmica de integração</li> <li>- Atividade prática de confecção de toalhas decoradas</li> <li>- Apresentação da produção de cada mulher</li> <li>- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)</li> </ul>			
<b>9. Material Utilizado</b>			
Fitas, tesouras, toalhas, agulhas.			
<b>10. Encaminhamentos</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Realizar multiplicação do que foi aprendido com outras mulheres da comunidade</li> <li>➤ Iniciar as discussões acerca das possibilidades de formação de um grupo de produção a partir desta experiência</li> </ul>			
<b>11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe</b>			
<b>a) Quais os aspectos facilitadores?</b>			
Motivação das mulheres, que se sentem valorizadas por que uma de suas demandas apresentadas foi ouvida.			
<b>b) Quais as dificuldades encontradas?</b>			
Menor apoio da CISV, entidade parceira local.			
<b>c) Quais os resultados alcançados?</b>			
Nucleação de mulheres.			
<b>12. Comentários Gerais</b>			
<p><i>Com a reformulação da diretoria e a criação de um departamento de mulheres tem-se mostrando um caminho para iniciar a discussão de gênero neste espaço. Esta ação está reforçando o papel da jovem diretora do departamento e das demais mulheres.</i></p> <p><b>OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.</b></p>			

<b>PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS</b>			
<b>RELATÓRIO PEDAGÓGICO</b>			
MACRORREGIONAL <input type="checkbox"/> ESTADUAL <input type="checkbox"/> MICRORREGIONAL <input type="checkbox"/> OFICINA <input checked="" type="checkbox"/>			
<b>1.</b>	RJ	<b>2.</b>	Magé
<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira		

<b>Estado</b>		<b>Município</b>			Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	13/05/2009
<b>6. Responsável pela Oficina</b>			Juliana Casemiro e Aleksandro de Paula Educadora Local: Biana e José Marques		

### 7. Conteúdos Trabalhados

A fim de dar continuidade ao processo de nucleação de mulheres e incentivar reflexões acerca da produção coletiva, foi desenvolvida uma oficina prática de confecção de toalhas decoradas. Neste encontro, foi estratégico retirar observações sobre comportamentos e falas que possam ilustrar as próximas oficinas com propósito de formação política.

### 8. Metodologia Utilizada

- Café de boas vindas
- Dinâmica de integração
- Atividade prática de confecção de toalhas decoradas
- Apresentação da produção de cada mulher
- Avaliação da oficina/ encerramento: Que bom!(positivo)/ Que tal? (sugestões) /Que pena! (negativo)

### 9. Material Utilizado

Fitas, tesouras, toalhas, agulhas.

### 10. Encaminhamentos

- Realizar multiplicação do que foi aprendido com outras mulheres da comunidade
- Realizar mais uma oficina prática

### 11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe

#### a) Quais os aspectos facilitadores?

Motivação das mulheres, que se sentem valorizadas por que uma de suas demandas apresentadas foi ouvida.

#### b) Quais as dificuldades encontradas?

Menor apoio da CISV, entidade parceira local.

#### c) Quais os resultados alcançados?

Nucleação de mulheres.

### 12. Comentários Gerais

*Com a reformulação da diretoria e a criação de um departamento de mulheres tem-se mostrando um caminho para iniciar a discussão de gênero neste espaço. Esta ação está reforçando o papel da jovem diretora do departamento e das demais mulheres.*

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

### RELATÓRIO PEDAGÓGICO

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de</b>				<b>5. Data</b>	29/06/2008

<b>Participantes</b>			
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques		
<b>7. Conteúdos Trabalhados</b>			
Diagnóstico de Realidade: <b>Debate com a direção da entidade.</b>			
<b>8. Metodologia Utilizada</b>			
Pesquisa Participativa. Discussão sobre como aplicar um questionário participativo.			
<b>9. Material Utilizado</b>			
pastas, papel, envelopes, canetas.			
<b>10. Encaminhamentos</b>			
Nova reunião para construir o questionário.			
<b>11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe</b>			
<b>a) Quais os aspectos facilitadores?</b>			
O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela diretoria.			
<b>b) Quais as dificuldades encontradas?</b>			
Desconfiança por parte das pessoas da comunidade, devido ao histórico de pessoas e entidades junto a comunidade.			
<b>c) Quais os resultados alcançados?</b>			
Nova etapa do Diagnóstico Local de Realidade.			
<b>12. Comentários Gerais</b>			
O objetivo é realizar um levantamento de realidade a partir da identificação de quem são e como vivem os moradores de Cachoeira Grande, mapeando as dificuldades e potencialidades relacionadas à produção agrícola e qualidade de vida para melhor orientar as ações da Associação.			
<b>OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.</b>			

<b>PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS</b>					
<b>RELATÓRIO PEDAGÓGICO</b>					
MACRORREGIONAL <input type="checkbox"/> ESTADUAL <input type="checkbox"/> MICRORREGIONAL <input type="checkbox"/> OFICINA <input checked="" type="checkbox"/>					
<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá

<b>4. Número de Participantes</b>		<b>5. Data</b>	03/07/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educatória Local: Gabrielle e José Marques		
<b>7. Conteúdos Trabalhados</b>			
Diagnóstico de Realidade:			
<b>8. Metodologia Utilizada</b>			
Exposição Dialogada e cochicho acerca do " <b>Questionário/ Cadastro de Famílias e Agricultores</b> ".			
<b>9. Material Utilizado</b>			
Cópias:			
<b>10. Encaminhamentos</b>			
Refletir sobre a adequação do cadastro às necessidades locais o questionário/ cadastro. CISV e RECID:			
<b>11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe</b>			
<b>a) Quais os aspectos facilitadores?</b>			
O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela <b>Associação de Agricultores de Cachoeira Grande</b> , por isso o grupo está bastante motivado.			
<b>b) Quais as dificuldades encontradas?</b>			
<b>c) Quais os resultados alcançados?</b>			

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	11/07/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>		Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabrielle e José Marques			

#### 7. Conteúdos Trabalhados

Diagnóstico de Realidade: apresentação de proposta de **"Questionário/ Cadastro de Famílias e Agricultores"**.

#### 8. Metodologia Utilizada

Exposição Dialogada e cochicho acerca do **"Questionário/ Cadastro de Famílias e Agricultores"**.

#### 9. Material Utilizado

Cópias:

- (1) material de apresentação da Rede com textos para reflexão sobre organização popular;
- (2) questionário/ cadastro;

#### 10. Encaminhamentos

Refletir sobre a adequação do cadastro às necessidades locais o questionário/ cadastro.  
CISV e RECID: apresentar proposta de logística da aplicação dos questionário/ cadastro.

#### 11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe

##### a) Quais os aspectos facilitadores?

O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande**, por isso o grupo está bastante motivado.

##### b) Quais as dificuldades encontradas?

A nova diretoria da Associação de Agricultores de Cachoeira Grande tomou posse a cerca de três meses e há resistência (ou desconfiança) por parte dos antigos dirigentes em relação às novas propostas.

##### c) Quais os resultados alcançados?

Nova reunião em 1º de agosto para encaminhar o Diagnóstico Local de Realidade.

#### 12. Comentários Gerais

Anteriormente a esta oficina, foram realizados outros contatos. Mais recentemente, seu Bráulio (presidente da Associação e militante antigo pela Reforma Agrária na Baixada), José Marques e Gabrielle (ambos da CISV) estiveram em nosso Encontro Estadual (assessores). Há cerca de um mês visitamos a Associação que nos apresentou esta demanda de realizar um Diagnóstico Local.

Trata-se de uma área de assentamento do ITERJ, que até a década de 1980 estava dividida em 156 lotes. Atualmente a Associação estima que vivam mais de 400 famílias e o local passa por um processo de favelização e de abandono das práticas de agricultura,

principalmente pelos mais jovens. A região está dividida em 5 subáreas e a nossa intenção é realizar oficinas para aprofundamento do diagnóstico nesta localidades, identificando os núcleos a serem formados.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	piabetá
<b>4. Número de Participantes</b>	14		<b>5. Data</b>	26/07/2008	
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana casemiro, alexsandro soares				

**7. Conteúdos Trabalhados**

Leitura da bibliografia de bráulio rodrigues, líder da historia da luta pela terra na baixada fluminense

**8. Metodologia Utilizada**

**9. Material Utilizado**

DVD

**10. Encaminhamentos**

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

Atenção ao tópicos e realidade da comunidade

**c) Quais os resultados alcançados?**

Valorização de lideranças históricas do Bairro.

## 12. Comentários Gerais

Maior ênfase na questão da sustentabilidade e autonomia das pessoas

OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.

## PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS

### RELATÓRIO PEDAGÓGICO

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	01/08/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabrielle e José Marques				

## 7. Conteúdos Trabalhados

Discussão sobre o questionário a ser aplicado na comunidade.

## 8. Metodologia Utilizada

Continuação das escolhas dos itens a constar no questionário.

## 9. Material Utilizado

Xérox e data-show

## 10. Encaminhamentos

Refletir sobre a adequação do cadastro às necessidades locais o questionário/ cadastro.

## 11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe

### a) Quais os aspectos facilitadores?

Associação ajudando no processo.

### b) Quais as dificuldades encontradas?

Empecilhos devido a disputas locais com antigos lideres da comunidade.

**c) Quais os resultados alcançados?**

**12. Comentários Gerais**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	13/08/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandre de Paula Educatória Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

Diagnóstico de Realidade:

**AS CARACTERISITCAS DE CACHOEIRA GRANDE**

**8. Metodologia Utilizada**

**APLICAÇÃO DO QUESTIONARIO EM PEQUENA PARTE DA LOCALIDADE**

**9. Material Utilizado**

PASTAS, QUESTINARIOS CANETAS ETC

**10. Encaminhamentos**

ESTUDAR OS RESULTADOS OBTIDOS

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

**a) Quais os aspectos facilitadores?**

ACEITAÇÃO POR PARTE DAS PESSOAS NO LOCAL

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

ACESSO DIFÍCIL POR PARTE DOS EDUCADORES

c) **Quais os resultados alcançados?**

INÍCIO DO MAPEAMENTO

**12. Comentários Gerais**

.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**PROJETO: EDUCAÇÃO POPULAR E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA EFETIVAÇÃO E EXERCÍCIO DOS DIREITOS HUMANOS**

**RELATÓRIO PEDAGÓGICO**

MACRORREGIONAL  ESTADUAL  MICRORREGIONAL  OFICINA

<b>1. Estado</b>	RJ	<b>2. Município</b>	Magé	<b>3. Bairro</b>	Piabetá - Cachoeira Grande
<b>4. Número de Participantes</b>				<b>5. Data</b>	06/09/2008
<b>6. Responsável pela Oficina</b>	Juliana Casemiro e Alexandro de Paula Educadora Local: Gabriele e José Marques				

**7. Conteúdos Trabalhados**

Diagnóstico de Realidade: *Aplicação do Questionário na Subárea 5 - Piloto*

**8. Metodologia Utilizada**

Pesquisa Participativa. O questionário produzido junto com a associação foi testado neste dia. Treinamento para aplicação do questionário. Para a aplicação deste questionário formamos duplas: sempre uma pessoa da Associação e um(a) educador(a). Avaliação e propostas para a correção do questionário.

**9. Material Utilizado**

Cópias dos questionários, pastas, papel, envelopes, canetas.

**10. Encaminhamentos**

Correção dos questionários e nova etapa.

**11. Referente ao desenvolvimento dos encontros de formação com as famílias, com os educadores e o trabalho da equipe**

a) **Quais os aspectos facilitadores?**

O diagnóstico de realidade foi uma necessidade apresentada pela **Associação de Agricultores de Cachoeira Grande**, por isso o grupo está bastante motivado.

**b) Quais as dificuldades encontradas?**

A nova diretoria da Associação de Agricultores de Cachoeira Grande tomou posse a cerca de três meses e há resistência (ou desconfiança) por parte dos antigos dirigentes em relação às novas propostas.

**c) Quais os resultados alcançados?**

Nova etapa do Diagnóstico Local de Realidade.

**12. Comentários Gerais**

**A lista de presença ficou na Associação de Pequenos Produtores e será entregue em breve.**

(1) A Associação de Pequenos Produtores de Cachoeira Grande – Piabetá – Magé/RJ atua desde a década de 1980 nesta área: um assentamento rural do ITERJ composto inicialmente por 156 lotes. O processo de intensa migração e urbanização, aliado ao afastamento dos jovens das atividades agrícolas, desemprego e precariedade de serviços públicos trouxe novos desafios que começarão a ser sistematizados com esta pesquisa.

(2) O questionário reúne questões sobre dados sócio-econômicos, de produção, consumo alimentar e da EBIA – Escala Brasileira de Insegurança Alimentar.

(3) O objetivo é realizar um levantamento de realidade a partir da identificação de quem são e como vivem os moradores de Cachoeira Grande, mapeando as dificuldades e potencialidades relacionadas à produção agrícola e qualidade de vida para melhor orientar as ações da Associação.

**OBS: Anexar lista de presença (original e uma cópia) e fotos.**

**56-SUGESTÕES À ASSOCIAÇÃO****COMENTARIOS**

MELHORIAS PARA TER UM MERCADO,MELHORIAS PARA A RUA ONDE MORA,MELHOR ILUMINAÇÃO E SEGURANÇA.

CRIAR UMA MERCEARIA COMUNITÁRIA PARA COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS LOCAIS.

MELHORIAS PARA O BAIRRO(ESGOTO,ILUMINAÇÃO,DEDETIZAÇÃO),ILUMINAÇÃO PÚBLICA,SANEAMENTO BÁSICO,MELHORIA PARA A RUA(ASFALTO).

MELHORIAS NOS TRANSPORTES.

NECESSITA TER MAIS REPASSE DE CALCÁRIO,ADUBO,SEMENTES,ETC...MELHORIAS NAS RUAS,PROCURAR FAZER SANEAMENTO BÁSICO E ILUMINAÇÃO NAS RUAS.

MELHORIA NA ESTRADA.

TRANSFERIR O POSTO MÉDICO PARA A SEDE DA ASSOCIAÇÃO E REATIVAR O GALPÃO DO ALVEJAMENTO.

TEM VONTADE DE SER ASSOCIADA.CURSOS PARA OS JOVENS EM RELAÇÃO A AGRICULTURA(PLANTIO E PRODUÇÃO.)

FALTA UMA PRAÇA PARA AS CRIANÇAS,COMPUTADOR COM INTERNET,CURSOS E ATIVIDADES PARA JOVENS,ARTESANATO.

CURSOS PROFISSIONALIZANTES.

MAIOR NÚMERO DE CURSOS AGRÍCOLAS QUE VIEREM À COMUNIDADE./ MAIOR DISPONIBILIDADE DE RECURSOS DE SAÚDE,COMO,FISIOTERAPEUTA.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA.

IMPEDIR O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO.

INCENTIVO ÀS PRÁTICAS AGRÍCOLAS.

EU GOSTARIA QUE O CAMPO SE MANTIVESSE LIMPO E PRESERVADO PARA AS CRIANÇAS E QUE FOSSE CONSTRUÍDA UMA PRACINHA COM QUADRA PARA ELAS BRINCAREM.

MELHORIA DA ESTRADA.

INCENTIVOS A EMPREGOS.

MELHORAR A ASSISTÊNCIA MÉDICA.

TER MAIS UNIÃO ENTRE OS ASSOCIADOS.

ESTRADA EM PÉSSIMAS CONDIÇÕES.

CRECHE,CURSOS PROFISSIONALIZANTES E PALESTRAS.

REALIZAR EVENTOS PARA ARRECADAR FUNDOS,MUDAR DE ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES PARA PRODUTORES E MORADORES.

QUE TIVESSEM MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO.

MELHORIA NOS TRANSPORTES,ILUMINAÇÃO PÚBLICA,MELHORIA NA ESTRADA(EXISTE MUITA LAMA).  
MAIS INFORMAÇÕES.

REVITALIZAÇÃO DO GALPÃO DO ALVEJAMENTO.ÁGUA CANALIZADA E TRATADA.  
MELHORIA DO TRANSPORTE E MAIS OPORTUNIDADE DE EMPREGO.

CURSOS PROFISSIONALIZANTES.  
BUSCAR O MELHORAMENTO DAS RUAS.

VAI SE ASSOCIAR.ADUBO MAIS EM CONTA E SEMENTE MAIS BARATA.  
MELHORIAS PARA A RUA(CALÇAMENTO) E SANEAMENTO BÁSICO.

INVESTIMENTO EM MAQUINÁRIO.

TEM INTERESSE EM SE ASSOCIAR.

AULAS DE MÚSICA.  
TER UM ZELADOR NA SEDE.

A ASSOCIAÇÃO DEVERIA PROVIDENCIAR UM PARQUINHO PARA AS CRIANÇAS E CURSOS PROFISSIONALIZANTES PARA OS ADOLESCENTES.

TRAZER CURSOS PARA JOVENS.

BUSCAR RECURSOS PARA MELHORAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA.

CURSOS (PARA A POPULAÇÃO EM GERAL).

CURSOS PROFISSIONALIZANTES.

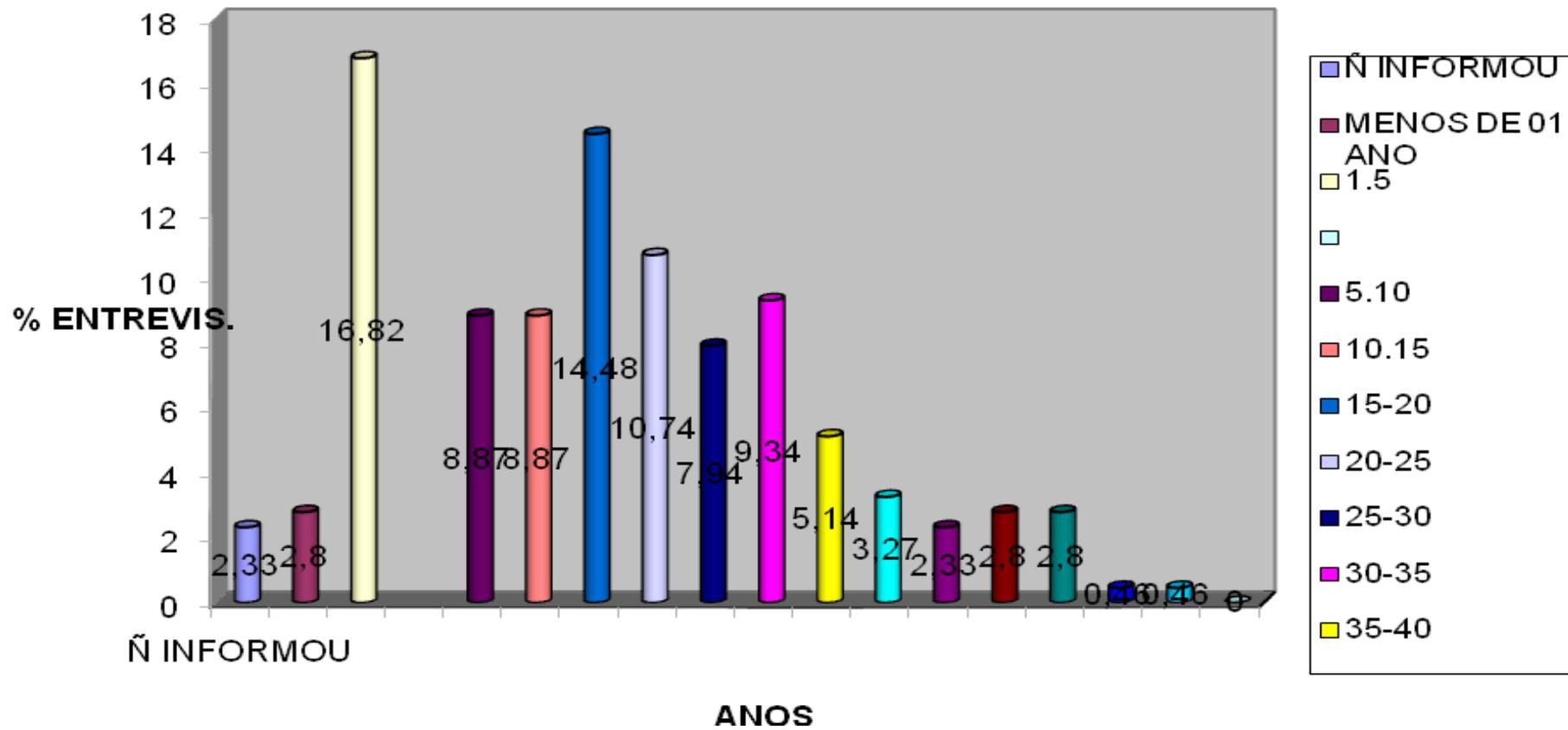
ASSOCIAÇÃO MUITO PARADA,QUEREMOS INCENTIVOS,PARA CURSOS(CULINÁRIA,PINTURA,COMPUTAÇÃO),MELHORIA PARA A RUA ONDE MORA(CALÇAMENTO).ILUMINAÇÃO PÚBLICA.

ACESSO A MUDAS DE PLANTAS FRUTÍFERAS,AUXÍLIO NO PLANTIO DO POMAR.O TRATOR VEIO,INICIOU O SERVIÇO E NÃO VOLTOU,POR ISSO NÃO FOI POSSÍVEL PLANTAR AIPIM.
ELES PLANTAM NA ÁREA,SÓ NÃO ESTÃO PLANTANDO ATUALMENTE.
APOIO DA ASSOCIAÇÃO PARA A COLHEITA E CURSOS PROFISSIONALIZANTES PARA OS JOVENS.
MELHORIAS DE RUAS,ILUMINAÇÃO PÚBLICA(DE RUA),SANEAMENTO BÁSICO E CANALIZAÇÃO DE ÁGUA.
MELHORIA PARA A RUA(CALÇAMENTO),ILUMINAÇÃO DE RUA(BAIXA TENSÃO PARA SE COLOCAR OS BRAÇOS DE LUZ) E SANEAMENTO BÁSICO.
SE UNIR MAIS E COMUNICAÇÃO PARA A COMUNIDADE.
QUE ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO ALGUM ÓRGÃO POSSA TRAZER CURSOS PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES.
MORA COM OS FILHOS,PORÉM É SUSTENTADA PELA MÃE.
ILUMINAÇÃO PÚBLICA.
ILUMINAÇÃO PÚBLICA.
MELHORIAS E CURSOS.
MELHORIAS PARA ILUMINAÇÃO.
CRIAR MEIOS DE AUMENTAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA.
MELHORIAS DAS RUAS.
MELHORAR AS ESTRADAS.
MÁQUINAS (TRATOR) PARA FAZER DRENAGEM,OU SEJA,MELHORAR AS CONDIÇÕES DE PLANTIO.
PROCURAR MELHORIAS E CURSOS DE CAPACITAÇÃO.
FALTA SANEAMENTO BÁSICO.
MELHORIA NA RUA ONDE MORA(FAZER A ESTRADA PARA A ESCOÇÃO DE MERCADORIAS).
QUE A ASSOCIAÇÃO OLHASSE MELHOR A ÁREA QUE ESTÁ SENDO OCUPADA POR PESSOAS QUE NÃO SÃO PRODUTORAS.
MELHORIA NA RUA ONDE MORA(O CARRO ESTÁ SEMPRE QUEBRANDO),GOSTARIA QUE A ASSOCIAÇÃO MANTIVESSE APOIO COM A PREFEITURA,PARA MELHORIAS NA COMUNIDADE(ASFALTO E SANEAMENTO DE VALAS).
CURSOS PROFISSIONALIZANTES:INTERNET,INFORMÁTICA.
SUGIRO QUE PROVIDENCIEM MELHORIA NA QUANTIDADE DE ÁGUA,POIS QUANDO AMANHESSE NÃO TENHO ÁGUA SUFICIENTE NEM PARA TOMAR BANHO.E O SALÃO SERIA GRÁTIS PARA QUEM É SÓCIO.(DIGO:SALÃO DA ASSOCIAÇÃO.)
COOPERAÇÃO DO SÓCIO.
TRABALHAR JUNTO À PREFEITURA PARA DISPONIBILIZAR EQUIPAMENTOS,COMO RETROESCAVADEIRA,TRATOR,ETC.
QUE HAJA A MUDANÇA DOS OBJETIVOS DA ASSOCIAÇÃO:DE PRODUTORES PARA PRODUTOR E MORADORES.CRIAÇÃO DE UM MERCADO VAREJISTA DOS PRODUTORES.ORGANIZAR UM

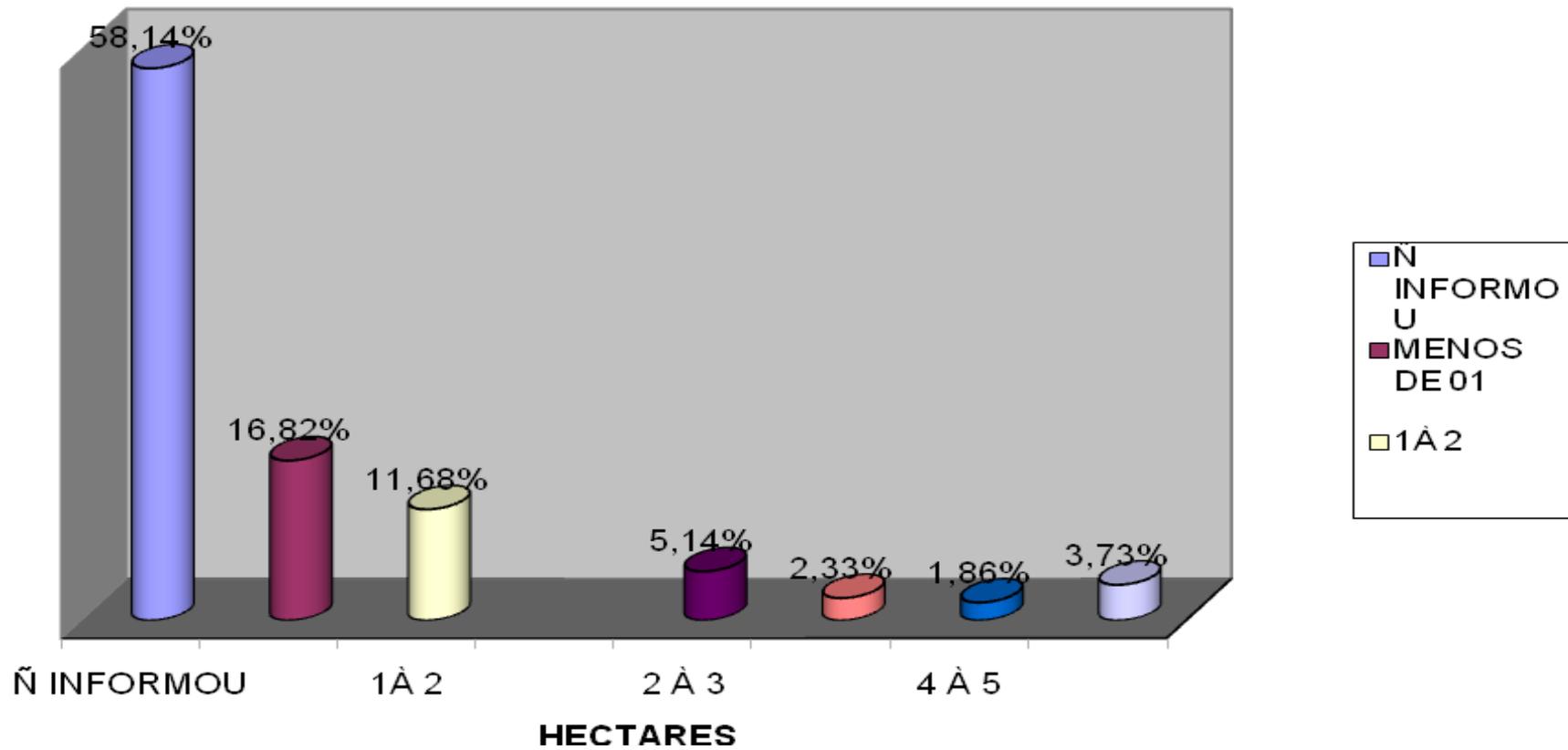
PLANEJAMENTO DE PRODUÇÃO.
PROCURAR MAIS INCENTIVO PARA A AGRICULTURA.
MELHORIAS NAS RUAS E CURSOS DE CAPACITAÇÃO.
FORNECIMENTO DE INSUMOS.
VISITAÇÃO DA DIRETORIA ÀS RESIDÊNCIAS.
CURSOS DE CAPACITAÇÃO PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES.MELHORIA PARA AS RUAS(CALÇAMENTO).
SUGIRO QUE O ALUGUEL NÃO SEJA COBRADO PELOS ASSOCIADOS DIGO:ALUGUEL DO SALÃO.
CRIAÇÃO DE ATIVIDADES PARA JOVENS E MULHERES.
ÁREA DE LAZER PARA AS CRIANÇAS E DEFENSIVOS AGRÍCOLAS PARA OS AGRICULTORES.PARceria COM A PREFEITURA PARA TRAZER PROFESSORES DE QUINTA A OITAVA SÉRIES PARA A LOCALIDADE.
FALTA SANEAMENTO.
NÃO SOUBE INFORMAR.
CONVIDAR TODOS OS MORADORES PARA A ASSEMBLÉIA DO ASSENTAMENTO,SÓCIOS OU NÃO.FAZER FESTA EM COMEMORAÇÃO AO DIA DAS CRIANÇAS,DIA DAS MÃES E DIA DOS PAIS.
CURSO PARA OS JOVENS TRABALHAREM NA AGRICULTURA E TAMBÉM EM OUTRAS ÁREAS.
ENTROSAMENTO DA ASSOCIAÇÃO COM O GOVERNO MUNICIPAL E ESTADUAL,MELHORIAS DAS RUAS,SANEAMENTO BÁSICO,INCENTIVOS E BENEFÍCIOS PARA A COMUNIDADE.
MAIS UNIÃO.
APROVEITAR CADA VEZ MAIS O CULTIVO E INVESTIR NA PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO.
QUE OS MORADORES DA ASSOCIAÇÃO FOSSEM MAIS UNIDOS.
CURSOS PROFISSIONALIZANTES,UMA COOPERATIVA SEM VÍNCULO AGRÍCOLA,COZINHA COMUNITÁRIA.
MAIS REUNIÕES SÓ PARA OS ASSOCIADOS.
ENTRETENIMENTO PARA ARRECADAÇÃO DE FUNDOS.
SUGIRO O RETORNO DO TRATOR PARA ARAR A MINHA TERRA.
NÃO RECEBO CONVOCAÇÃO PARA REUNIÕES.
TER UM CAMINHÃO PARA LEVAR AS CAIXAS PARA O CEASA,PARA TER UM CUSTO MENOR.
GOSTARIA QUE TIVESSE FARMÁCIA E POSTO POLICIAL NA COMUNIDADE./ HOUVE RELATO DE QUE O ESPOSO ESTÁ DESEMPREGADO,APESAR DE TRABALHAR NA AGRICULTURA.
CONSEGUIR EQUIPAMENTOS PARA EMPRÉSTIMO AOS AGRICULTORES.

CURSOS PARA CRIANÇAS(INGLÊS),CURSO PARA MULHERES(CABELO,MANICURE) E CURSO DE INFORMÁTICA.
TRANSPORTE
UM LUGAR PERTO PARA COMPRAR ALIMENTOS MAIS BARATOS,DIRETO DO AGRICULTOR.DEPÓSITO E UM LUGAR PARA COMPRAR PÃO.
TRATOR,ADUBO,CALCÁRIO,TOBATA E DRAGA.
UM SACOLÃO QUE VENDA VERDURAS MAIS PRÓXIMO DE ONDE MORAMOS,POIS PRECISO PEGAR ÔNIBUS OU IR DE BICICLETA
HORTA,ÁGUA,PORCO,GALINHA.
MELHORIA DA RUA.
UNIÃO DE TODOS OS ASSENTADOS.
COLOCAR UM DENTISTA PARA TRATAR DOS DENTES DOS MORADORES.

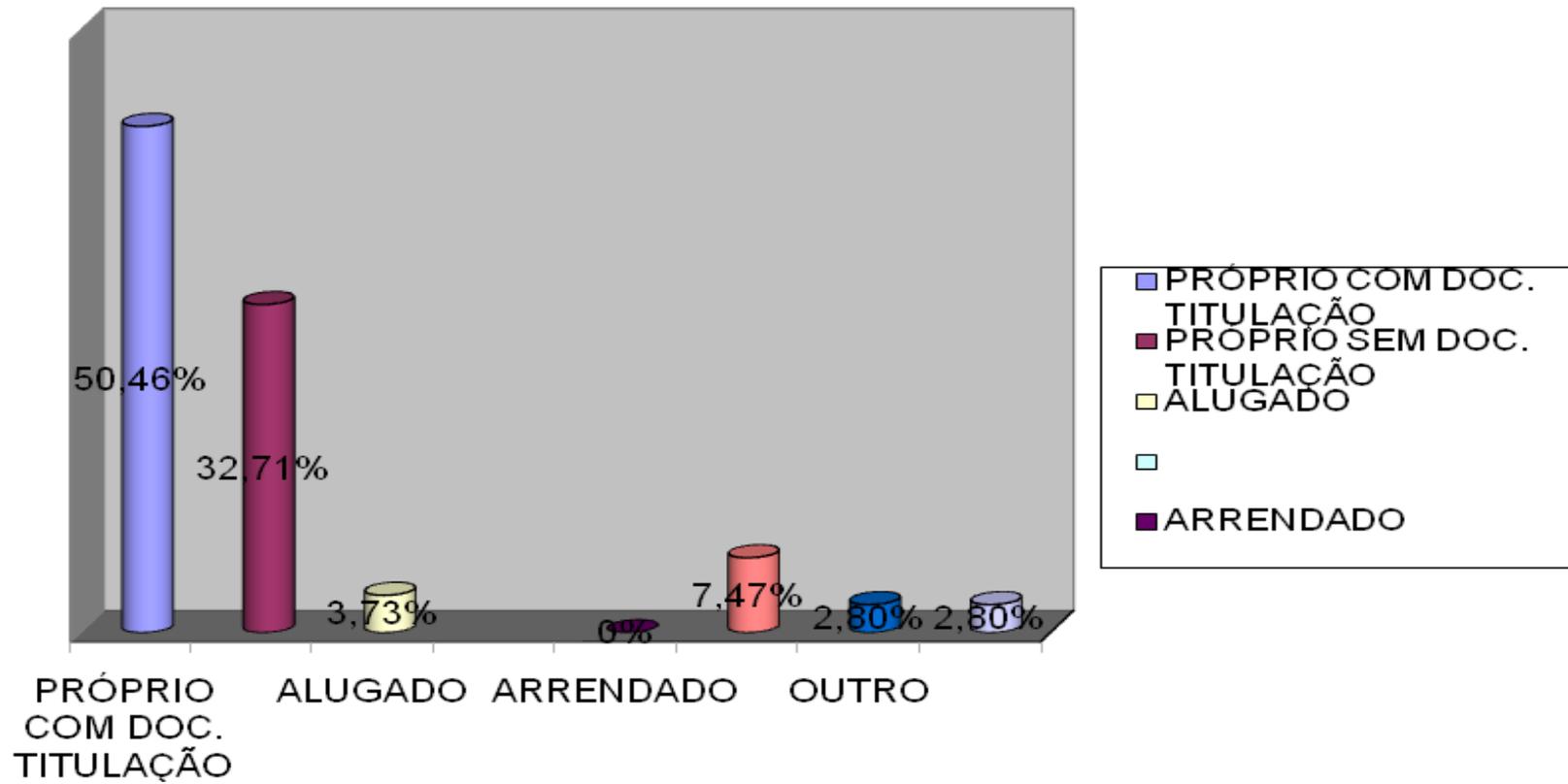
## TEMPO DE RESIDÊNCIA



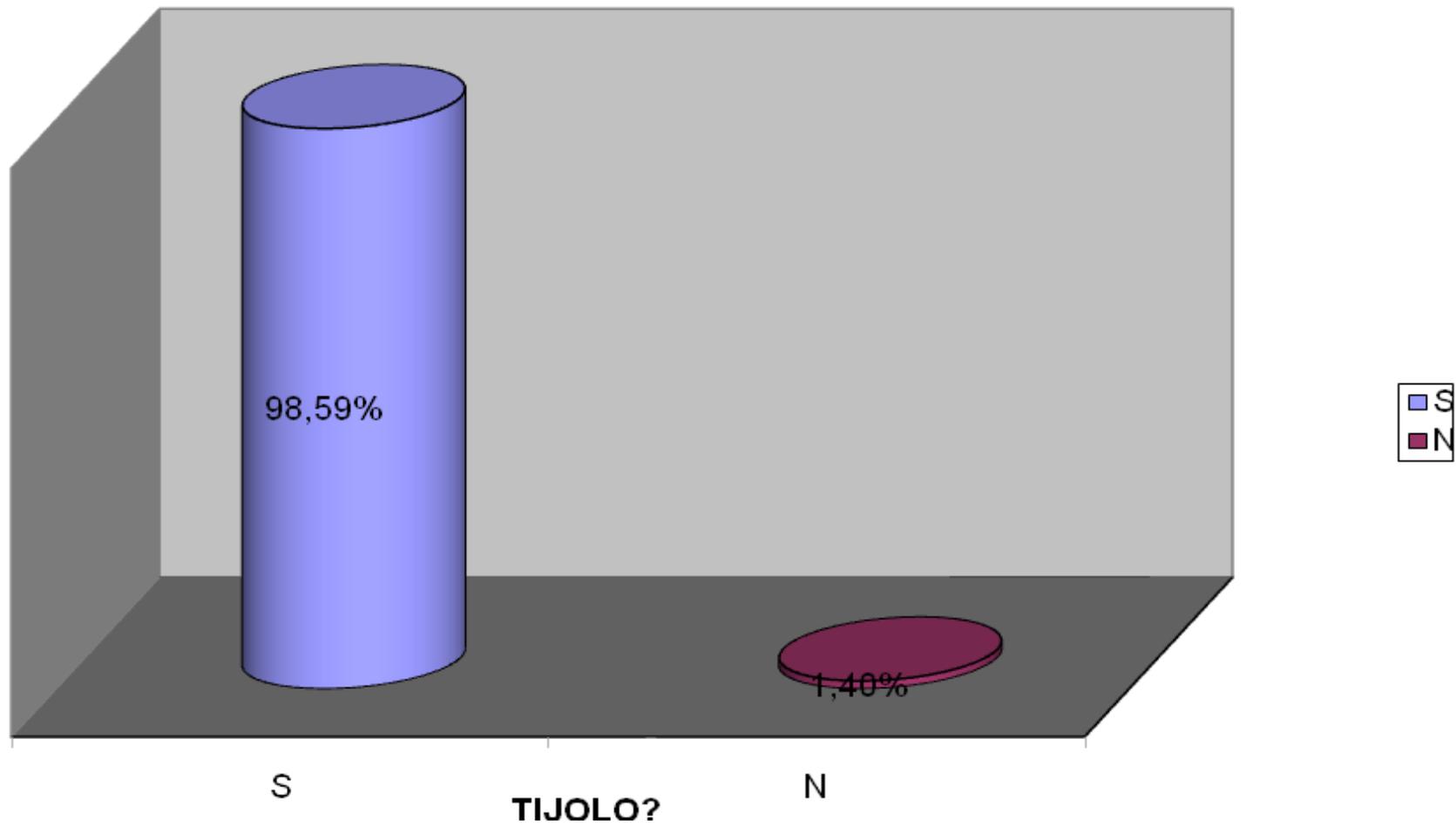
## TAMANHO DO TEREENO



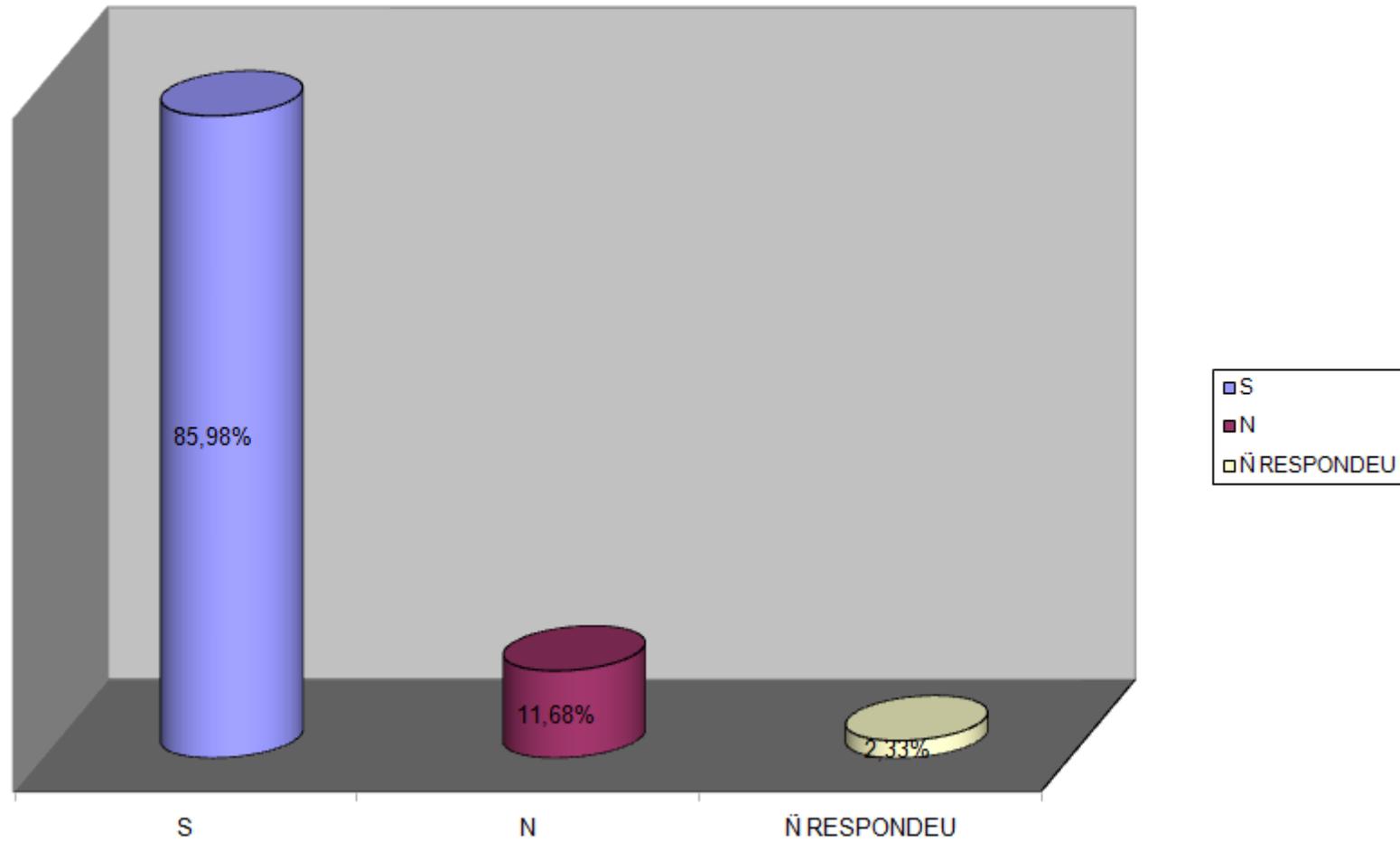
## SITUAÇÃO ATUAL DO TERRENO



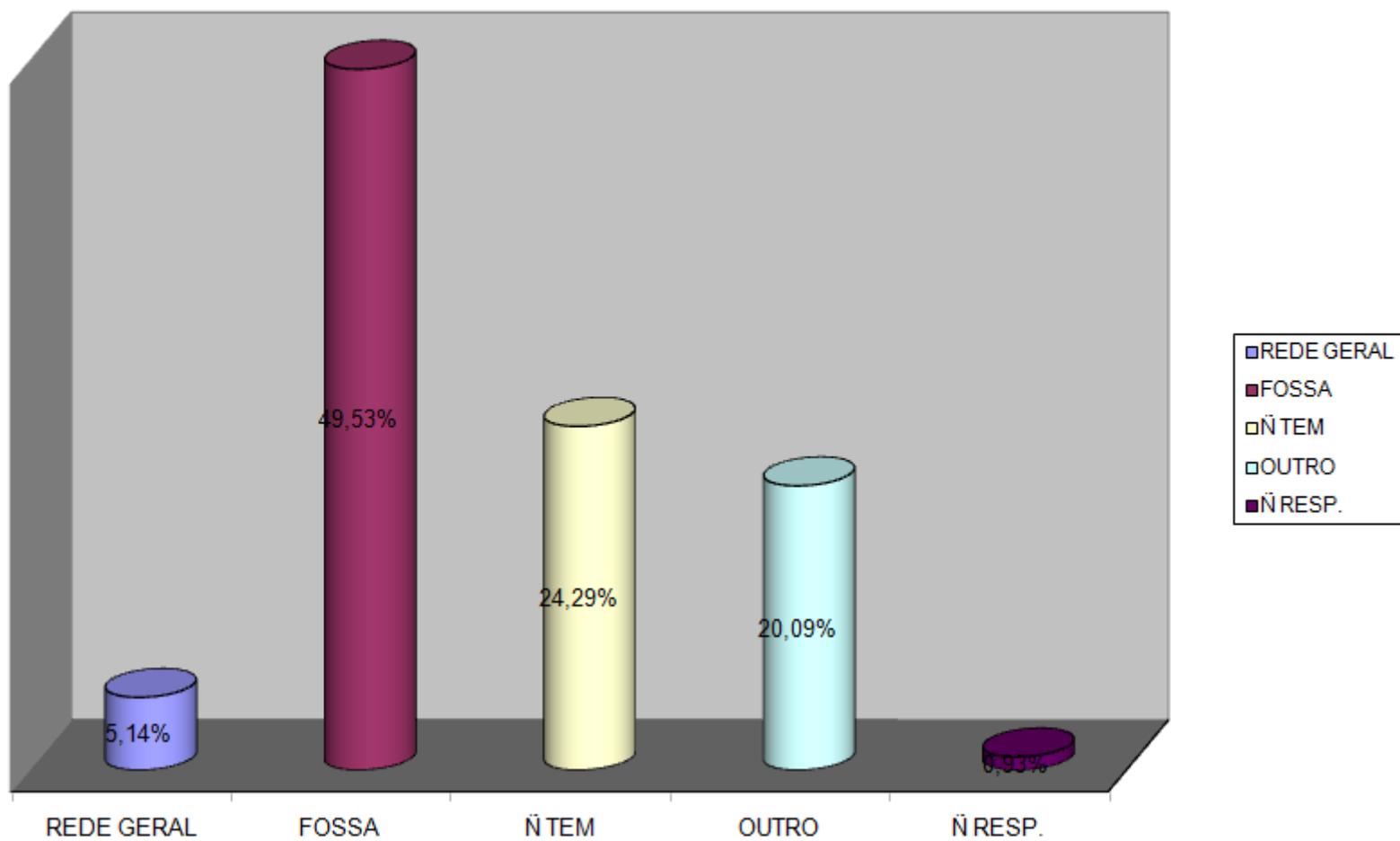
## TIPO DE CONSTRUÇÃO



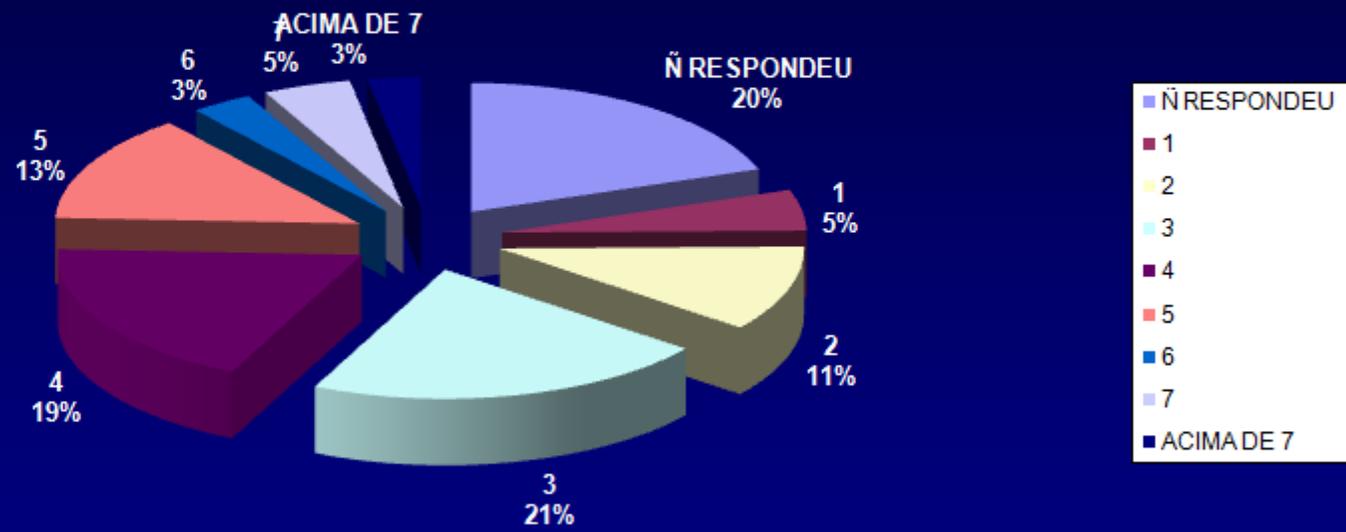
### CANALIZAÇÃO INTERNA



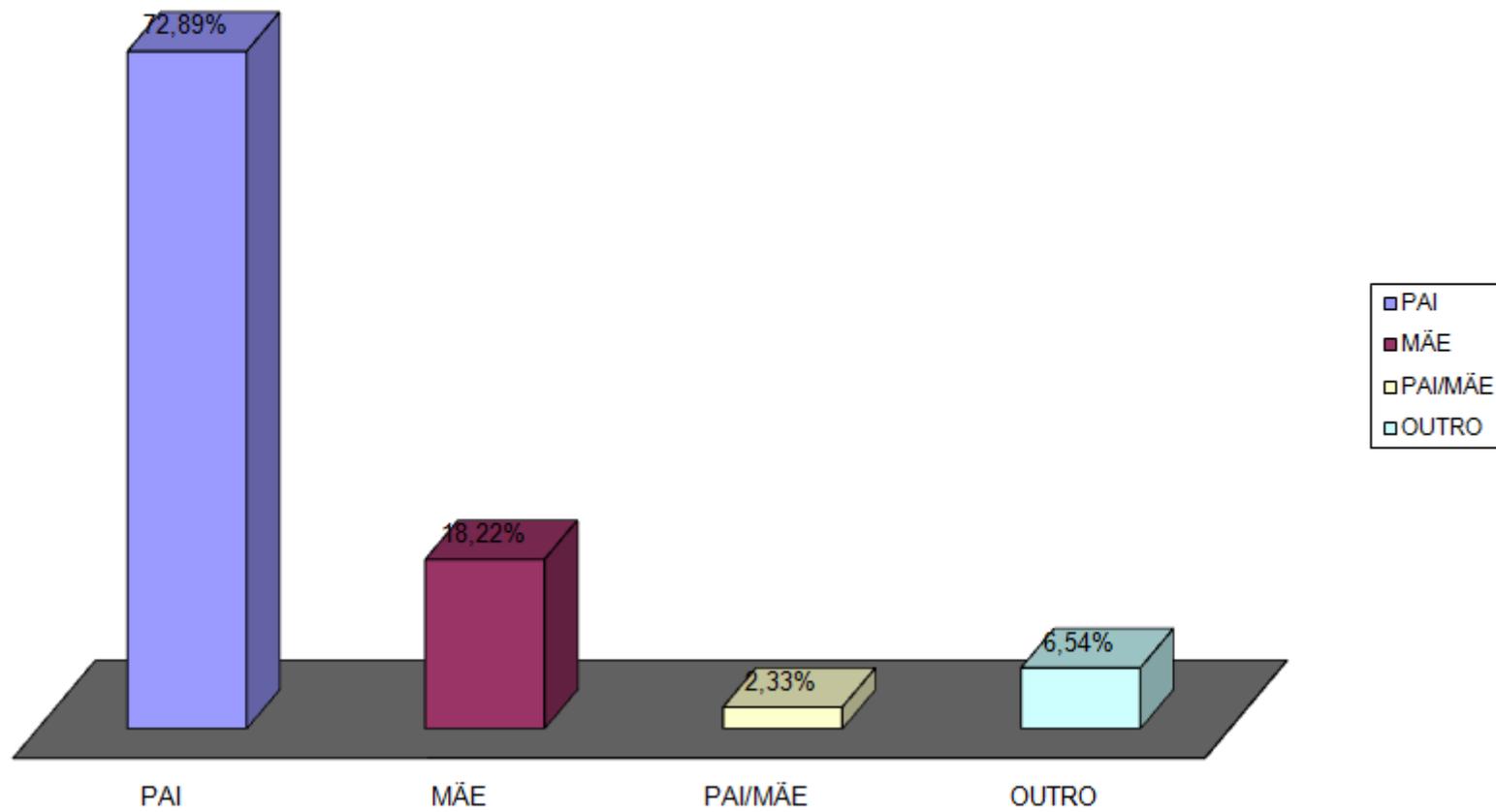
### SOBRE A CASA



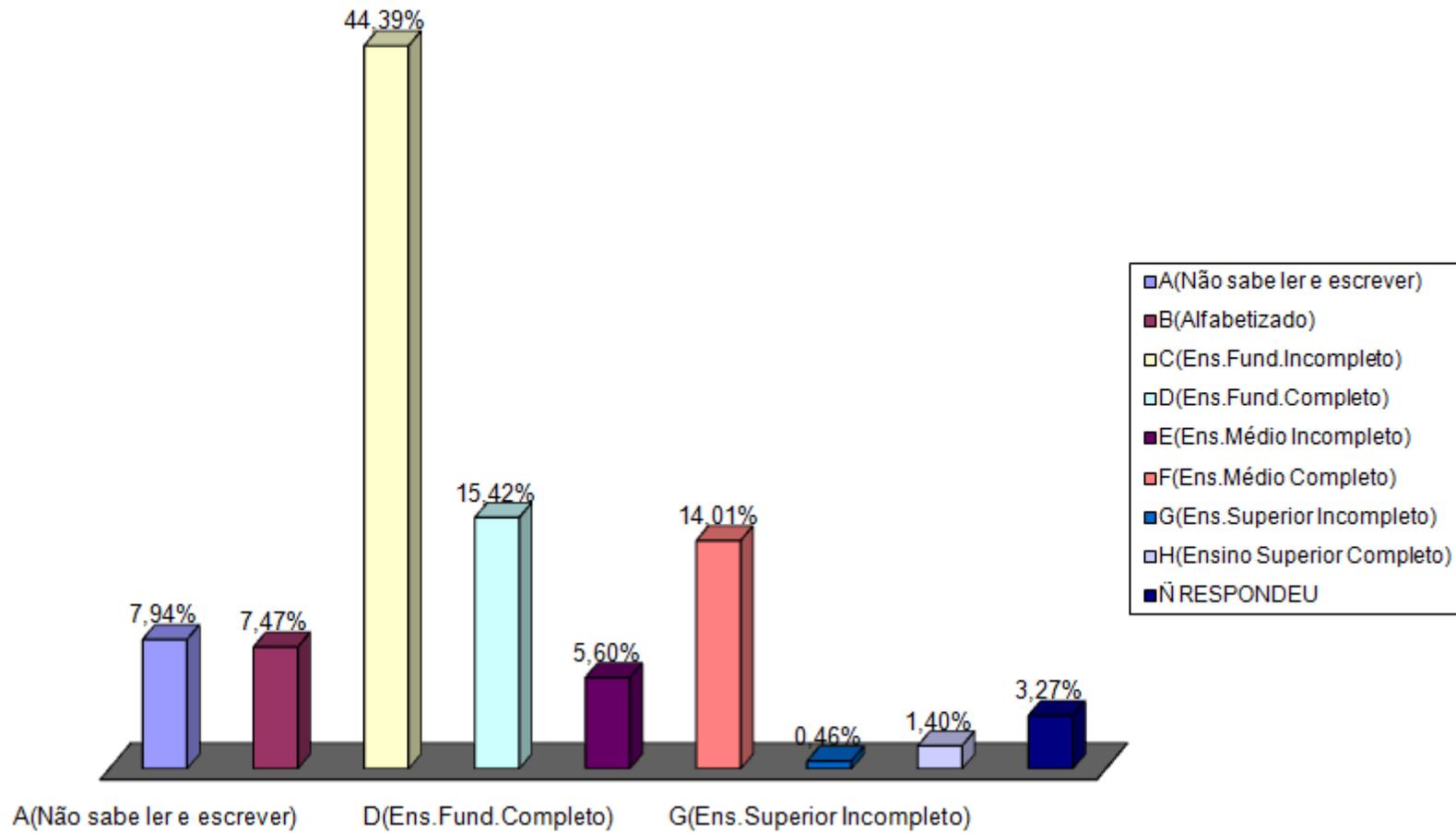
## NUMERO DE RESIDENTES NA CASA



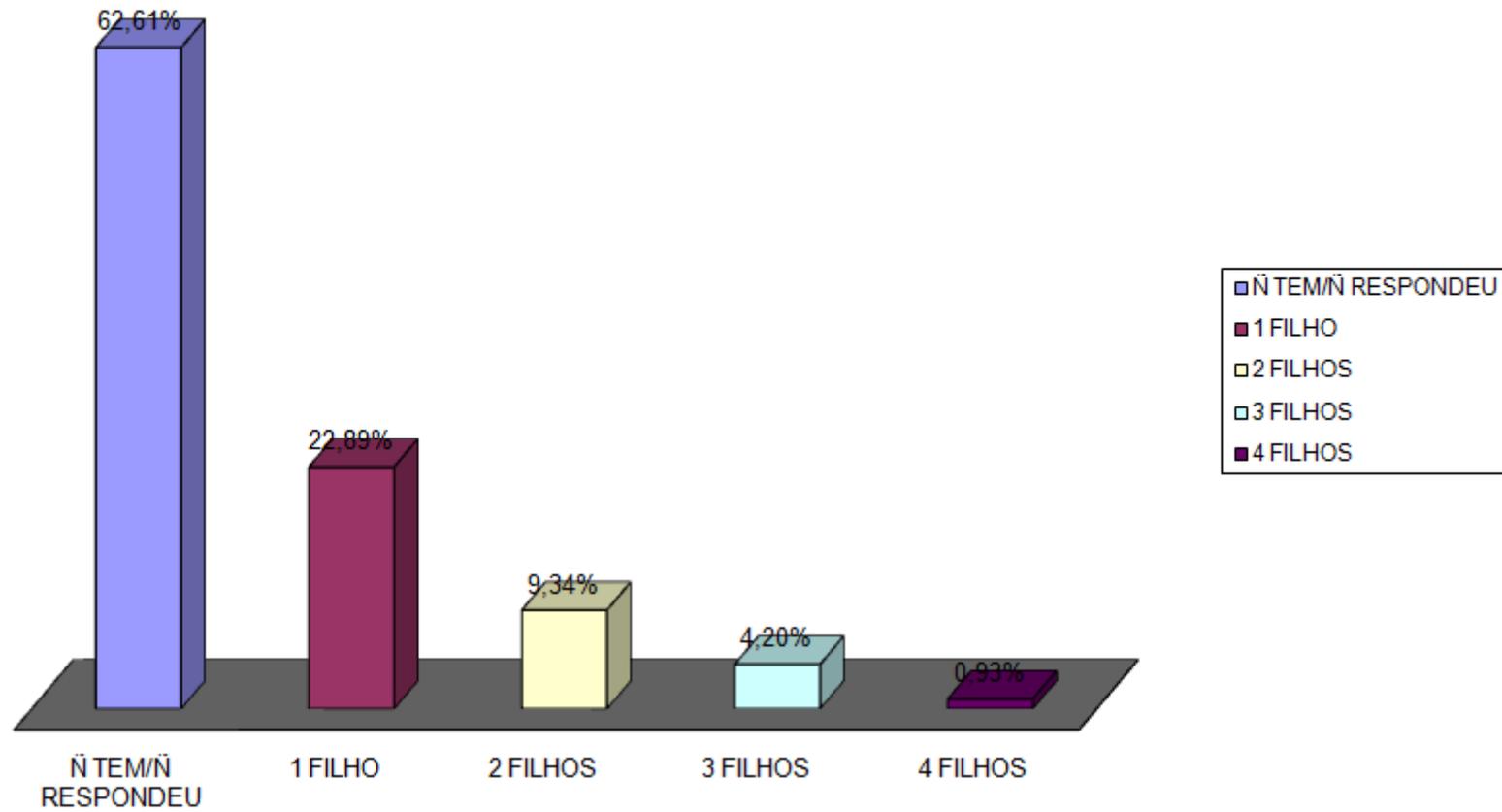
## RESPONSÁVEL PELA RESIDÊNCIA



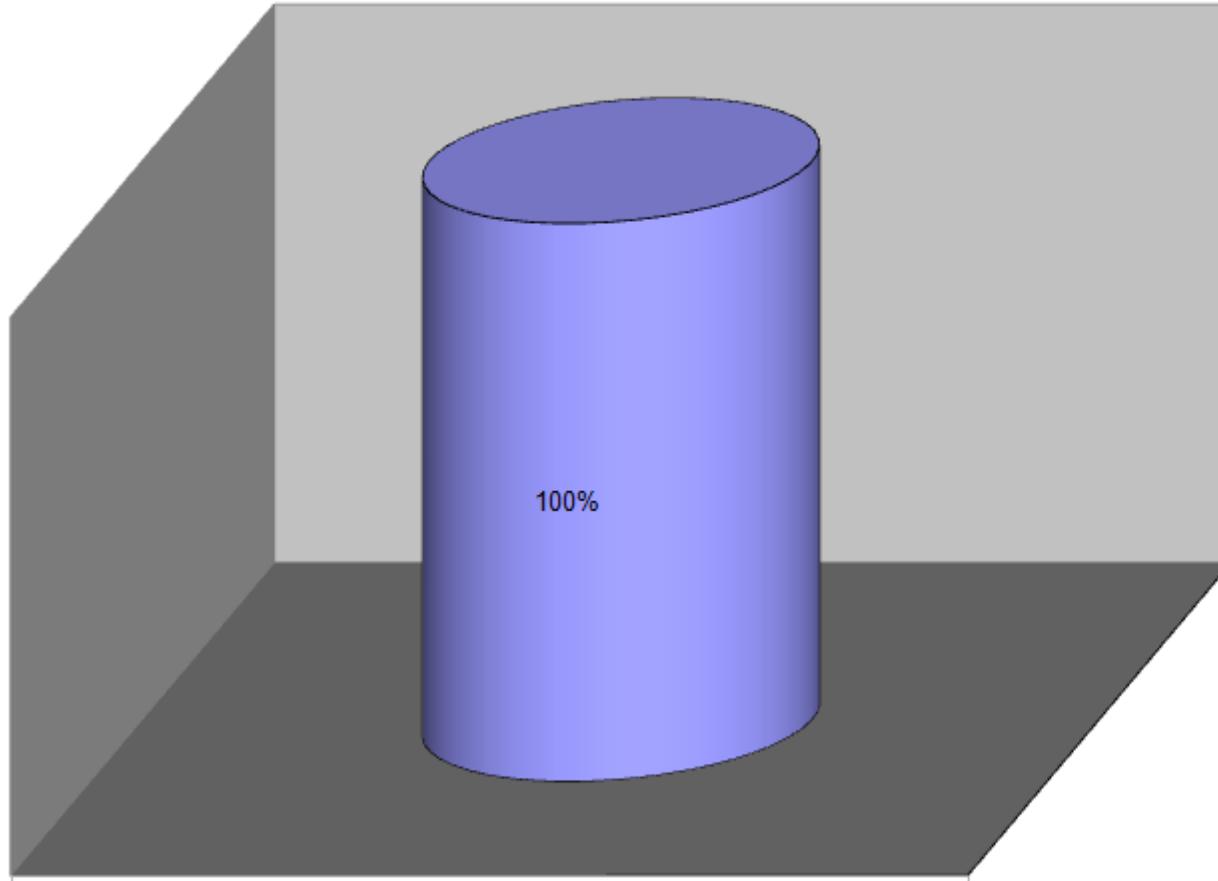
## ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO



### QUANTOS ENTRE 6 E 12 ANOS?



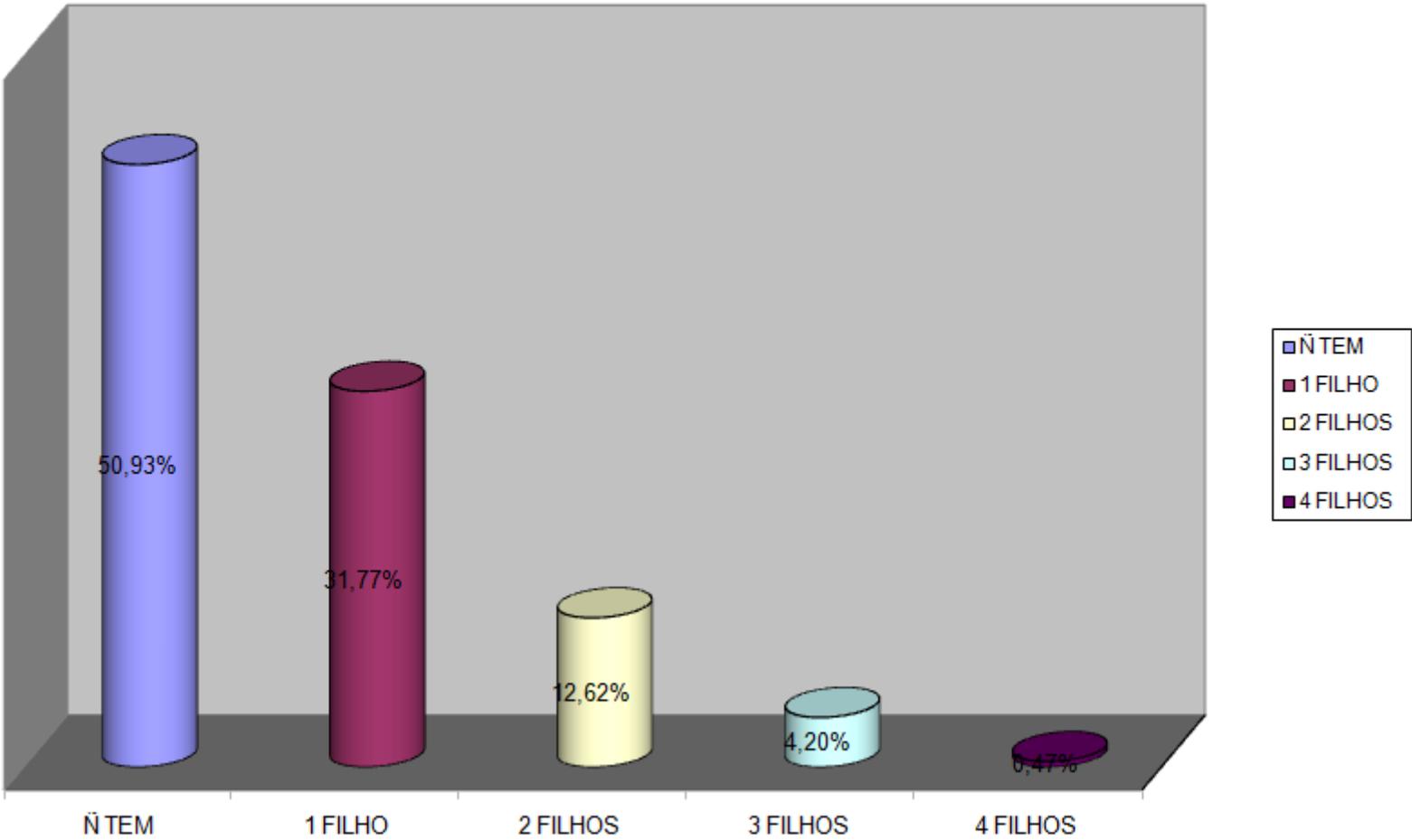
ESTÃO MATRICULADOS?



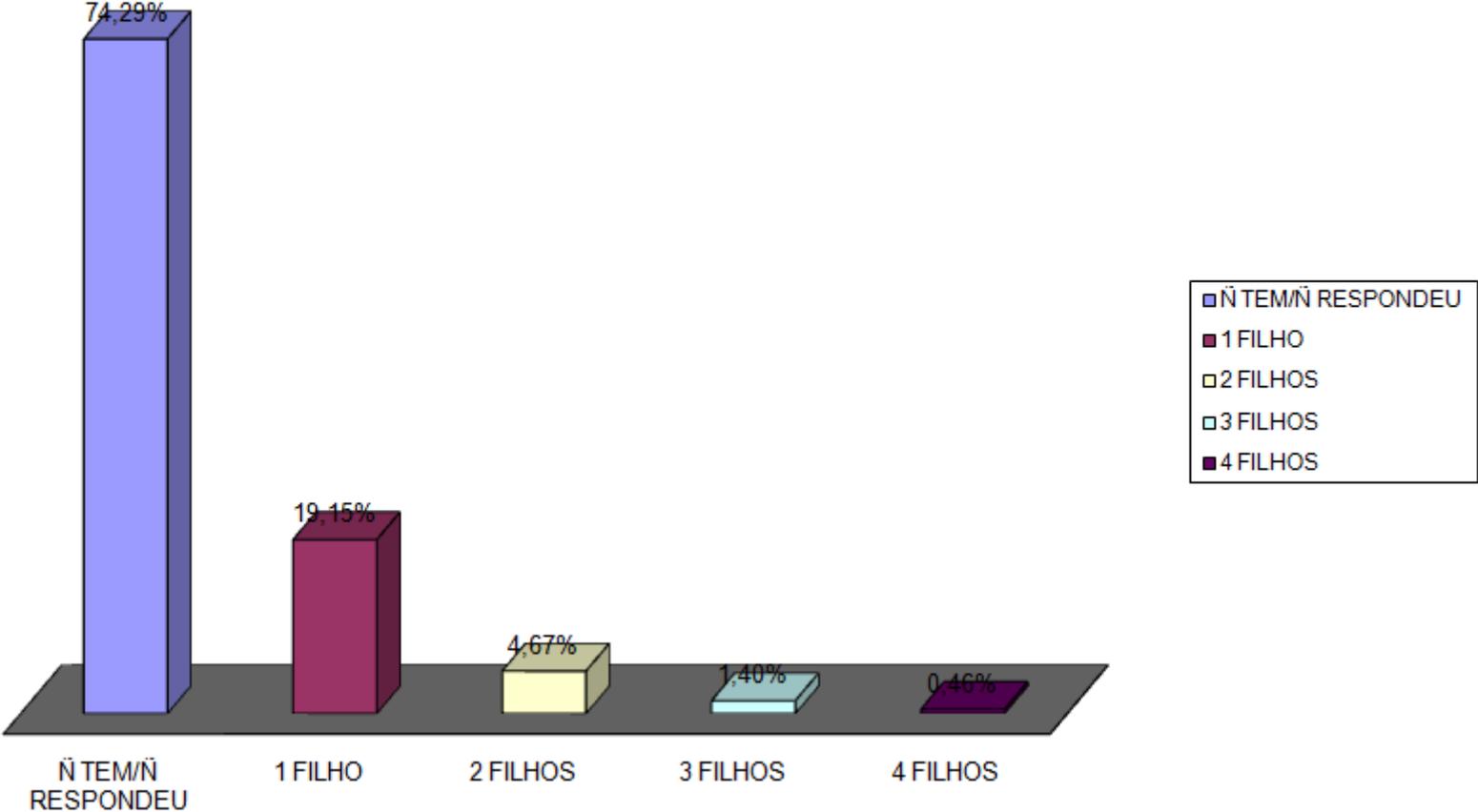
1

SI

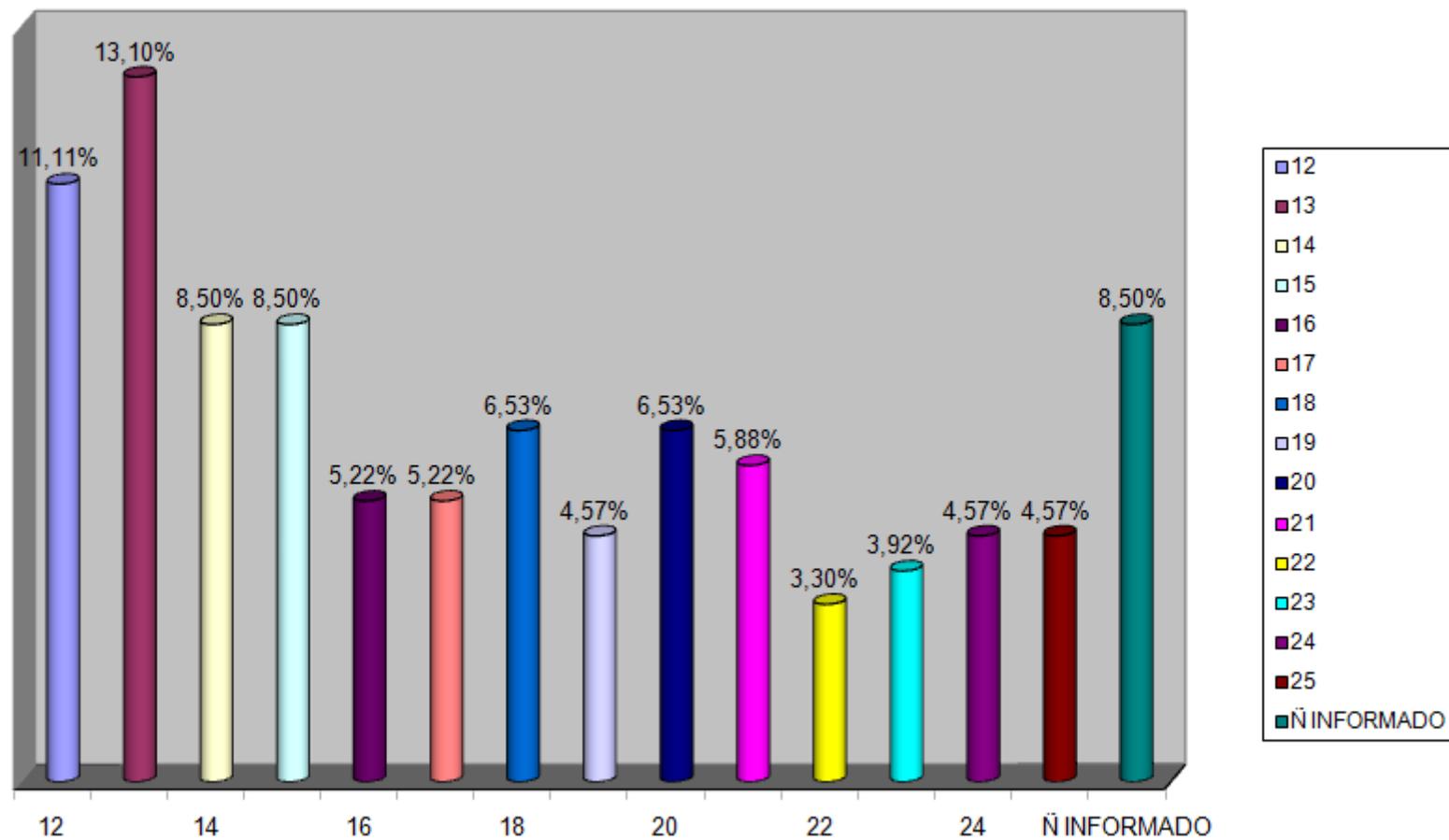
QUANTOS ENTRE 12 E 25 ANOS?



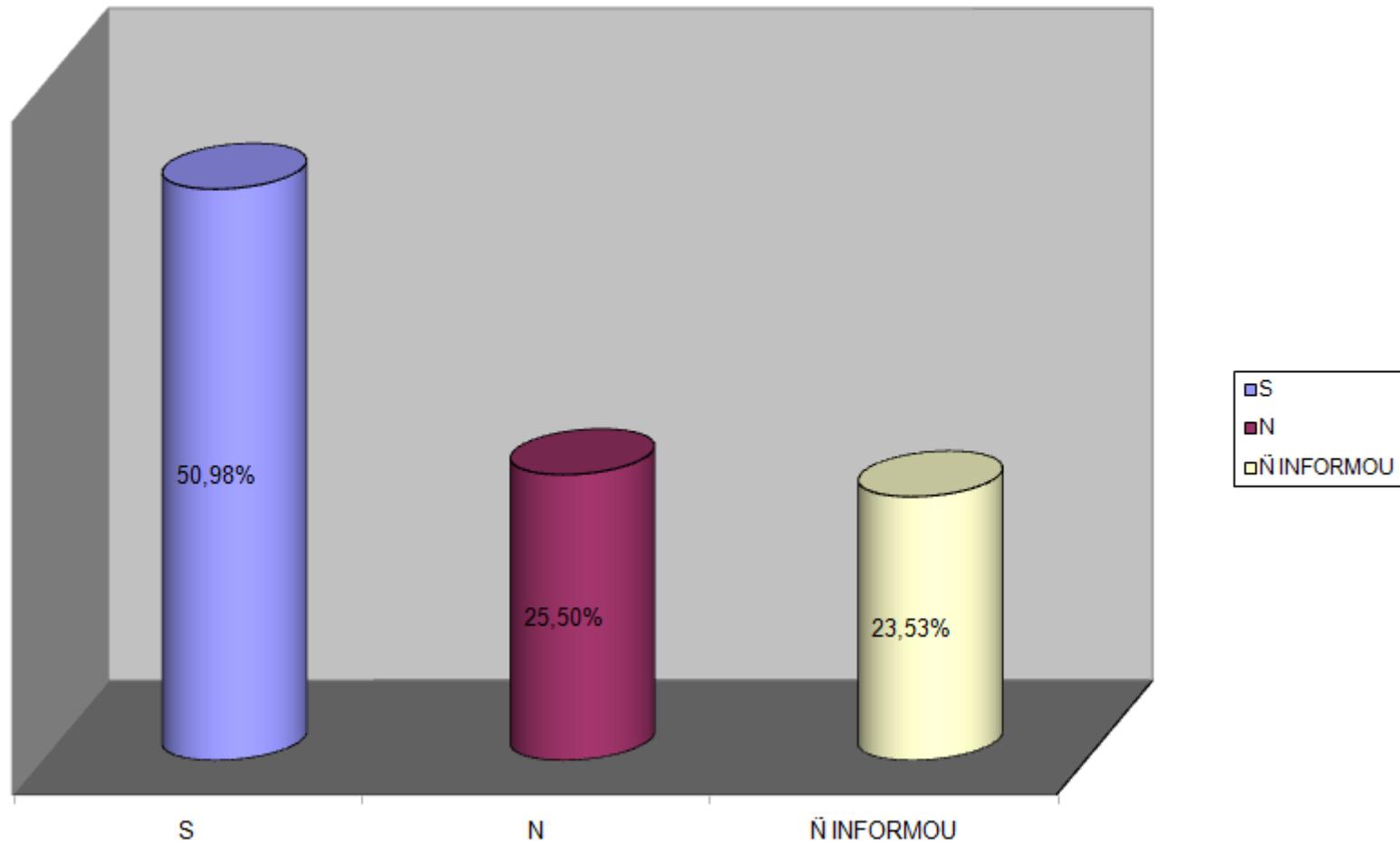
QUANTOS FILHOS MENORES DE 5 ANOS?



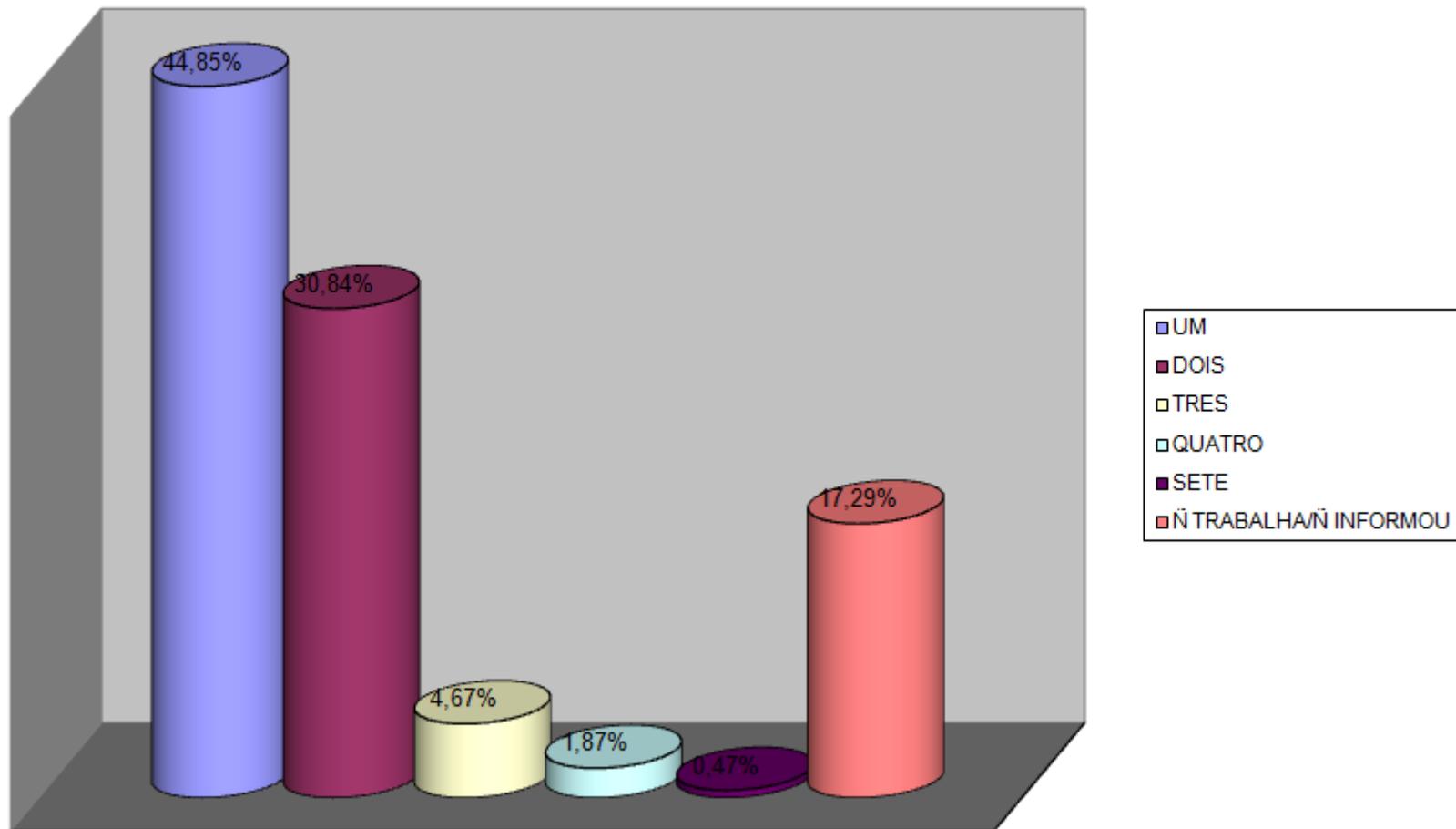
## IDADE DOS JOVENS



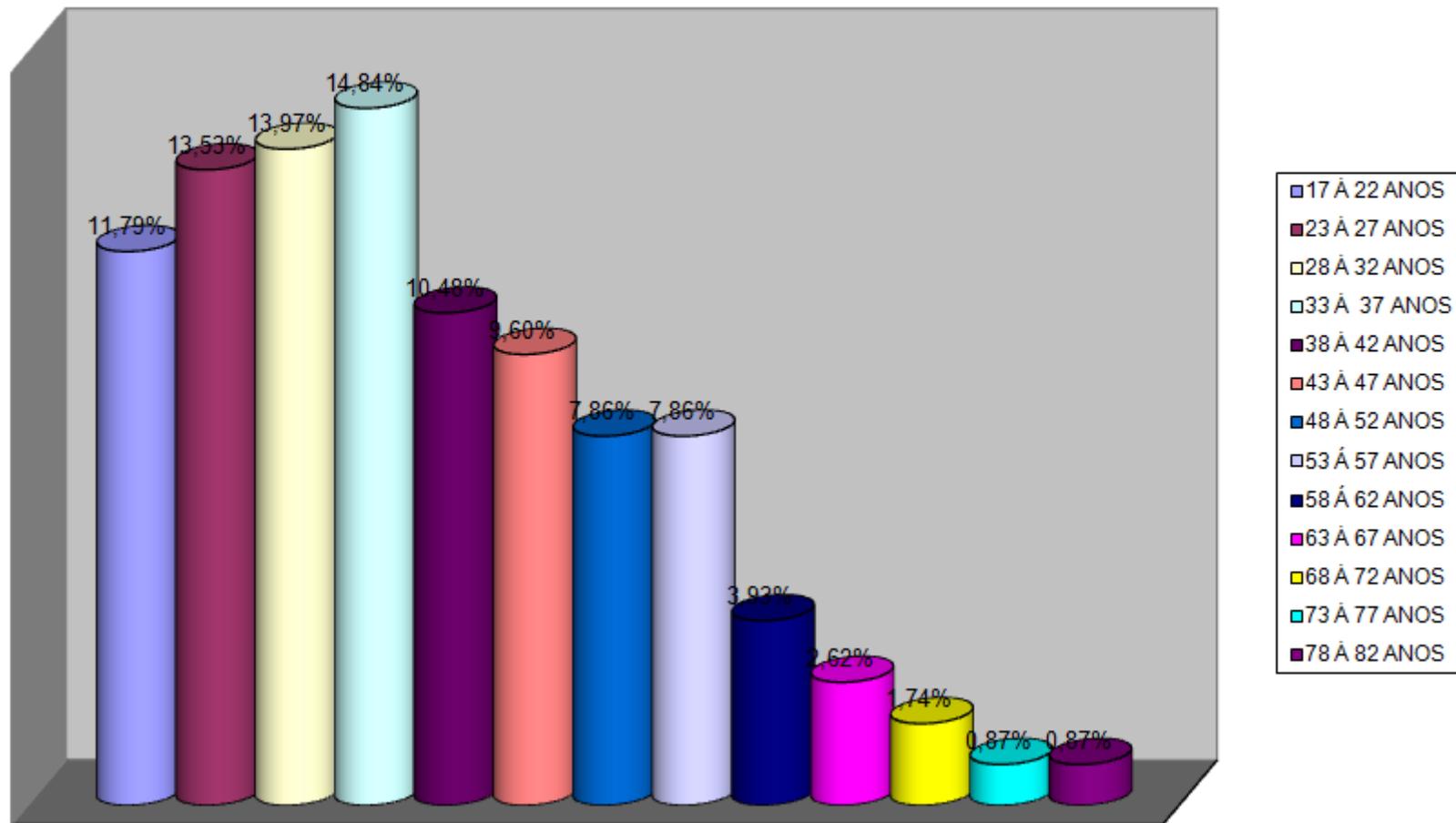
### MATRICULADOS NA ESCOLA?



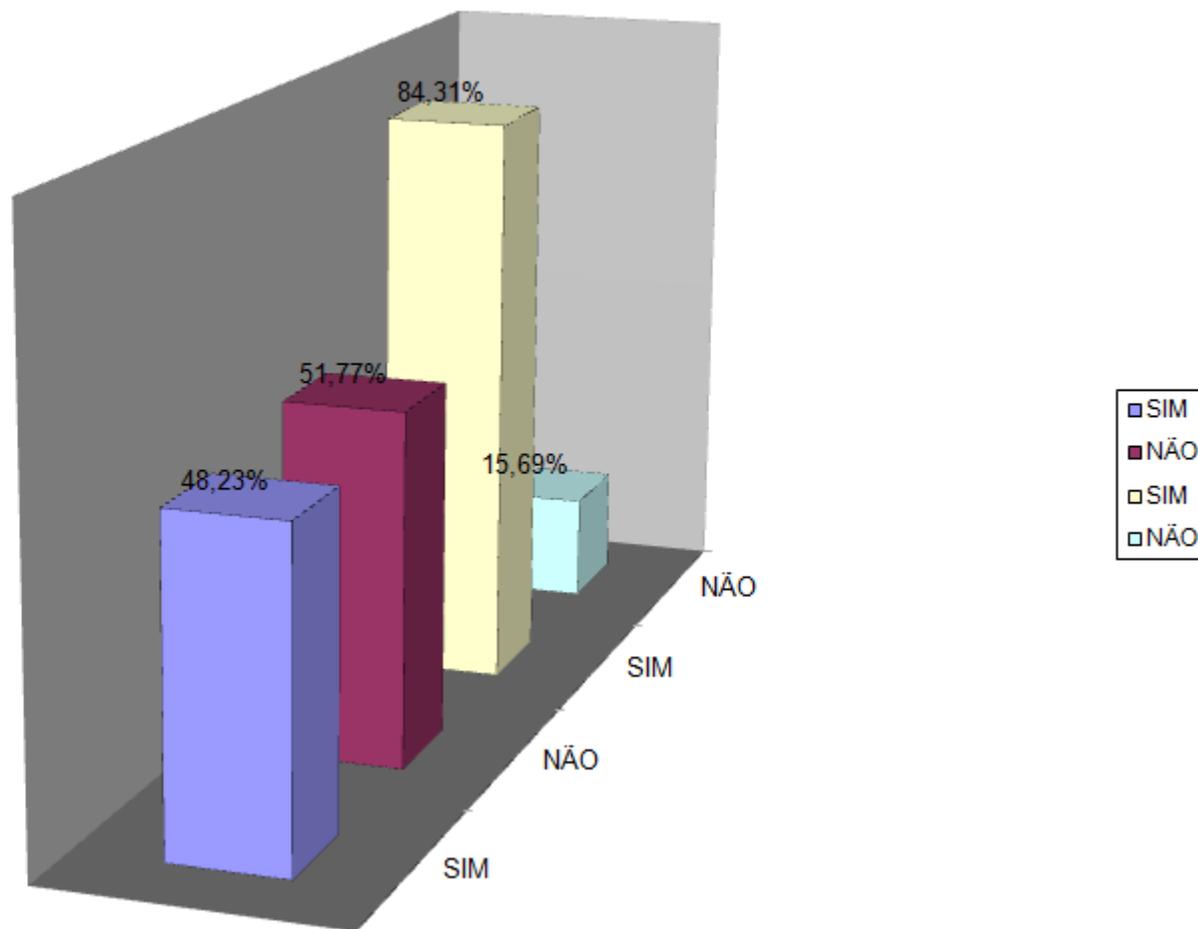
### QUANTAS RESIDENTES DA CASA TRABALHAM?



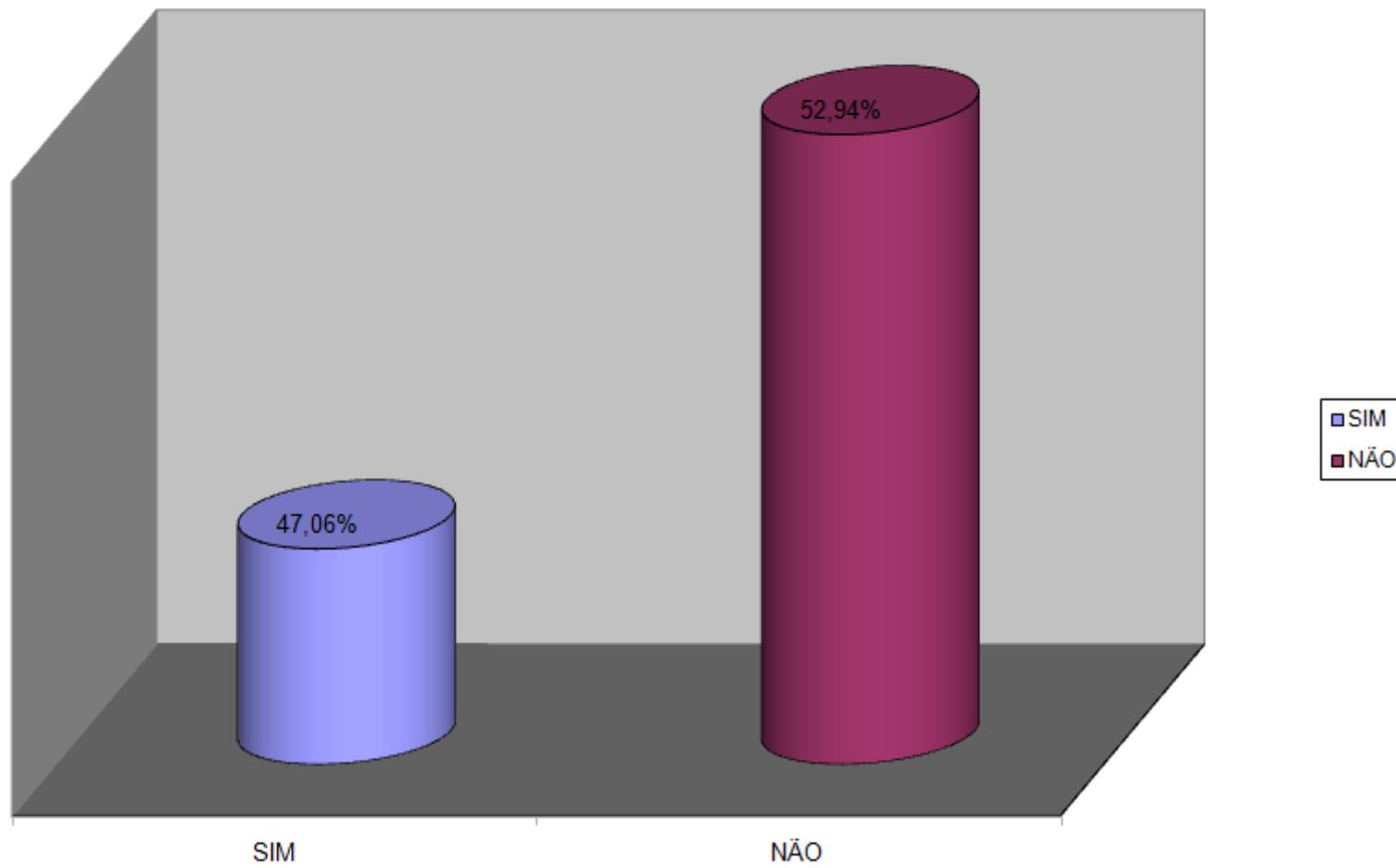
### FAIXA ETÁRIA DE QUEM TRABALHA



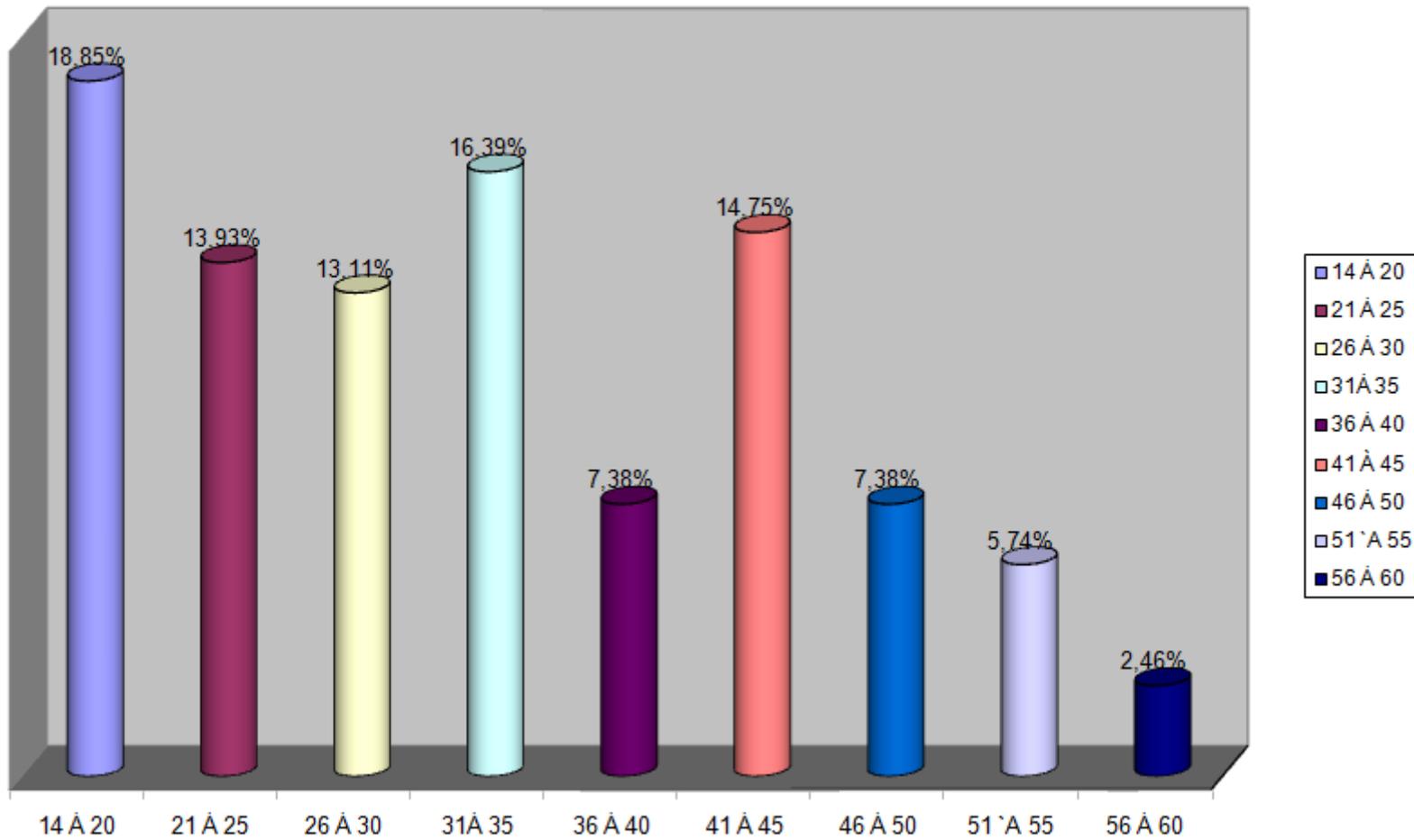
### TRABALHA NA AGRICULTURA OU FORA DA COMUNIDADE?



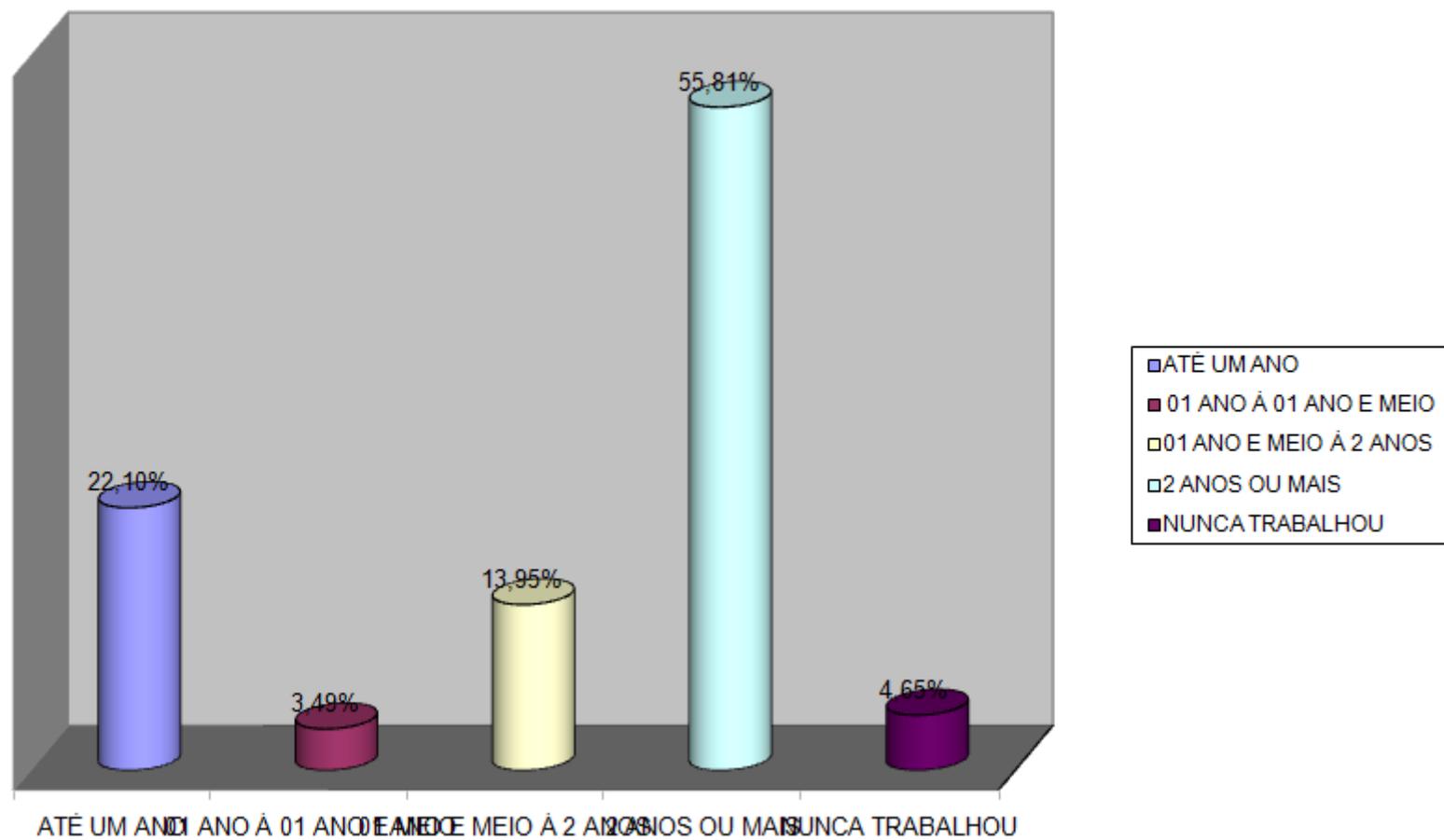
### DESEMPREGADOS NA RESIDENCIA?



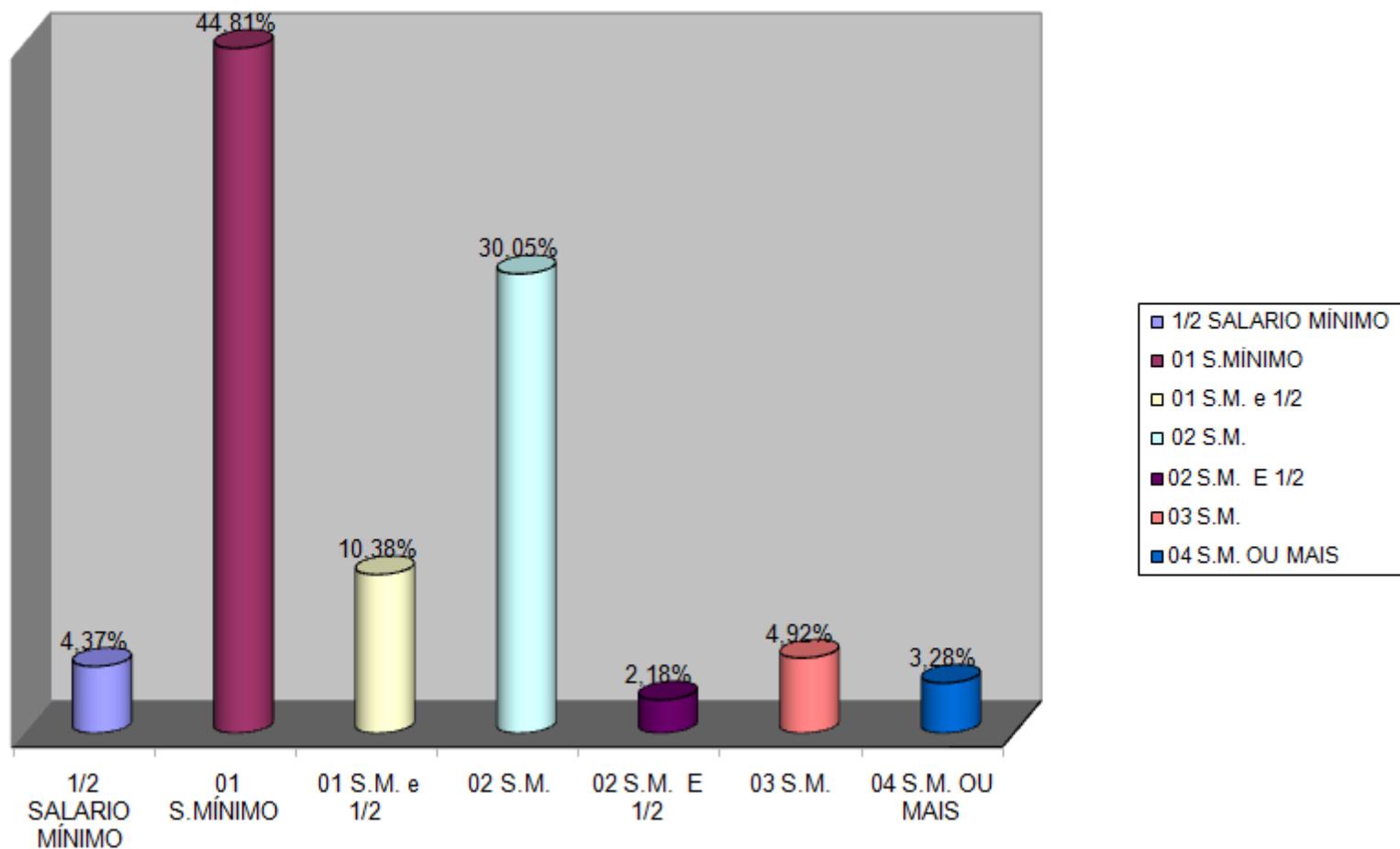
### FAIXA ETÁRIA:



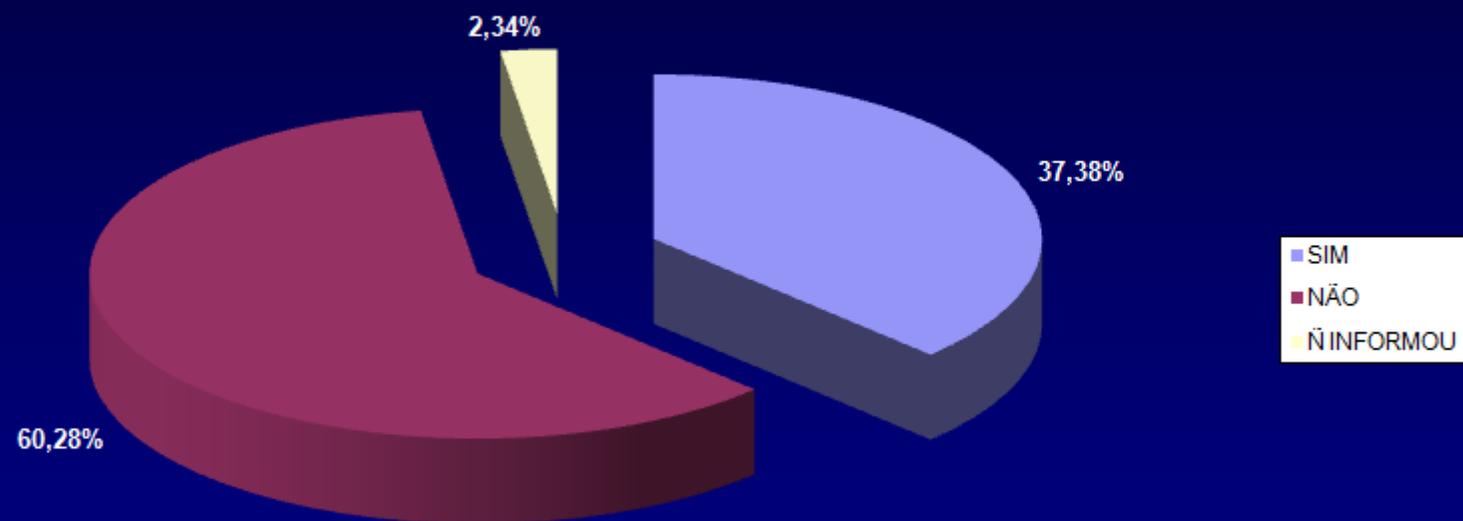
### HÁ QUANTO TEMPO DESEMPREGADO?



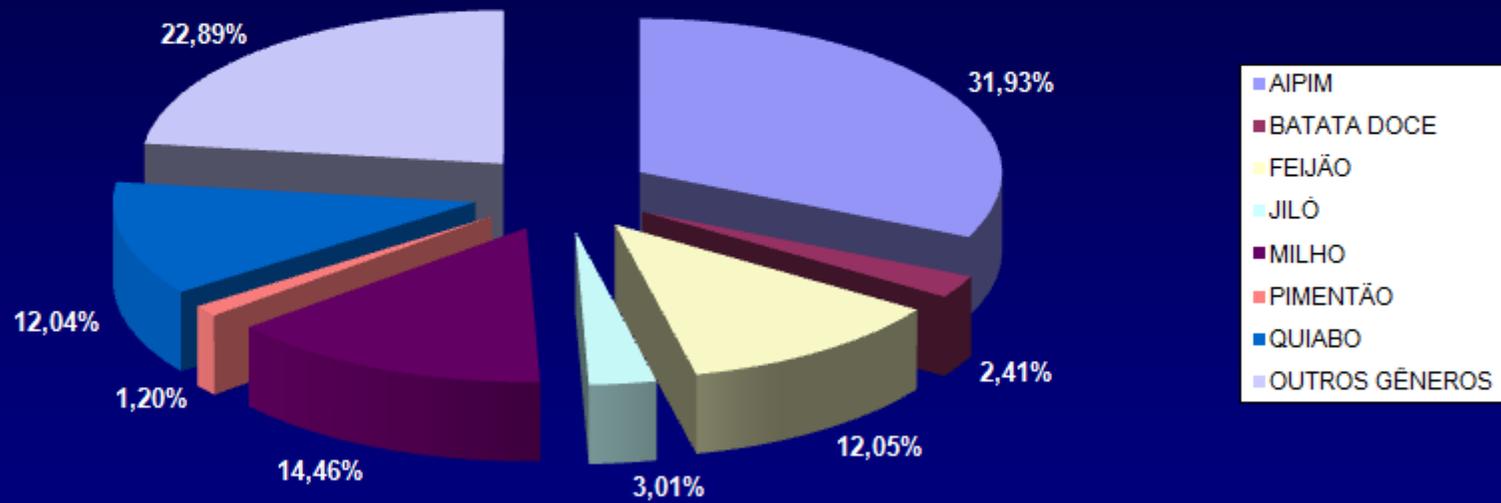
### FAIXAS DE RENDA FAMILIAR:



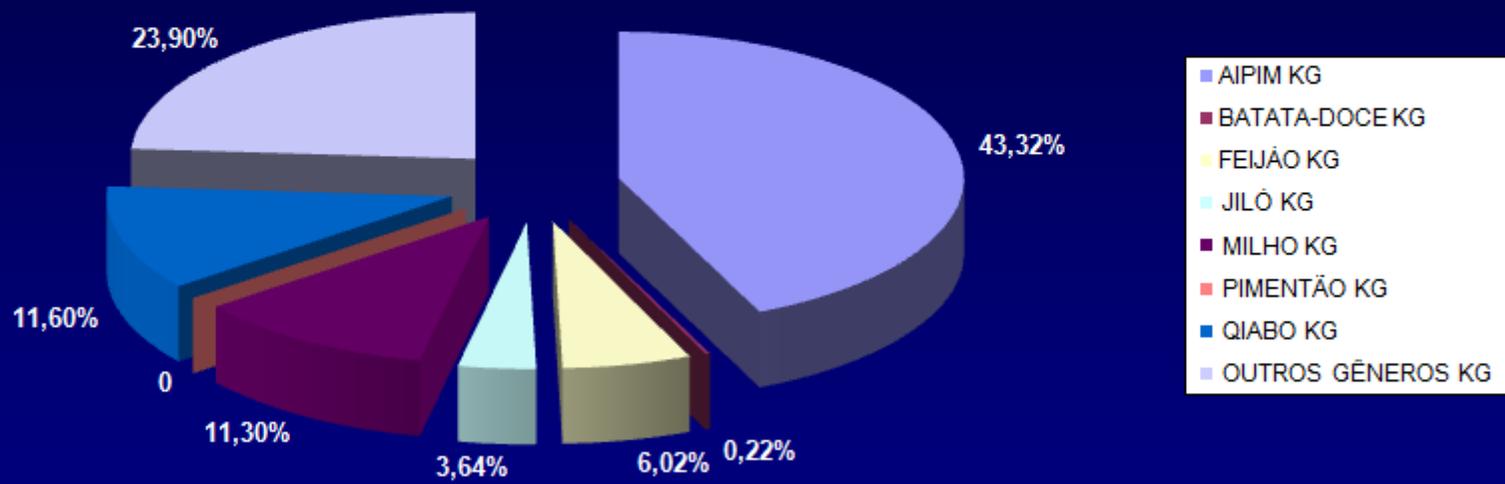
### HOUVE P.AGRÍCOLA NO ÚLTIMO ANO?



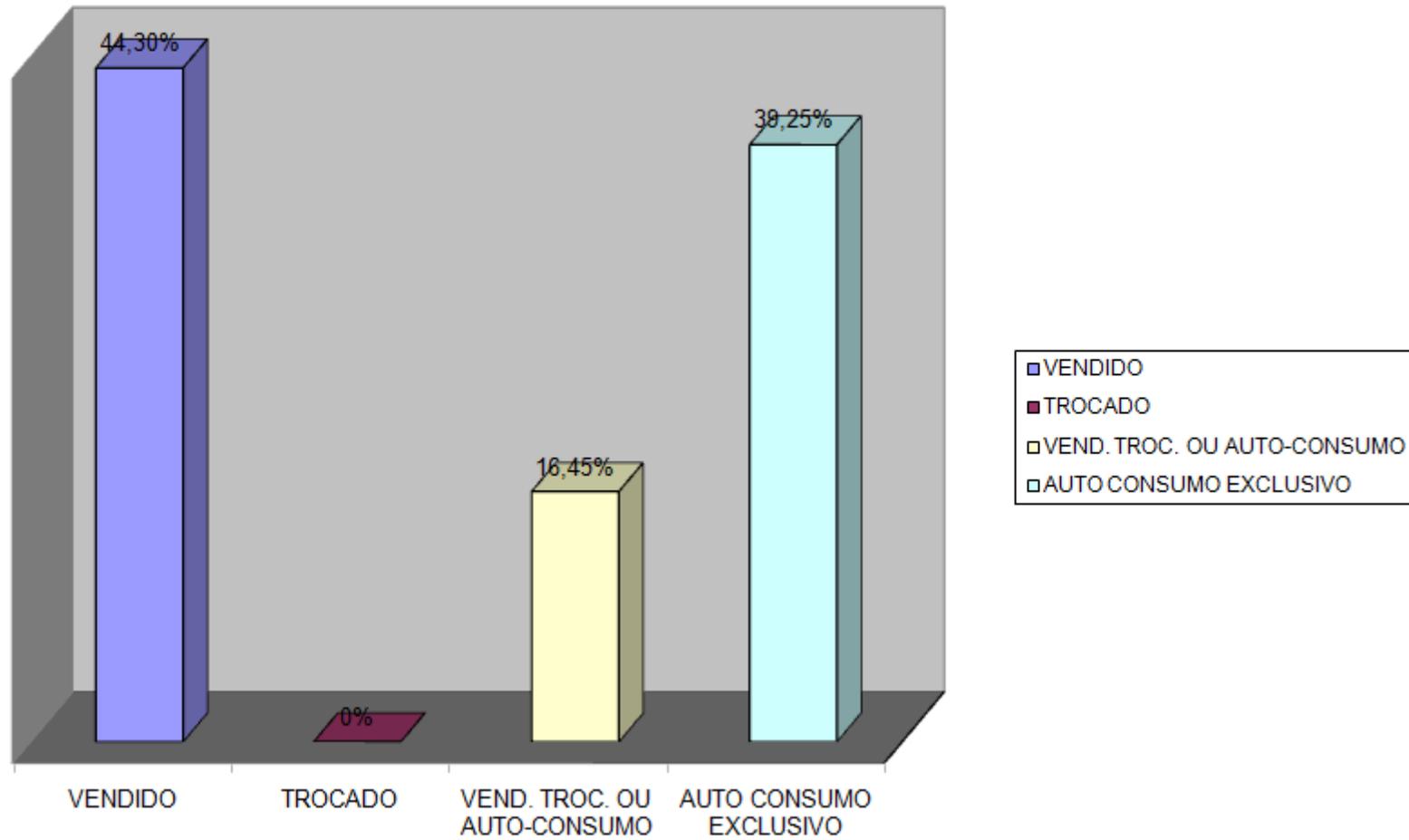
### GENÉROS (EM IMPORTÂNCIA)



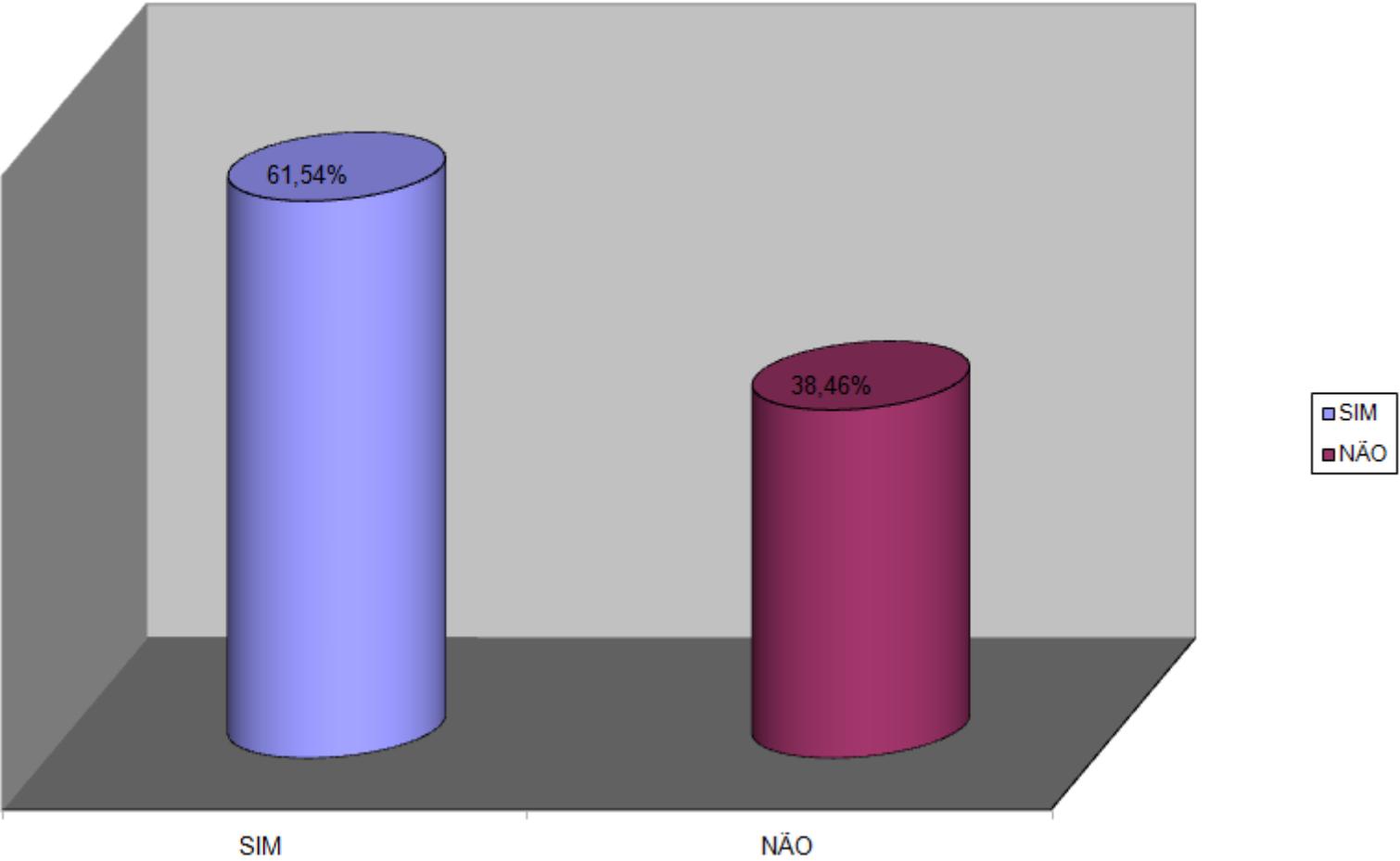
### GÊNEROS (PRODUTIVIDADE)



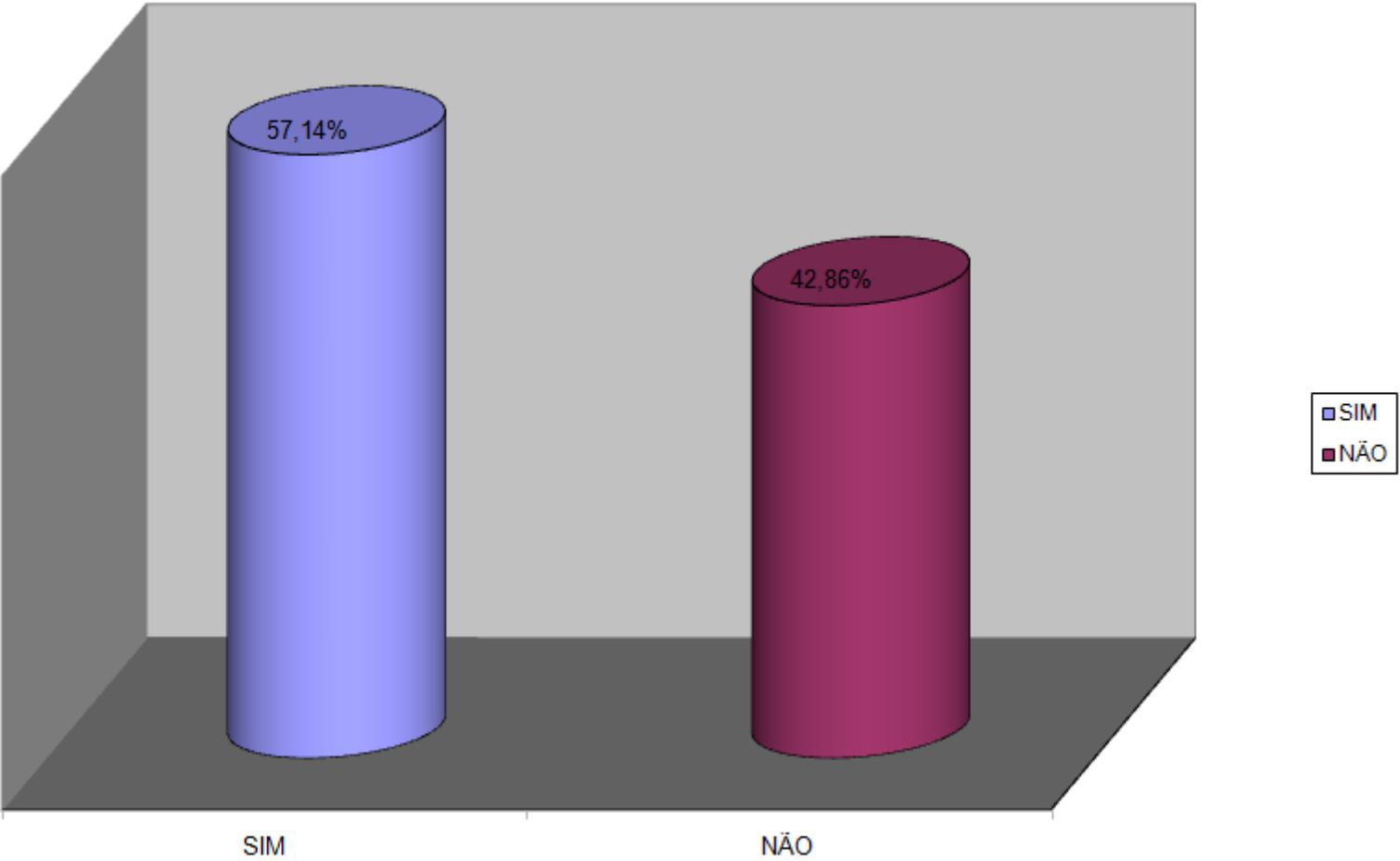
### DESTINO DA PRODUÇÃO:



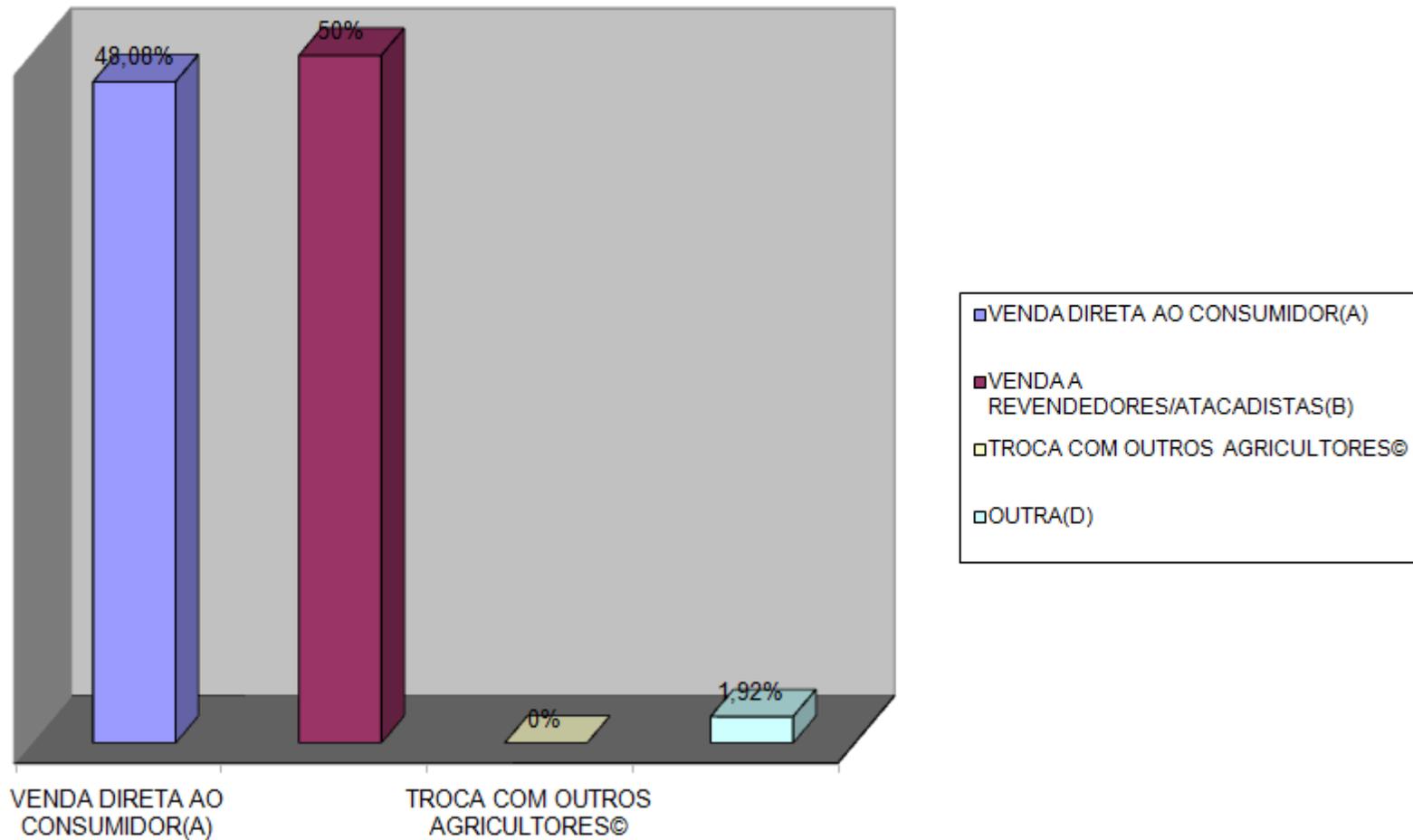
HOUVE PERDA DE PRODUÇÃO?



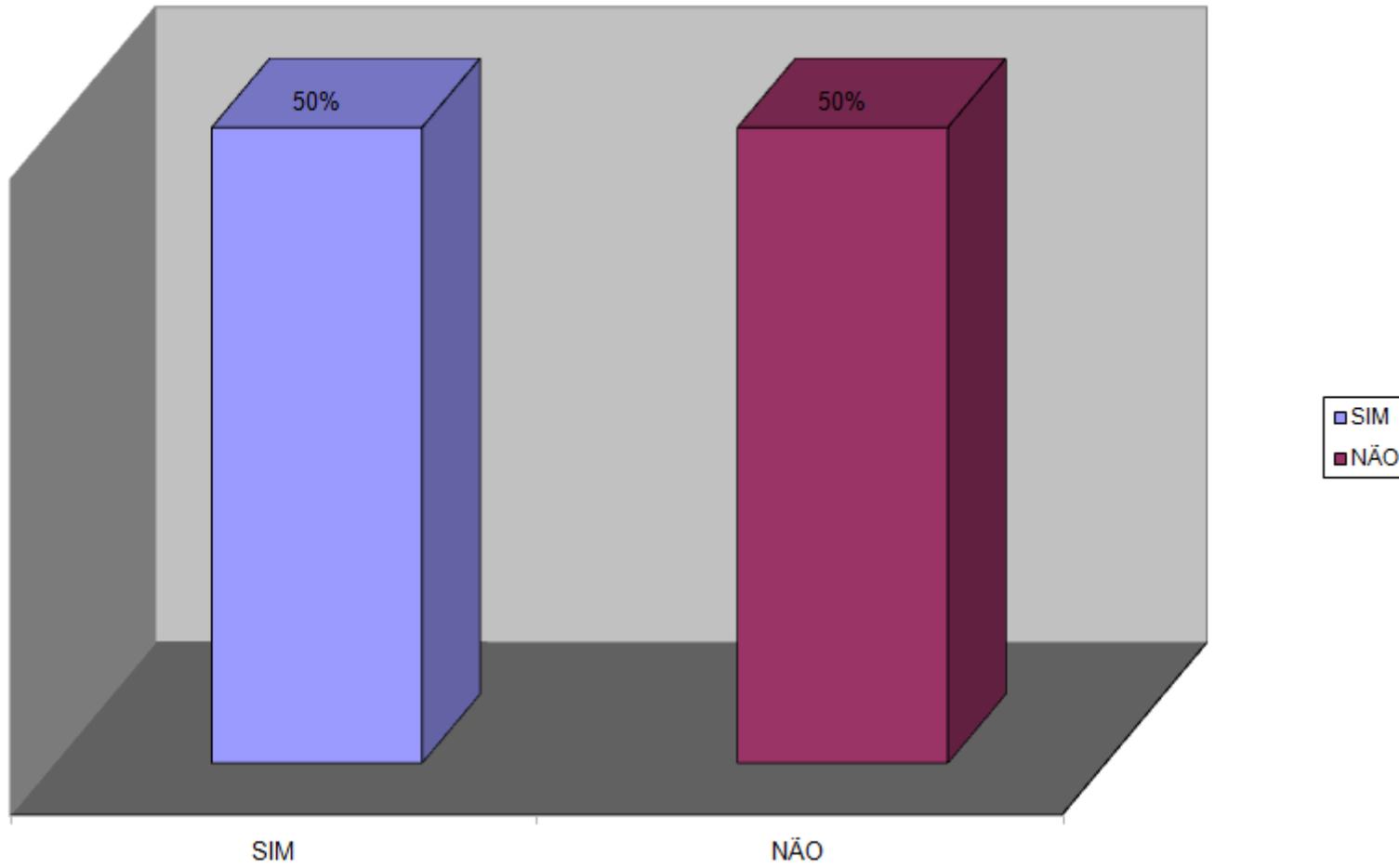
HOUVE PREJUÍZO FINANCEIRO?



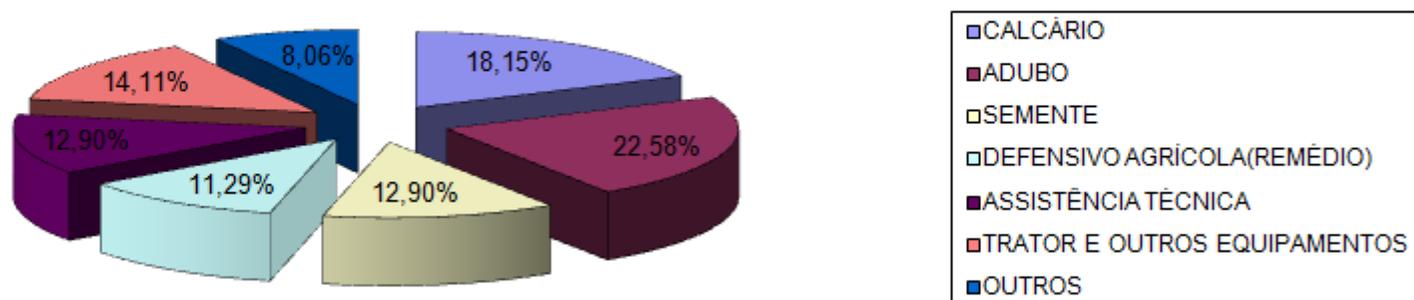
### FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO:



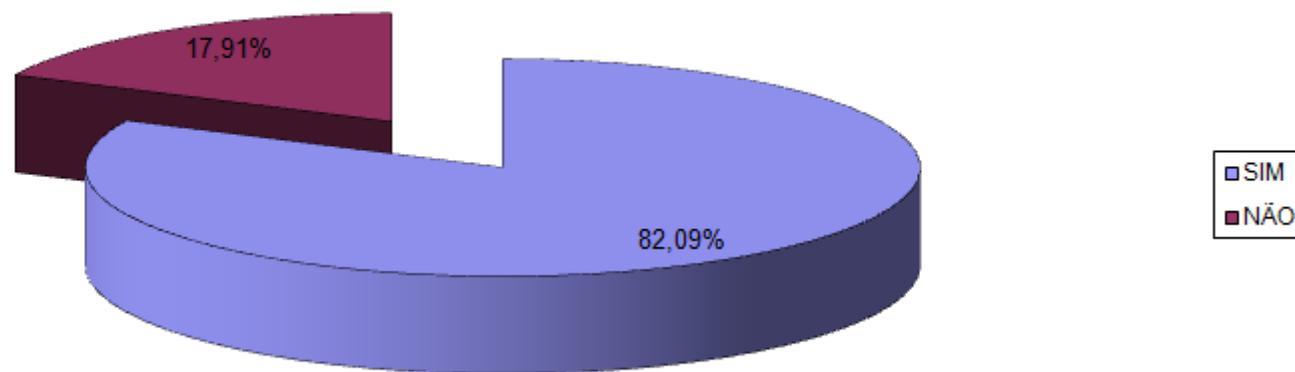
### DIFICULDADE DE COMERCIALIZIZAÇÃO?



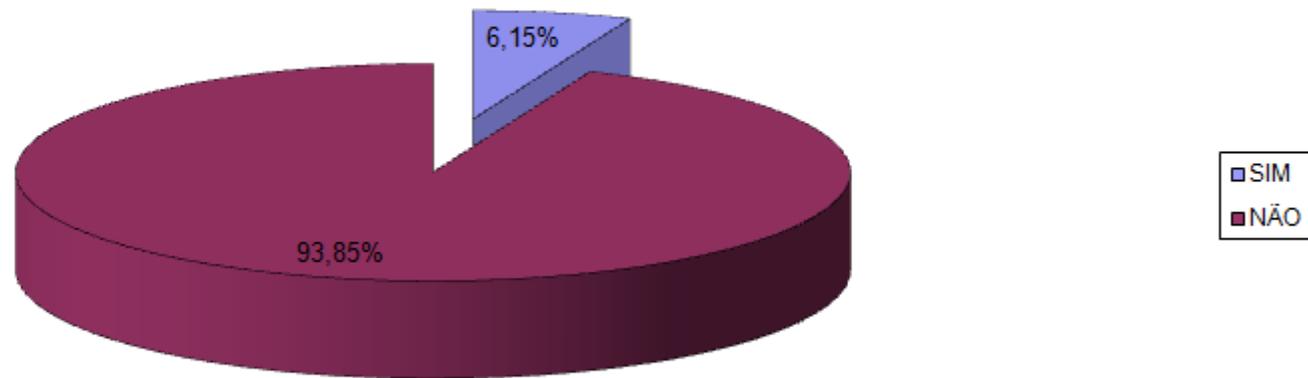
## ITENS PARA TORNAR A PROPRIEDADE PRODUTIVA



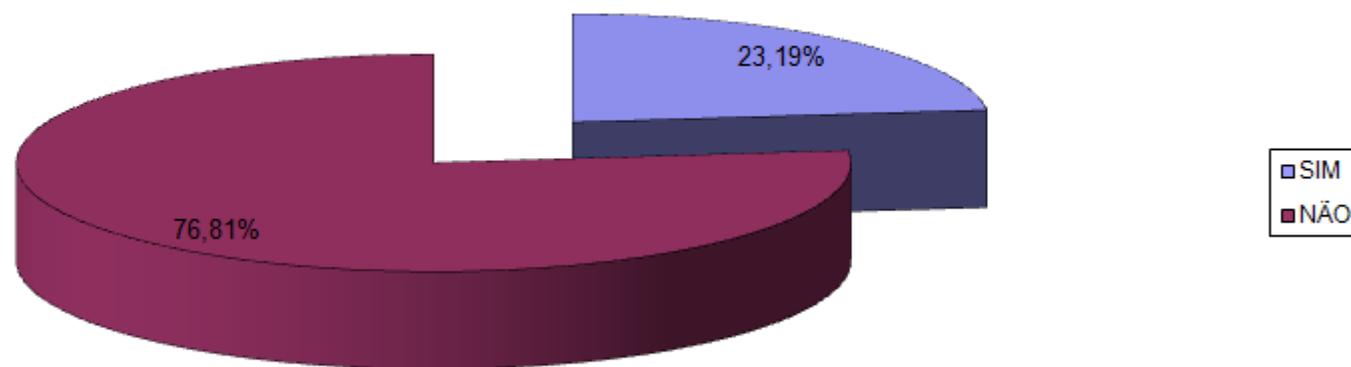
### NOVAS TECNICAS CONTRIBUEM?



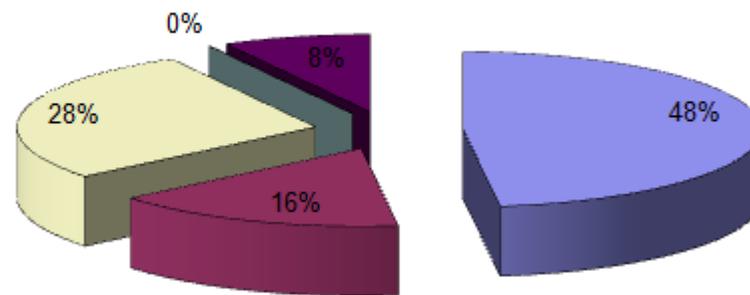
### POSSUI TALÃO DE NOTA FISCAL?



### INVESTIMENTOS NOS ULTIMOS 12 MESES

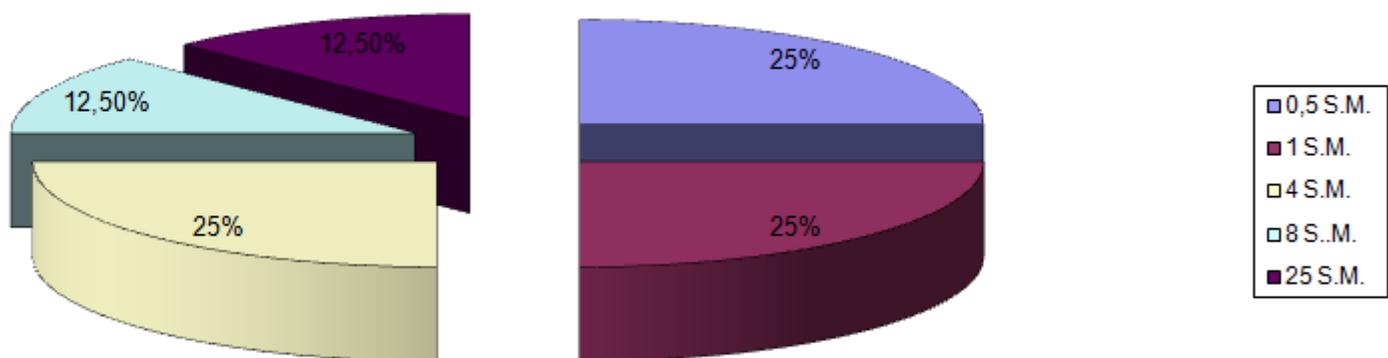


## QUAL TIPO DE INVESTIMENTO?

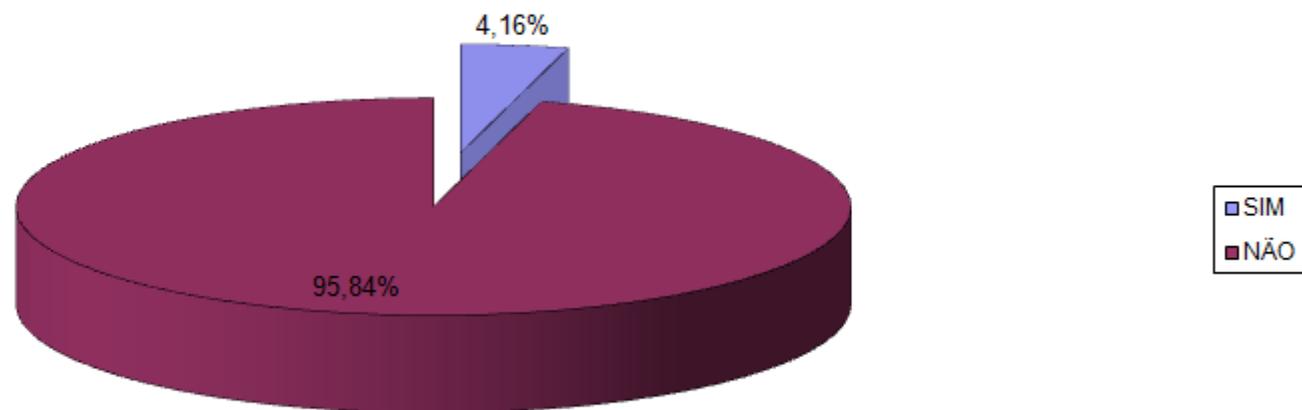


- INFRA-ESTRUTURA FÍSICA (CONSTRUÇÃO) (A)
- EQUIPAMENTO (AQUISIÇÃO, RENOVAÇÃO) (B)
- AMPLIAÇÃO DE ESTOQUE DE MATÉRIA-PRIMA OU INSUMOS ©
- ABERTURA DE ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO (D)
- OUTROS (E)

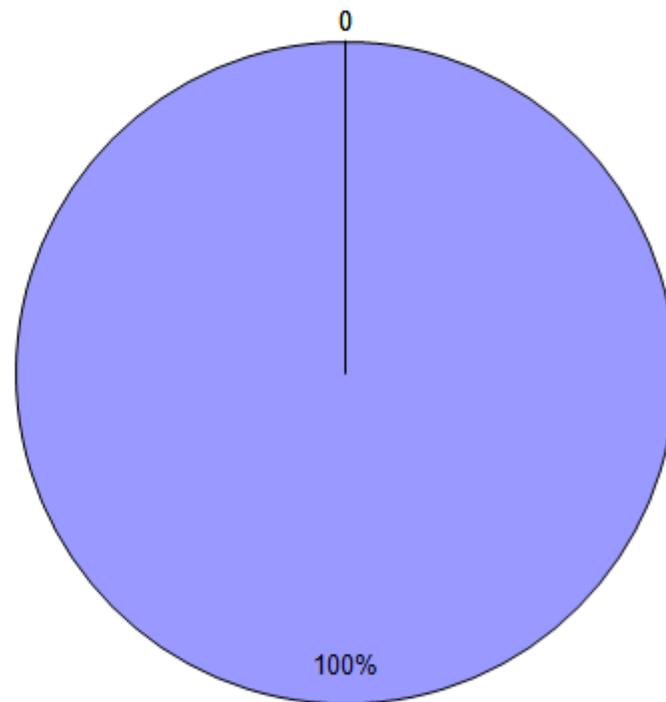
### QUAL VALOR ?



### CRÉDITO OU FINANCIAMENTO NOS ULTIMOS 12 MESES?



## QUAL FINALIDADE?

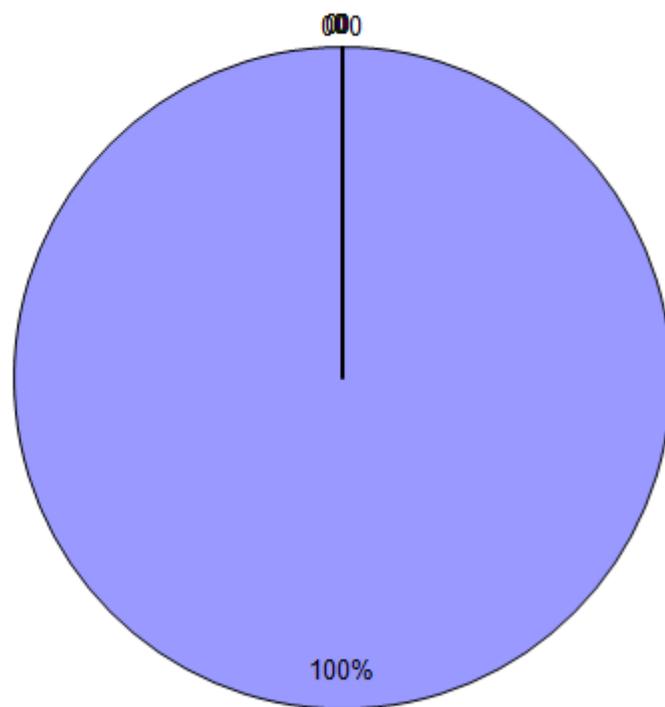


■ CUSTEIO OU CAPITAL DE GIRO (A)

■ INVESTIMENTO (B)

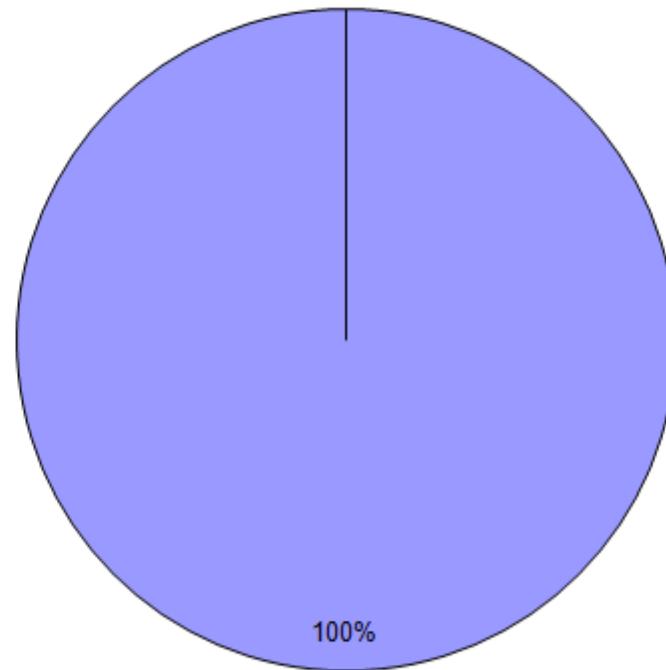
□ CUSTEIO OU CAPITAL DE GIRO E INVESTIMENTO ©

## QUAL FONTE DE CRÉDITO E FINANCIAMENTO?



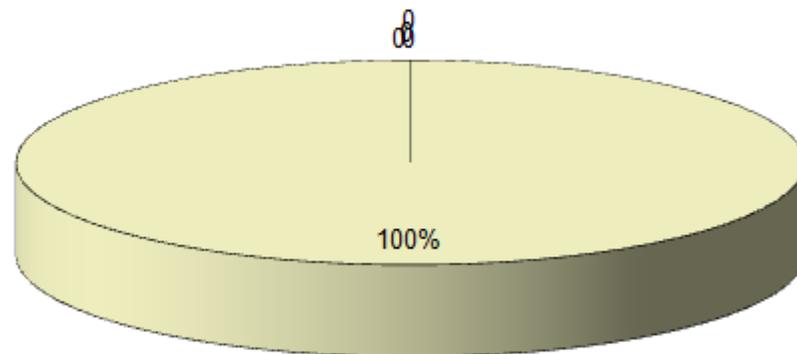
- BANCO PÚBLICO.QUAL? (A)
- BANCO PRIVADO.QUAL? (B)
- BANCO DO POVO OU SIMILAR.QUAL? ©
- COOPERATIVA DE CRÉDITO. QUAL? (D)
- OUTRA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA PRIVADA.QUAL? (E)
- ONG OU OSCIP COM FUNDO DE CRÉDITO OU FUNDO ROTATIVO.QUAL? (F)
- OUTRO.QUAL?

QUAL VALOR? 5 SALÁRIOS MINIMOS.



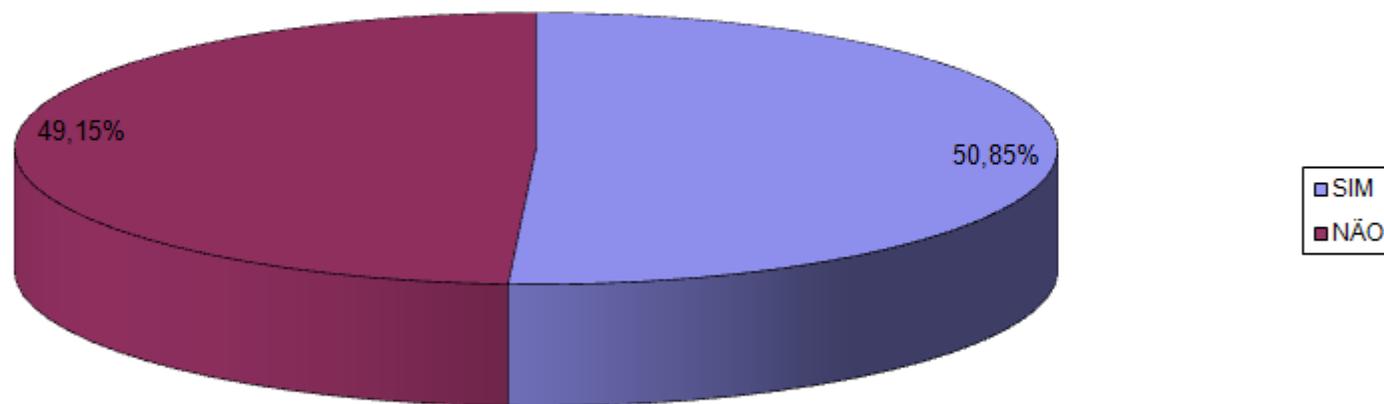
■ 1

### SITUAÇÃO ATUAL DO PAGAMENTO? EM DIA!

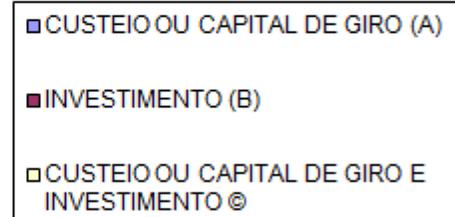
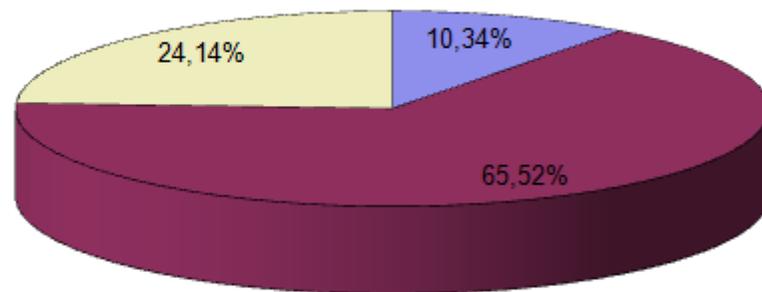


- ESTÁ NO PRAZO DE CARÊNCIA (A)
- PAGAMENTO CONCLUÍDO (B)
- PAGAMENTO EM DIA ©
- PAGAMENTO EM ATRASO (D)
- OUTRO.QUAL? (E)

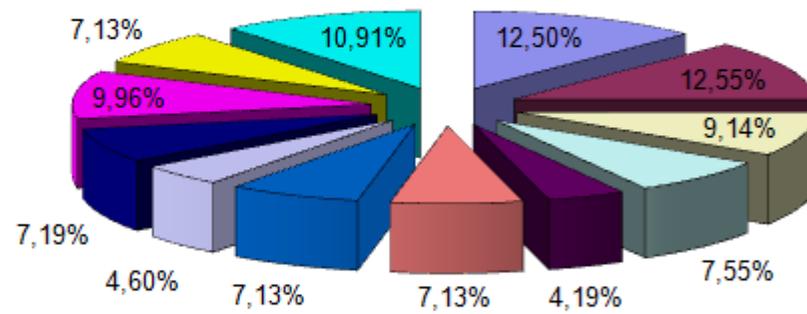
### NECESSIDADE DE CREDITO OU FINANCIAMENTO NO MOMENTO?



## QUAL FINALIDADE?

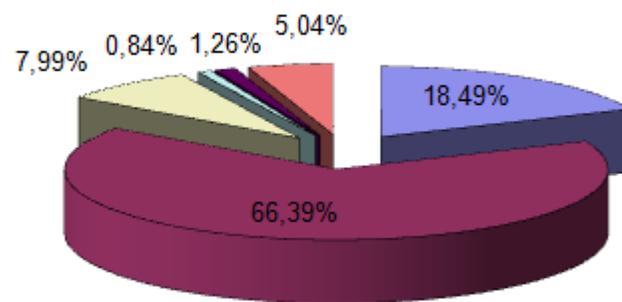


## ALIMENTOS DE CONSUMO DIÁRIO:



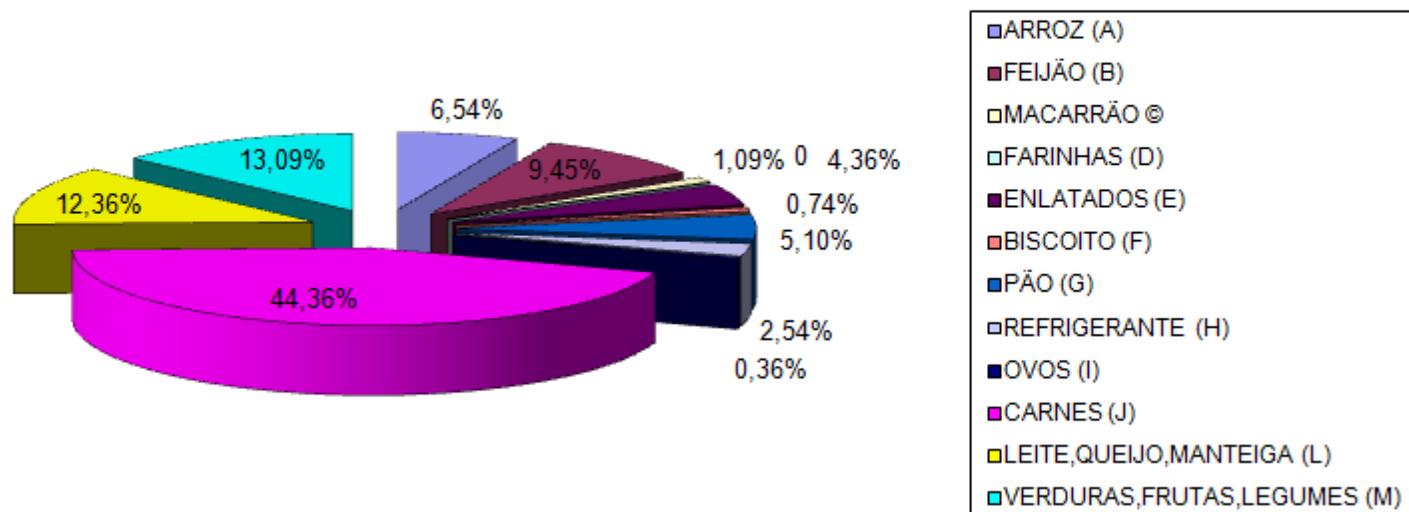
- ARROZ (A)
- FEIJÃO (B)
- MACARRÃO (C)
- FARINHAS (D)
- ENLATADOS (E)
- BISCOITO (F)
- PÃO (G)
- REFRIGERANTE (H)
- OVOS (I)
- CARNES (J)
- LEITE, QUEIJO, MANTEIGA (L)
- VERDURAS, FRUTAS, LEGUMES (M)

## ONDE COMPRA?

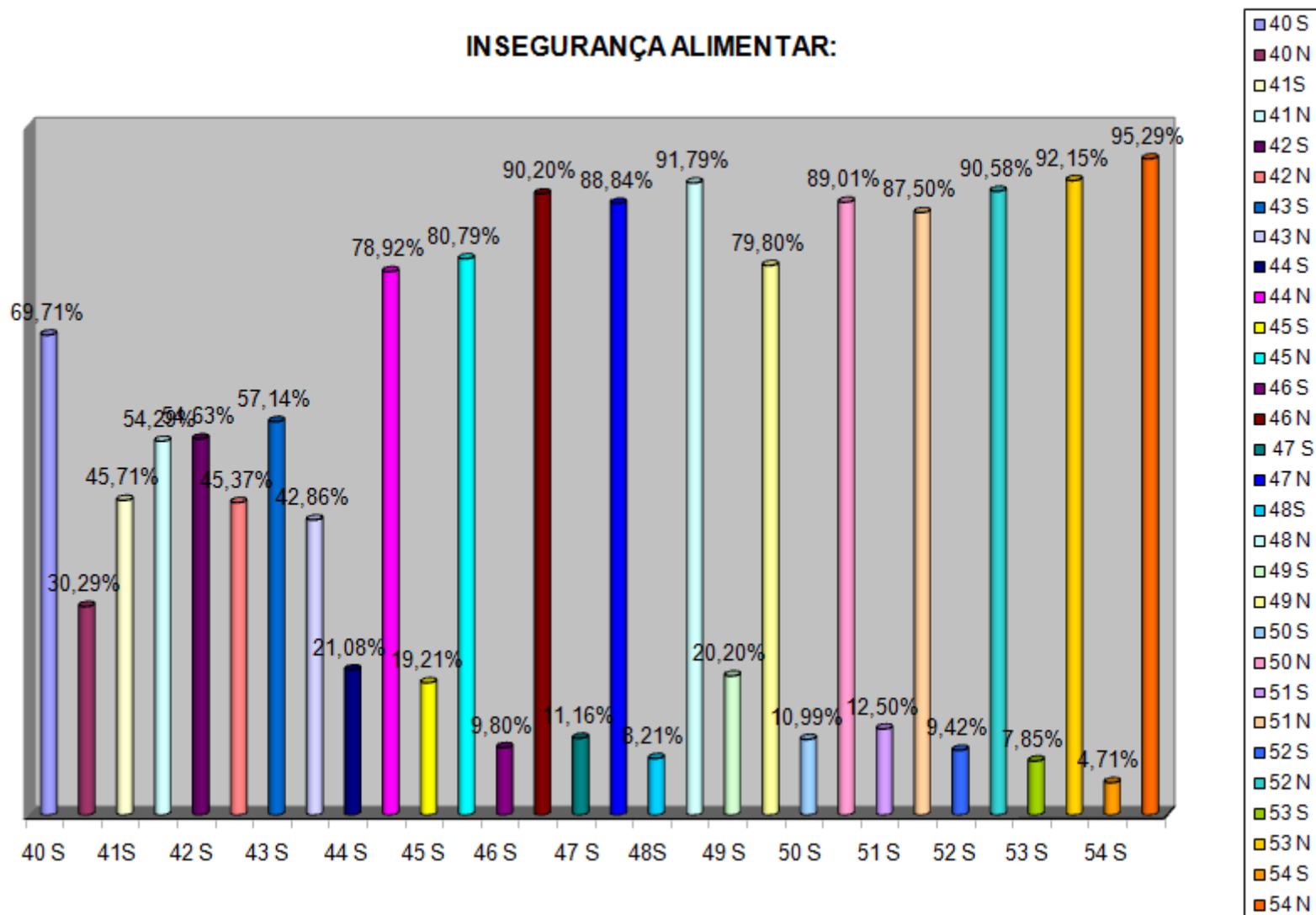


- ARMAZÉM OU MERCADO LOCAL(1)
- COMPRA EM GRANDE REDE DE SUPERCADAX(2)
- PRODUÇÃO PRÓPRIA(3)
- TROCA COM VIZINHOS E PARENTES(4)
- DOAÇÕES DE VIZINHOS OU PARENTES(5)
- OUTRA.QUAL?(6)

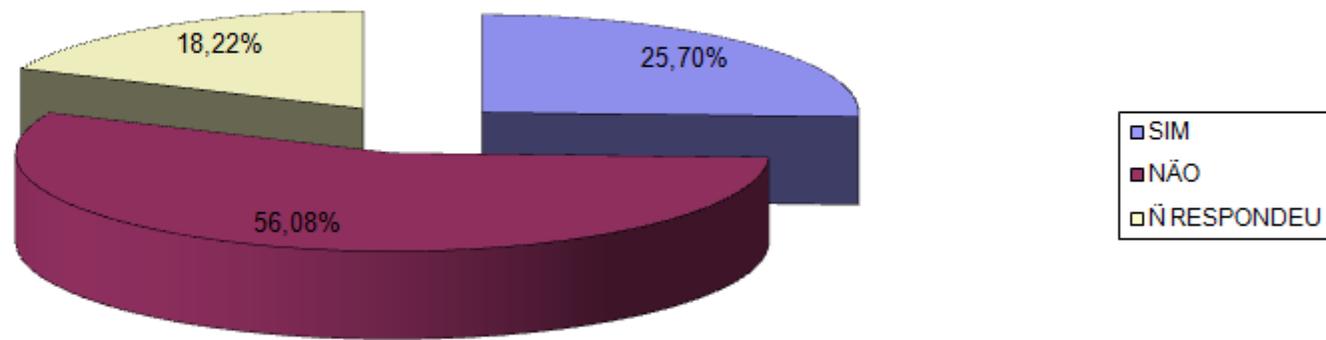
**OS TRÊS ALIMENTOS DE MAIS DIFÍCIL ACESSO: CARNES; LEITES E DERIVADOS;  
VERDURAS, FRUTAS E LEGUMES.**



### INSEGURANÇA ALIMENTAR:



### SÓCIO DA ASSOCIAÇÃO?



### TRABALHA NA AGRICULTURA OU FORA DA COMUNIDADE?

